

JOAN DIDION



O ANO DO  
PENSAMENTO  
MÁGICO

*Este livro é para John e Quintana.*

TRADUÇÃO

PAULO ANDRADE LEMOS

**A** vida se transforma rapidamente. A vida muda num instante. Você se senta para jantar, e aquela vida que você conhecia acaba de repente. A questão da autopiedade.

Estas foram as primeiras palavras que escrevi depois do ocorrido. No arquivo guardado em meu computador ("Anotações sobre transformação.doc") está registrada a data: 20 de maio de 2004 / 23h11. Devo ter aberto o arquivo e automaticamente clicado em salvar quando o fechei. Não fiz nenhuma alteração naquele arquivo em maio. Não fiz nenhuma alteração naquele arquivo desde que escrevi aquelas palavras em janeiro de 2004, um dia ou dois (ou três) após o acontecimento.

Durante muito tempo, não escrevi mais nada.

**A** vida muda num instante. Num instante comum.

A uma certa altura, para ressaltar o que me parecia ser a coisa mais impressionante relacionada ao que aconteceu, pensei em adicionar as seguintes palavras: "Num instante comum." Percebi imediatamente que não haveria necessidade de adicionar a palavra "comum", porque não haveria como esquecê-la: esta palavra nunca saiu da minha cabeça. O que me impediu de acreditar plenamente que tal fato havia acontecido e de absorvê-lo, assimilá-lo e superá-lo foi, na verdade, a natureza comum de todas as coisas que precederam a ocorrência. Reconheço agora que não havia nada de incomum nisso. Quando somos confrontados com uma infelicidade repentina, percebemos que as circunstâncias dentro das quais o fato impensável aconteceu não têm nada de excepcional: o límpido céu azul de onde o avião caiu; o dia normal que terminou com o carro pegando fogo no acostamento; as crianças brincando normalmente nos balanços, quando a cascavel, escondida na hera, deu o bote. "Ele estava voltando para casa. Feliz,

com saúde e de bem com a vida quando, de repente... se foi." Foi o que li no depoimento da enfermeira de uma clínica psiquiátrica, cujo marido havia morrido num acidente de automóvel. Em 1966, tive a oportunidade de entrevistar muitas pessoas que estavam em Honolulu no dia 7 de dezembro de 1941, e todos, sem exceção, começaram a relatar os acontecimentos de Pearl Harbor dizendo que "era um domingo de manhã, um dia comum". "Era apenas um dia bonito e normal do mês de setembro", é o que as pessoas relatam quando descrevem aquele dia em Nova York no qual os aviões que operavam o voo número 11 da American Airlines e o voo 175 da United Airlines entraram voando nas torres do World Trade Center. Até mesmo o relatório da Comissão de Investigação sobre a ocorrência se inicia num tom insistentemente premonitório e assustador: "O dia de terça-feira, 11 de setembro de 2001, amanheceu com temperatura amena e céu quase sem nuvens na região leste dos Estados Unidos."

"E, de repente, ele se foi." No meio da vida, estamos na morte, são as palavras que os protestantes episcopais dizem num enterro. Mais tarde, me dei conta de que devo ter repetido os detalhes do ocorrido a todas as pessoas que vieram à minha casa nas duas semanas que se seguiram ao acidente, a todos os amigos e parentes que me traziam comida, que preparavam as bebidas e que arrumavam os pratos na mesa da sala de jantar para quem estivesse presente na hora do almoço ou do jantar, além daqueles que tiravam a mesa, que congelavam o que tinha sobrado, que botavam a máquina de lavar pratos para funcionar e que enchiam a nossa casa (eu ainda não conseguia pensar em termos de minha casa) que, de outro modo, ficava vazia sem eles, mesmo depois de eu ter ido ao nosso quarto e de ter fechado a porta — o quarto onde o roupão de banho desbotado tamanho GG, comprado nos anos setenta no Richard Carroll, em Beverly Hills, ainda estava em cima do sofá. As recordações mais claras que tenho dos acontecimentos dos primeiros dias e semanas subseqüentes ao acidente são aqueles momentos nos quais eu era tomada pela exaustão. Não me lembro de ter contado os detalhes para ninguém e, no entanto, devo ter feito isso,

porque todo mundo parecia estar informado de tudo. A uma certa altura dos acontecimentos, achei que houvessem transmitido uns aos outros os detalhes da história, mas essa idéia foi imediatamente posta de lado, porque o relato era sempre muito preciso para que as informações tivessem sido transmitidas pelo boca-a-boca. A informação tinha partido de mim mesma.

Um outro motivo que me fez perceber que a informação tinha partido de mim foi porque nenhuma das versões que ouvi incluía certos detalhes que eu ainda não conseguia enfrentar, como, por exemplo, a mancha de sangue no chão da sala de estar, que ficou intocada até o dia seguinte, quando o José veio limpar.

José fazia parte da nossa casa. Ele estava com um voo marcado para Las Vegas naquele mesmo dia à tarde (31 de dezembro), mas acabou não embarcando. José chorou enquanto limpava o sangue do chão. Quando contei o que tinha acontecido, ele a princípio não entendeu direito. Obviamente, eu não era a narradora ideal dessa história: a minha versão dos fatos era ao mesmo tempo precipitada, desconexa e pouco objetiva, e alguma coisa no meu tom de voz não conseguia transmitir o ponto central da situação (eu me depararia mais tarde com a mesma dificuldade, quando tive de contar à minha filha, Quintana), mas na hora em que viu o sangue, ele entendeu tudo.

Eu já havia recolhido as seringas descartadas e os eletrodos do eletrocardiograma antes de o José chegar, mas não fui capaz de enfrentar a mancha de sangue no chão.

Em linhas gerais.

Estou escrevendo isso agora, no dia 4 de outubro de 2004, à tarde.

Há exatos nove meses e cinco dias, mais ou menos às nove da noite do dia 30 de dezembro de 2003, meu marido John Gregory Dunne pareceu ter sofrido (e sofreu) um mal súbito, um grave acidente coronariano que ocasionou a sua morte, logo depois de nos sentarmos para jantar na mesa da sala do nosso apartamento em Nova York. Nossa única filha, Quintana, havia passado as cinco noites anteriores

no CTI do hospital da unidade Singer do Beth Israel, naquela época localizado na East End. Avenue (foi fechado em agosto de 2004), mais conhecido como "Beth Israel North", ou como "o antigo Doctors' Hospital". O que parecia ser um caso de gripe, forte o bastante para que ela tivesse que ser levada ao setor de emergência do hospital no dia de Natal de manhã, evoluiu para um quadro de pneumonia e choque séptico. Estas palavras que estou escrevendo são a minha tentativa de extrair algum significado daquele período de tempo que se seguiu, daquelas semanas e meses que acabaram com qualquer idéia fixa que eu já pudesse ter tido sobre doença e morte, sobre probabilidade e sorte (a boa e a má), sobre casamento, filhos e lembranças, sobre sofrimento, sobre as maneiras como as pessoas lidam (ou não lidam) com o fato de que a vida acaba, sobre a imprevisibilidade da saúde, sobre a vida, enfim. Sempre fui escritora. E, como escritora, muito antes de ter meus escritos publicados, eu já havia desenvolvido, desde menina, a sensação de que o significado residia no ritmo das palavras, das frases e dos parágrafos — técnica para manter encobertas por detrás de um acabamento, de um verniz cada vez mais impenetrável, as coisas que eu pensava ou acreditava. O modo como escrevo é o que eu sou, ou o que eu me tornei. No entanto, neste caso em particular, gostaria de poder dispor de uma ilha de edição equipada com um sistema digital, onde, em vez de usar palavras e ritmos, eu apertaria uma tecla que desmontaria toda a seqüência cronológica e apresentaria simultaneamente todas as imagens que a memória me trouxesse, para que então eu pudesse selecionar as tomadas de cena, os modos de expressão radicalmente diferentes e as variantes interpretativas das mesmas falas. Neste caso em particular, necessito de algo mais do que palavras para encontrar um significado. Necessito de alguma coisa que me pareça (ou que eu acredite ser) penetrável, pelo menos para mim.

30 de dezembro de 2003, terça-feira.

Tínhamos acabado de visitar Quintana no CTI do sexto andar do hospital Beth Israel North.

Chegamos era casa.

Ficamos em dúvida sobre jantar fora ou em casa.

Eu disse que ia acender a lareira e que a gente podia comer em casa.

Acendi a lareira, comecei a preparar o jantar, perguntei ao John se ele queria beber alguma coisa.

Servi um uísque e entreguei a meu marido na sala de estar, enquanto ele lia na poltrona perto da lareira, onde costumava se sentar.

Ele estava lendo um livro de David Fromkin, O último verão europeu: quem começou a Grande Guerra de 1914.

Aprontei o jantar e preparei a mesa na sala de estar, que era, quando estávamos só nós dois em casa, onde podíamos comer olhando para a lareira. Eu cuidava do fogo porque uma lareira era uma coisa importante para a gente. Eu cresci na Califórnia, e foi também onde eu e o John moramos durante vinte e quatro anos. Lá a gente aquecia a casa acendendo a lareira. A gente acendia a lareira mesmo nas noites de verão, por causa da cerração. A lareira queria dizer que estávamos em casa, que a gente estava dentro do círculo de proteção, que estávamos em segurança para passar a noite. Acendi as velas. John me pediu um segundo uísque antes de se sentar para jantar. Eu servi. Sentamo-nos. Minha atenção estava concentrada em misturar a salada.

John estava falando e, de repente, parou de falar.

Houve um momento, nos segundos ou no minuto antes de ele ter parado de falar, em que tinha me perguntado se eu servira uísque single malt na segunda dose. Eu disse que não, que tinha usado o mesmo da primeira vez.

— Bom — diz ele. — Não sei por quê, mas acho que não se deve misturar os dois.

Num outro momento, ele falou sobre a Primeira Guerra Mundial, um acontecimento crucial que tinha desencadeado todo o restante do século XX.

Não tenho idéia sobre que assunto a gente estava falando, se era sobre o uísque ou a Primeira Guerra, no instante em que ele parou de falar.

Só me lembro de ter olhado para ele. Com a mão esquerda levantada, ele estava imóvel, curvado sobre si mesmo. A princípio, pensei que estava fazendo alguma espécie de brincadeira, uma tentativa de fazer a dificuldade do dia parecer mais assimilável.

Lembro-me de ter dito: "Não faz isso!"

Quando ele não teve nenhuma reação, meu primeiro pensamento foi o de que ele tinha começado a comer e tinha se engasgado. Lembro-me de ter tentado afastá-lo do encosto da poltrona para poder aplicar a técnica Heimlich. Lembro-me da sensação do peso do seu corpo quando ele caiu para a frente, primeiro em cima da mesa e depois no chão. Perto do telefone da cozinha eu tinha colado um cartão com os telefones de emergência do New York-Presbyterian Hospital. Eu não havia previsto nenhum momento como esse quando fixei os números dos telefones ali. Tinha feito isso para o caso de alguém do prédio precisar de uma ambulância.

Alguém mais, outra pessoa.

Liguei para um dos números. O atendente perguntou se ele estava respirando. Eu disse: "Por favor, venham logo." Quando os enfermeiros chegaram, tentei contar o que havia acontecido, mas antes que eu pudesse terminar, eles já tinham transformado parte da sala num setor de emergência. Um deles (eram três, talvez quatro, mas, mesmo uma hora depois do ocorrido, eu não saberia dizer) estava falando com o hospital sobre o eletrocardiograma que pareciam já estar enviando para lá. Um outro estava abrindo a embalagem da primeira ou da segunda das muitas seringas que seriam usadas. (Epinefrina?

Lidocaína? Procainamida? Os nomes me vinham à cabeça sem eu saber de onde.) Lembro-me de ter dito que ele devia talvez ter se engasgado. Isso foi descartado com um gesto do enfermeiro: a passagem de ar estava desimpedida. Agora, eles pareciam usar desfibriladores, numa tentativa de restabelecer o ritmo cardíaco. Eles conseguiram algo que poderia ser um batimento normal (ou eu pensava que tivessem conseguido; estávamos todos em silêncio, quando de repente houve um súbito estremelecimento) que depois se perdeu, e então eles começaram de novo.

— Ele ainda está fibrilando — lembro-me de ouvir um dos enfermeiros dizendo ao telefone.

— Fibrilação ventricular — disse o cardiologista do John, no dia seguinte, quando telefonou de Nantucket. — Eles devem ter dito fibrilação ventricular.

Talvez eles tivessem dito fibrilação ventricular, talvez não. Fibrilação atrial não causa imediatamente ou necessariamente uma parada cardíaca. A ventricular, sim. Talvez ventricular fosse pertinente.

Lembro-me de tentar organizar as coisas na minha cabeça com relação ao que ia acontecer em seguida. Já que havia uma equipe de enfermeiros na sala, o próximo passo, logicamente, seria ir para o hospital. Ocorreu-me que os enfermeiros poderiam decidir de repente que era hora de ir para o hospital, e eu não estava pronta. Eu não tinha à mão as coisas que precisaria levar. Eu ia perder tempo e acabaria ficando para trás. Encontrei minha bolsa, o chaveiro e um resumo que o médico do John tinha feito da ficha médica dele. Quando voltei para a sala, os enfermeiros estavam olhando para o monitor do computador que tinham colocado no chão. Não dava para ver o monitor, e então eu fiquei observando as expressões deles. Lembro-me de um deles dando uma olhada rápida para os outros. Quando chegaram à decisão de levar John para o hospital, tudo aconteceu muito rápido. Segui-os até o elevador e perguntei se podia ir com eles. Eles disseram que seguiriam com a maca primeiro e que eu poderia ir na segunda ambulância. Um deles ficou comigo esperando o elevador subir novamente. Quando



entramos na segunda ambulância, aquela que transportava a maca estava saindo da frente do prédio. A distância do nosso prédio até o New York-Presbyterian, que antes era conhecido como New York Hospital, era de seis quadras, atravessando a cidade. Não me lembro das sirenes. Não me lembro do trânsito. Quando chegamos na entrada do setor de emergência do hospital, a maca já estava desaparecendo dentro do prédio. Havia um homem esperando na entrada dos carros. Todo mundo estava usando uniforme. Ele não.

— Esta é a esposa do paciente? — ele perguntou ao motorista, virando-se depois para mim. — Sou o seu assistente social — ele disse, e acho que foi assim que eu o fiquei conhecendo.

"Abri a porta, vi aquele homem com a roupa verde e entendi tudo. Percebi imediatamente." Foi isso o que a mãe de um rapaz de dezenove anos, morto por uma bomba em Kirkuk, disse num documentário da HBO, citado por Bob Herbert no New York Times em 12 de novembro de 2004. "Mas eu achei que, se não deixasse ele entrar, ele não ia ter como me dizer nada. E então, aquilo... nada daquilo teria acontecido. E ele continuava dizendo: 'Minha senhora, eu tenho que entrar aí.' E eu continuava dizendo a ele: 'Me desculpe, mas você não vai entrar, não.'"

Quando li isso, tomando café, quase onze meses depois da noite com a ambulância e o assistente social, eu reconheci aquele pensamento como sendo meu.

No setor de emergência, pude ver a maca sendo empurrada por mais gente de uniforme verde para dentro de um compartimento. Alguém me disse para esperar na recepção. Foi o que eu fiz. Havia uma fila para preencher os documentos para a internação. Esperar na fila parecia ser a coisa mais construtiva a se fazer. Esperar na fila queria dizer que ainda havia tempo de lidar com a situação. Eu tinha as cópias do seguro-saúde na minha bolsa, mas aquele era um hospital no qual eu nunca tinha estado. O New York Hospital era a parte Cornell do New York-Presbyterian, e a parte que eu conhecia era a parte Columbia-Presbyterian, na rua 168 com a Broadway, e levava vinte minutos no mínimo para chegar até lá, longe demais para este tipo de emergência.

Mas eu achava que mesmo assim seria capaz de fazer a coisa funcionar neste hospital com o qual eu não estava familiarizada. Eu poderia ser útil, poderia arranjar a transferência para o Columbia-Presbyterian, assim que a situação de meu marido se estabilizasse. Procurei me fixar nos detalhes desta transferência iminente para o Columbia. Ele iria precisar de um leito com telemetria, e depois eu também poderia transferir Quintana para o Columbia. Na noite em que ela deu entrada no Beth Israel North eu havia escrito num cartão os números dos bips de vários médicos do Columbia, e algum deles poderia fazer a coisa funcionar direito. O assistente social apareceu e me conduziu até uma sala vazia, fora da área da recepção.

— A senhora pode esperar aqui — disse ele.

Esperei. A sala estava fria ou eu é que estava com frio. Fiquei imaginando quanto tempo tinha se passado entre a hora em que eu chamei a ambulância e a chegada dos enfermeiros. Parecia que não tinha passado tempo nenhum (um cisco no olho de Deus, foi a frase que me veio naquela sala), mas devem ter se passado, no mínimo, vários minutos.

Numa espécie de quadro de avisos no meu escritório, por motivos que tinham a ver com um ponto-chave do enredo de um filme, tinha um cartão cor-de-rosa no qual eu havia escrito uma frase tirada do manual da Merck sobre quanto tempo o cérebro pode agüentar sem oxigênio. A imagem do cartão cor-de-rosa ficava vindo à minha cabeça, na sala onde eu estava: "Anoxia dos tecidos por > 4 a 6 minutos pode resultar em lesão cerebral irreversível ou morte." Fiquei repetindo para mim mesma que eu não devia estar lembrando direito da frase quando o assistente social reapareceu. Veio junto com um homem que ele me apresentou como "o médico do seu marido". Houve um silêncio.

— Ele morreu, não é? — eu me ouvi dizendo ao médico.

O médico olhou para o assistente social.

— Tudo bem — disse o assistente social. — Ela é uma cliente bastante equilibrada.

Eles me levaram para o compartimento com cortinado onde John estava. Eles me perguntaram se eu gostaria da presença de um padre. Eu disse que sim. Apareceu o padre e disse as palavras de praxe. Agradei. Eles me entregaram o prendedor de prata no qual John guardava a carteira de motorista e os cartões de crédito. Entregaram-me o dinheiro que estava no seu bolso, o relógio e o celular. Entregaram-me um saco plástico no qual eles disseram que estavam as roupas dele. Agradei. O assistente social perguntou se havia mais alguma coisa que pudesse fazer por mim. Eu disse que ele podia me arranjar um táxi, o que ele fez. Agradei.

— A senhora tem dinheiro para pagar a corrida?

A cliente bem equilibrada disse que sim. Quando entrei no apartamento e vi o casaco e o cachecol do John na cadeira onde ele os tinha posto, quando voltamos da visita que fizemos a Quintana no Beth Israel North (o cachecol vermelho de cashmere e o casaco de nylon que tinha sido da equipe do filme íntimo e pessoal), me perguntei o que é que uma cliente desequilibrada poderia fazer. Cair em prantos? Necessitar de sedação? Gritar?

Lembro-me de ter pensado que eu precisava conversar com John sobre aquilo.

Eu conversava com John sobre tudo o que acontecia.

Pelo fato de sermos escritores e trabalharmos em casa, nossos dias eram sempre cheios do som das nossas vozes.

Nem sempre eu achava que ele estivesse com a razão e ele também não, mas nós confiávamos um no outro. Em nenhuma situação havia separação nos nossos investimentos nem nos nossos interesses. Muitas pessoas supunham que nós deveríamos ser, de algum modo, "competitivos", já que às vezes um, e às vezes o outro é quem recebia as melhores críticas ou os adiantamentos maiores, e que a nossa vida particular fosse um campo minado de invejas e ressentimentos profissionais. Esse quadro estava tão longe da realidade que a insistência geral em cima disso acabou por revelar certas lacunas no entendimento popular do que seja um casamento.

Isso foi mais uma coisa sobre a qual a gente conversou.

Na noite em que voltei do New York Hospital sozinha para casa, a sensação de silêncio que tomava conta do apartamento me marcou enormemente.

No saco plástico que me deram no hospital havia uma calça de veludo cotelê, uma camisa de lã, um cinto, e acho que nada mais. As pernas da calça de veludo tinham sido cortadas, imagino que pelos enfermeiros. Havia sangue na camisa. O cinto estava enrolado. Lembro-me de ter posto o celular de John no carregador, em cima da escrivaninha. Lembro-me de ter posto o prendedor de prata na caixa onde ele guardava os passaportes, as certidões de nascimento e os comprovantes de ter sido membro do júri num julgamento. Examinei o prendedor e vejo quais eram os cartões que ele estava carregando: a carteira de motorista do estado de Nova York, com validade até 25 de maio de 2004; um cartão do Chase; um cartão American Express; um MasterCard Wells Fargo; um cartão do Metropolitan Museum; uma carteira da Writers Guild of America West<sup>1</sup> (estávamos na temporada que precede a votação para o Oscar, e ele podia usar o cartão para ver filmes de graça; ele deve ter ido ver algum filme, não me lembro); um cartão do plano de saúde Medicare; um cartão do metrô; e um cartão da Medtronic com os dizeres "Sou portador de um marca-passo Kappa 900 SR", onde constava também o número de série do aparelho, o número do telefone do médico que o colocou e a observação "Data do implante: 3 de junho de 2003". Lembro-me de ter juntado o dinheiro que estava no bolso dele com o que estava na minha bolsa, de ter arrumado e alisado as notas, tomando especial cuidado de colocar as notas de vinte todas juntas, depois as de dez, as de cinco e as de um dólar. Enquanto fazia isso, lembro-me de ter pensado que, assim, ele veria que eu estava conseguindo administrar a situação.

Quando vi John no compartimento com cortinado no setor de emergência do New York Hospital, ele tinha um dente quebrado na frente, acho que devido à queda.

1. Sindicato dos Escritores do Oeste da América. (N.T.)

Havia também escuridões no rosto. Quando fui reconhecer o corpo no dia seguinte, no Frank E. Campbell, as escuridões não estavam aparentes. Ocorreu-me que maquiar as escuridões deve ter sido o que o agente funerário quis dizer quando eu disse que não queria embalsamá-lo, e ele disse: "Nesse caso, nós vamos apenas fazer uma limpeza nele." Essa parte com o agente funerário permanece enevada para mim. Eu havia chegado ao necrotério Frank E. Campbell tão determinada a evitar qualquer reação inadequada (choro, raiva, uma gargalhada irrefreável a um pedido de silêncio, e outras coisas tipo "Mágico de Oz") que simplesmente não esbocei qualquer reação. Quando minha mãe morreu, o agente funerário que veio buscá-la deixou na cama, no lugar dela, uma rosa artificial. Meu irmão, profundamente ofendido, me contou isso. Eu passei a evitar rosas artificiais. Lembro-me de ter tomado uma decisão apressada com relação ao caixão. Lembro-me de que no escritório onde assinei os papéis havia um relógio carrilhão que estava parado. Tony Dunne, sobrinho do John que estava comigo, mencionou ao agente funerário que o relógio estava parado. O agente, como se estivesse se sentindo satisfeito em dar um esclarecimento sobre um elemento decorativo, explicou que já há alguns anos ele não funcionava, mas que permanecia ali como um "tipo de memorial" de uma encarnação anterior da firma. Ele parecia estar oferecendo o relógio como uma lição. Concentrei-me em Quintana. Eu conseguia me desligar do que o agente funerário estava dizendo, mas não conseguia deixar de ouvir as frases, enquanto me concentrava em Quintana: "Teu pai está a cinco braças dos olhos, nasceram pérolas baças."

Oito meses depois, perguntei ao síndico do nosso prédio se ele ainda tinha o livro de ocorrências dos porteiros da noite do dia 30 de dezembro. Eu sabia que havia um livro de ocorrências, pois eu havia sido durante três anos a presidente do conselho administrativo do prédio, e o livro de ocorrências da portaria fazia parte do procedimento-padrão. No dia seguinte, o síndico me enviou a página relativa ao dia 30 de dezembro. De acordo com o livro, os porteiros naquela noite eram

Michael Flynn e Vasile Ionescu. Não me lembrava disso. Vasile e John costumavam fazer piadinhas um para o outro no elevador, um joguinho entre um exilado da Romênia de Ceausescu e um irlandês católico de West Hartford, Connecticut, baseado numa mesma postura política compartilhada pelos dois. "E então, onde é que está o Bin Laden?", Vasile dizia quando John entrava no elevador, o barato da coisa sendo cada um vir com sugestões cada vez mais improváveis: "Será que o Bin Laden está na cobertura?" "No dúplex?" "Na sala de ginástica?" Quando vi o nome do Vasile no livro de ocorrências, ocorreu-me que eu não me lembrava se ele tinha feito essa brincadeira quando John veio do Beth Israel North no início da noite de 30 de dezembro. Só havia duas ocorrências registradas naquele dia, menos do que o habitual, mesmo numa época do ano em que a maioria dos moradores do prédio viajava para lugares mais amenos:

NOTA: Os enfermeiros chegaram às 21h20 para o sr. Dunne. sr. Dunne foi levado para o hospital às 22h05.

NOTA: Lâmpada queimada no elevador social do bloco A-B. O elevador do bloco dos apartamentos A-B era o nosso elevador, o elevador no qual subiram os enfermeiros às 21h20, o elevador no qual eles trouxeram John (e a mim) para a ambulância às 22h05, o elevador no qual eu voltei sozinha para o nosso apartamento numa hora que não foi registrada. Eu não notei que havia uma lâmpada queimada no elevador. Também não havia percebido que os enfermeiros ficaram quarenta e cinco minutos no apartamento. Eu sempre descrevia como se tivessem se passado "quinze ou vinte minutos".

— Se eles ficaram aqui esse tempo todo, isso quer dizer que ele estava vivo?

Fiz esta pergunta a um médico que eu conhecia.

— Às vezes é necessário esse tempo todo — disse ele.

Levei um tempo para perceber que isso não respondia à minha pergunta.

Quando recebi o atestado de óbito, ele registrava a hora da morte: 22h18 do dia 30 de dezembro de 2003.

Antes de sair do hospital, perguntaram-me se eu autorizaria uma autópsia. Disse que sim. Mais tarde, li que pedir a um dos sobreviventes que autorize uma autópsia é considerado, nos hospitais, uma questão muito delicada, um ponto sensível e, muitas vezes, o procedimento mais difícil dos que se seguem a uma morte. Os próprios médicos, segundo uma série de estudos (por exemplo: *The Intern's Dilemma: The Request for Autopsy Consent*, de J.L. Katz e R. Gardner, em *Psychiatry in Medicine* 3:197-203,1972), já vivenciaram muita ansiedade com relação a esta solicitação. Eles sabem que a autópsia é essencial para o conhecimento e o ensino da medicina, mas também sabem que o procedimento toca num temor primitivo. Se aquela pessoa do New York Hospital que me perguntou se eu autorizaria uma autópsia passou por esses momentos de ansiedade, eu poderia tê-la poupado disso: eu realmente queria uma autópsia.

Eu efetivamente queria que fosse feita uma autópsia, mesmo já tendo presenciado algumas, quando fiz pesquisas sobre o assunto. Eu sabia exatamente o que acontecia, o peito aberto como o de uma galinha no balcão do açougueiro, o rosto sem a pele, a balança na qual os órgãos são pesados. Já vi detetives da delegacia de homicídios desviarem os olhos de uma autópsia em andamento. Mesmo assim, eu queria que fosse feita.

Eu precisava saber como e por que aquilo tinha ocorrido. Na verdade, eu gostaria de estar presente quando eles fizessem a autópsia (eu tinha assistido àquelas outras autópsias junto com John, e então eu devia isso a ele; naquele momento, estava fixo na minha mente que ele estaria na sala se fosse eu que estivesse em cima da mesa para ser autopsiada), mas eu não estava suficientemente autoconfiante para apresentar racionalmente aquela questão, então não o fiz.

Se a ambulância saiu do nosso prédio às 22h05 e a morte foi declarada como tendo ocorrido às 22h18, então os treze minutos intermediários foram gastos com contabilidade, burocracia, no cumprimento dos procedimentos hospitalares, no preenchimento da

papelada, até o funcionário administrativo do hospital assinar a declaração e informar tudo à cliente bem equilibrada.

A declaração, fiquei sabendo mais tarde, era chamada por eles de "pronunciamento". Em outras palavras: "Horário do óbito: 22h18." Tive que acreditar que ele estava morto desde então.

Se não acreditasse que ele estava morto desde aquela hora, eu teria achado que poderia ter sido capaz de salvá-lo.

Até ver o relatório da autópsia, eu continuava a pensar desse modo, um exemplo de pensamento ilusório do tipo onipotente.

Uma semana ou duas antes de morrer, quando estávamos jantando num restaurante, John pediu que eu escrevesse alguma coisa para ele no meu caderno de anotações. Ele sempre tinha com ele uns cartões com seu nome impresso, onde podia anotar coisas, e que podiam ser facilmente guardados em qualquer bolso interno. Durante o jantar, ele tinha pensado em algo de que queria se lembrar depois, mas quando foi olhar nos bolsos, não encontrou nenhum cartão. Preciso que você anote uma coisa pra mim, ele disse. Disse que era para o livro dele e não para o meu, um fato que ele ressaltou porque, naquela época, eu estava fazendo uma pesquisa sobre esportes para um dos meus livros. Foi esta a anotação que ele me ditou: 'Antigamente, os treinadores costumavam dizer, depois do jogo: 'Você jogou muito bem. ' Agora, eles saem com a polícia estadual, como se fosse uma guerra e eles fossem os militares. A militarização dos esportes: "Quando dei a ele a anotação no dia seguinte, ele me disse: "Você pode usar, se quiser. "

O que é que ele quis dizer com isso?

Será que ele sabia que não iria escrever aquele livro?

Será que estava apreensivo, será que havia alguma sombra pairando sobre ele? Por que é que, no jantar daquela noite, ele tinha esquecido de trazer os cartões? Ele já não havia me avisado, quando esqueci uma vez de trazer meu caderno de notas, que a possibilidade de anotar, quando alguma coisa vinha na cabeça, fazia a diferença entre ser capaz de escrever e não ser capaz de escrever? Será que alguma



coisa lhe estava dizendo naquela noite que o tempo de ser capaz de escrever estava se acabando para ele?

Certo verão, quando estávamos morando em Brentwood Park, entramos num esquema de parar de trabalhar às quatro da tarde e tomar banho de piscina. Ele ficava em pé dentro d'água lendo (ele releu *A escolha de Sofia* várias vezes naquele verão, tentando perceber como é que a mecânica do livro funcionava), enquanto eu ficava trabalhando no jardim. Era um jardinzinho bem pequeno, uma miniatura, com pequenos caminhos de cascalho, uma treliça com rosas, e canteiros bordejados de tomilho, santolina e camomila. Anos atrás, eu o havia convencido de que a gente deveria separar um pedaço do gramado para fazer este jardim. Para minha surpresa, pois anteriormente ele nunca havia demonstrado nenhum interesse por jardins, John considerou o projeto finalizado como um presente quase místico. Naquelas tardes de verão, um pouco antes das cinco horas, a gente nadava, depois íamos para a biblioteca, embrulhados nas toalhas, para assistir a *Tenko*, uma série da BBC que estava indo ao ar naquela época, sobre umas inglesas satisfatoriamente previsíveis (uma delas era imatura e egoísta, uma outra parecia ter sido inspirada na *Mrs. Miniver*<sup>2</sup>), que ficaram prisioneiras dos japoneses na Malásia durante a Segunda Guerra Mundial. Após cada capítulo de *Tenko*, íamos para o segundo andar da casa e trabalhávamos por mais uma ou duas horas, o John no escritório dele no alto da escada, e eu na varanda envidraçada no fundo do hall que tinha virado o meu escritório. Às sete, sete e meia, saíamos para jantar, muitas vezes no Morton's. O Morton's era tudo de bom naquele verão. Havia sempre quesadillas de camarão e galinha com feijão-preto. Sempre havia também alguém que a gente conhecia. Lá dentro, o salão era fresco, todo lustroso e meio na penumbra, mas dava para ver a luz do pôr-do-sol lá fora.

2. Inglesa que se tornou personagem-símbolo da Segunda Guerra Mundial ao incorporar o orgulho e a coragem britânica em atos de bondade cívica. História filmada em 1942, em produção vencedora de seis Oscars, cuja influência Churchill teria considerado mais decisiva para a campanha inglesa do que várias divisões do Exército. (N.E)

Naquele tempo, John já não gostava de dirigir à noite. Fiquei sabendo mais tarde que essa era uma das razões pelas quais ele queria passar mais tempo em Nova York; desejo que, na época, era misterioso para mim. Houve uma noite naquele verão em que ele me pediu para dirigir, depois de um jantar na casa da Anthea Sylbert em Camino Palmero, em Hollywood. Lembro-me de pensar como isso era uma coisa fora do comum. Anthea morava a menos de uma quadra de distância de uma casa na Franklin Avenue onde nós havíamos morado de 1967 a 1971, então não era o caso de estar numa área desconhecida. Ocorreu-me, ao girar a chave na ignição, que eu podia contar nos dedos as vezes que tinha dirigido quando John estava no carro. A única outra vez de que eu me lembrava, foi uma vez em que fiquei revezando com ele na direção, numa viagem de Las Vegas para Los Angeles. Ele estava caindo de sono no assento do carona do Converte que a gente tinha na época. Ele abriu os olhos. Depois de um momento, disse, muito cuidadosamente:

— Eu iria um pouco mais devagar.

Eu não tinha noção da velocidade e olhei para o velocímetro: estava a cento e noventa quilômetros por hora. Tudo bem.

Dirigir atravessando o deserto do Mojave era uma coisa à parte. Não houve nenhuma vez antes dessa em que ele me tivesse pedido que eu dirigisse de volta para casa depois de jantarmos na cidade. Aquela noite no Camino Palmero não tinha precedentes. Também sem precedentes tinha sido o fato de, ao final de um percurso de quarenta e cinco minutos até Brentwood Park, ele ter considerado que o carro foi "muito bem dirigido".

No ano anterior à sua morte, ele se lembrou muitas vezes daquelas tardes que passamos na piscina, no jardim e assistindo a Tenko.

Philippe Aries, em *O homem perante a morte*, aponta que a característica essencial da morte, como ela se configura na *Chanson de Roland*, é que a morte, mesmo quando súbita ou acidental, "dá sinais e avisos de sua chegada". Perguntam a Gawain: "Ah, meu bom senhor,

pensas então que logo vais morrer?" Ao que Gawain responde: "Digo-te que não viverei dois dias. " Aries observa: "Ninguém sabia tanto sobre a morte dele quanto ele próprio. Nem os médicos, nem os amigos, nem os padres (estes últimos, bastante ausentes e esquecidos). Só o homem que vai morrer é que sabe quanto tempo lhe resta."

Você se senta para jantar.

— Você pode usar isso, se você quiser — disse John quando entreguei a anotação que ele havia me ditado, uma ou duas semanas antes.

E então... ele se foi.

O sofrimento causado pela perda, quando ele realmente acontece, não é como a gente imaginava que fosse. Não foi a mesma coisa que senti quando meus pais morreram. Meu pai morreu poucos dias antes de completar oitenta e cinco anos, e minha mãe, um mês antes de completar noventa e um, ambos após alguns anos de debilidade cada vez mais acentuada. O que senti, em ambos os casos, foi tristeza e solidão (a solidão da criança abandonada de qualquer idade), me lamentando pelo tempo que passou, pelas coisas que não foram ditas, pela minha falta de capacidade de dividir ou mesmo de qualquer modo reconhecer, enfim, o sofrimento, a vulnerabilidade e a humilhação física

que os dois tiveram que suportar. Eu entendi a inevitabilidade da morte deles. A minha vida inteira eu passei esperando (temendo, suspeitando, prevendo) por aquelas mortes. Eles ficavam sempre meio distanciados, localizados num ponto distante do dia-a-dia da minha vida, que continuava a rolar.

Depois da morte da minha mãe, recebi uma carta de um amigo de Chicago, um ex-missionário da organização Maryknoll, que teve uma intuição muito precisa sobre o que eu senti. A morte de um dos pais, ele escreveu, "apesar de estarmos preparados e apesar da nossa experiência, mexe em coisas muito profundas dentro de nós, desencadeando reações que nos surpreendem e que podem liberar lembranças e sentimentos que pensávamos estar enterrados há muito tempo. Nesse período indeterminado que chamamos de luto', é como se

estivéssemos num submarino silencioso no fundo do mar, sofrendo a pressão da profundidade. Às vezes estamos perto, às vezes estamos longe, sempre mergulhados em recordações".

Meu pai tinha morrido, minha mãe também, e eu ia precisar, durante um tempo, prestar atenção nos terrenos minados, mas, mesmo assim, eu conseguia me levantar de manhã e botar a roupa para lavar.

Mesmo assim, eu conseguia organizar o almoço do dia de Páscoa.

Mesmo assim, eu me lembrava de revalidar o meu passaporte.

A dor causada por esta perda é diferente. O sofrimento não pode ser medido em distâncias. Ele vem em ondas, como num acesso, um ataque, em súbitas apreensões que enfraquecem os joelhos, cegam os olhos e transtornam o cotidiano da vida da gente. Quase todos os que já vivenciaram uma perda deste tipo mencionam este fenômeno das "ondas". Eric Lindemann, chefe do setor de psiquiatria do Massachusetts General Hospital na década de 1940, entrevistou muitos parentes de pessoas que morreram no incêndio de Cocomanut Grove em 1942, e conseguiu definir muito especificamente o fenômeno num célebre estudo de 1944: "Sensações de tristeza somatizada que ocorrem em ondas, com duração de vinte minutos a uma hora a cada vez, sensação de aperto na garganta, de falta de ar por causa da respiração curta, necessidade de suspirar e uma sensação de vazio no abdome, falta de energia muscular e uma intensa tristeza subjetiva descrita como tensão ou sofrimento mental. "

Aperto na garganta.

Falta de ar, necessidade de suspirar.

Essas ondas começaram quando acordei sozinha no apartamento, no dia 31 de dezembro de 2003 de manhã, sete ou oito horas depois da ocorrência. Não me lembro de ter chorado na noite anterior. No momento em que o fato aconteceu, entrei numa espécie de estado de choque no qual o único pensamento que eu me permitia era o de que devia haver coisas que eu tinha de fazer. Algumas eu tive de fazer enquanto a equipe de enfermeiros estava na sala. Precisei, por exemplo, pegar a cópia do histórico médico do John para levá-la ao hospital. Tive

que apagar o fogo da lareira, porque precisaria sair. Houve certas coisas que eu tive que fazer no hospital. Tive, por exemplo, que ficar numa fila. Tive, por exemplo, que pensar na cama com telemetria de que ele iria precisar na transferência para o Columbia-Presbyterian.

De volta do hospital, havia ainda coisas que eu tinha que fazer. Eu não conseguia identificar todas elas, mas de uma coisa eu sabia: antes de mais nada, eu tinha que avisar o Nick, irmão do John. Era tarde demais para telefonar para Dick, o irmão mais velho, em Cape Cod (ele dormia cedo, sua saúde não estava muito boa e eu não queria acordá-lo com más notícias), mas eu tinha que avisar o Nick de qualquer jeito. Não planejei nada. Apenas me sentei na cama, peguei o telefone e disquei o número da casa dele em Connecticut. Ele atendeu. Conteí a ele. Depois de botar o fone no gancho, dentro do que posso apenas chamar de "um novo padrão neuronal de digitar números e dizer palavras", peguei o telefone novamente. Eu não podia telefonar para Quintana (ela ainda estava onde a havíamos deixado algumas horas antes, inconsciente, no CTI do Beth Israel North), mas podia ligar para Gerry, casado com ela há cinco meses, e eu podia também ligar para o meu irmão Jim, que deveria estar na casa de Pebble Beach. Gerry disse que ia dar uma passada lá em casa. Eu disse que não havia necessidade de ele vir, e que eu estava bem. Jim disse que ia pegar um avião. Eu disse que não precisava, e que a gente podia conversar sobre isso de manhã.

Eu estava tentando pensar o que faria em seguida quando o telefone tocou. Era Lynn Nesbit, a minha agente literária e do John também, nossa amiga desde o final dos anos sessenta, eu acho. Não ficou claro para mim naquele momento como é que ela ficou sabendo, mas o fato é que sabia (através de um amigo comum com quem Nick e Lynn tinham falado minutos antes) e estava telefonando de um táxi, a caminho do nosso apartamento. Por um lado, aquilo me aliviou (Lynn sabia como administrar as coisas, ela saberia o que eu deveria fazer em seguida), mas, por outro lado, fiquei estarecida: como é que eu podia estar na companhia de alguém naquela hora? O que é que a gente ia

fazer? Sentar na sala com todas aquelas seringas e eletrodos, e com a mancha de sangue ainda ali, no chão? Será que eu devia reavivar o que tinha restado do fogo? A gente ia beber alguma coisa? Será que Lynn tinha comido alguma coisa?

E eu, será que eu tinha comido alguma coisa?

No instante em que me perguntei se eu tinha comido alguma coisa, tive uma primeira indicação do que estava por vir: naquela noite, fiquei sabendo que, se pensasse em comida, eu sentiria vontade de vomitar.

Lynn chegou.

Sentamos numa parte da sala onde não havia sangue, nem seringas, nem eletrodos.

Lembro-me de pensar, enquanto falava com ela (essa era a parte que eu não conseguia mencionar), que o sangramento devia ter sido ocasionado pela queda, pois ele tinha caído sobre o próprio rosto. Na emergência do hospital, notei que um de seus dentes estava lascado, e isso pode ter ferido a boca por dentro.

Lynn pegou o telefone e disse que ia ligar para o Christopher.

Esta foi outra sensação de perplexidade: o Christopher que eu conhecia era o Christopher Dickey, mas ele estava em Paris ou em Dubai e, de qualquer modo, se fosse ele, a Lynn teria dito Chris, e não Christopher. Minha cabeça viajou para a autópsia, que podia estar acontecendo naquele exato momento em que eu estava ali sentada. Depois, percebi que o Christopher com quem a Lynn estava falando era o Christopher Lehmann-Haupt, redator-chefe da seção de obituário do New York Times.

Lembro-me de ter sentido um choque. Eu queria dizer ainda não, mas minha boca estava seca. Eu conseguia encarar a idéia de uma "autópsia", mas a idéia de "obituário" ainda não tinha me ocorrido. "Obituário", diferentemente de "autópsia", que era algo que ficava só entre mim, John e o hospital, significava que aquilo tinha realmente acontecido. Fiquei pensando, sem nenhum senso do ilógico da coisa, se aquilo já teria acontecido também em Los Angeles. Fiquei tentando

calcular que horas eram quando ele morreu e se já era aquela hora em Los Angeles.

(Haveria tempo para voltar? Será que a gente poderia ter um final diferente no fuso horário do Pacífico?) Recordo-me de ter sido tomada por uma necessidade urgente de não deixar que ninguém do Los Angeles Times ficasse sabendo do acontecido por ter lido no New York Times. Telefonei para Tim Rutten, nosso amigo mais chegado no Los Angeles Times. Não tenho lembrança do que eu e Lynn fizemos depois. Lembro-me de ouvi-la dizer que ia passar a noite comigo, mas eu disse que não, que estava bem sozinha.

Até o dia seguinte de manhã quando, semi-acordada, fiquei matutando por que eu estava sozinha na cama. Havia uma sensação de peso. Era a mesma sensação de peso com a qual acordava depois que John e eu brigávamos. Nós tínhamos brigado? Por quê? Como é que a discussão começou? E como é que a gente pode resolver essa situação se a gente não consegue se lembrar de como a briga começou?

Aí então, eu me lembrei.

Durante várias semanas, aquele foi o modo como eu acordava para enfrentar o dia.

Acordo e sinto o cair da noite, e não o romper do dia.

Este é um dos vários trechos de diversos poemas de Gerard Manley Hopkins que John coletou após o suicídio do seu irmão mais novo, fazendo com eles uma espécie de terço improvisado.

*Ai, a mente! A mente tem montanhas, penhascos profundos,  
Escarpados, assustadores, nunca sondados pelo homem.*

*Desdenha deles*

*Quem nunca ficou lá pendurado.*

*Acordo e sinto o cair da noite, e não o romper do dia.*

*E eu tinha pedido para ficar*

*Onde as tempestades não têm lugar.*

Percebo agora que a minha insistência em passar aquela primeira noite sozinha acabou sendo mais complicada do que eu imaginava, mas tratava-se de um instinto primitivo. É claro que eu sabia que John tinha morrido. É claro que eu já havia transmitido a notícia para o irmão dele, para o meu irmão e para o marido de Quintana. O New York Times sabia. O Los Angeles Times sabia. Entretanto, eu mesma não estava de modo nenhum preparada para aceitar esta notícia como definitiva. Em algum nível, eu acreditava que o que tinha ocorrido continuava podendo ser revertido. Era por isso que eu precisava ficar só.

Depois daquela primeira noite, não fiquei sozinha durante várias semanas. Jim e Gloria vieram de avião no dia seguinte Nick estava em Nova York, Tony e Rosemary vieram de Connecticut, José não foi para Las Vegas, e a nossa secretária, Sharon, retornou da estação de esqui. Haveria sempre gente em casa, mas eu precisava que aquela primeira noite fosse solitária.

Eu precisava estar só para que ele pudesse voltar. Esse foi o início do meu ano do pensamento mágico.



### 3

O poder que o sofrimento causado pela perda de um ente querido tem de perturbar a mente tem sido exaustivamente observado. O luto, Freud nos disse em seu texto de 1917, Luto e melancolia, "acarreta um grande distanciamento da atitude normal que se tem diante da vida". Entretanto, ele ressaltou, a dor da perda permanece sendo peculiar entre os distúrbios mentais: "Nunca nos ocorre considerar isso como uma condição patológica e aconselhar um tratamento médico. " Em vez disso, confiamos em que "esteja superado após um determinado período de tempo". Vemos "qualquer interferência nesse sentido como inútil e até danosa". Melanie Klein em seu estudo de 1940, intitulado Luto e sua relação com estados maníaco-depressivos, fez uma afirmação semelhante: "Quem está de luto está de fato doente, mas por este estado de espírito ser tão comum e nos parecer natural, não consideramos o luto uma doença... Para tornar minha conclusão mais precisa, eu diria que, no período de luto, o sujeito fica num estado maníaco-depressivo modificado e transitório, e consegue superá-lo. "

Observemos a ênfase em "superá-lo".

Estávamos bem no meio do verão, alguns meses depois da noite em que eu precisei ficar só para que ele pudesse voltar, e antes de reconhecer que, durante o inverno e a primavera, houve ocasiões nas quais fui incapaz de pensar racionalmente. Eu pensava como as crianças pensam, como se os meus desejos e pensamentos tivessem o poder de reverter a narrativa, de mudar o desfecho. No meu caso, esses pensamentos perturbados tinham ficado dissimulados e eu achava que ninguém os havia notado, pois estavam escondidos até de mim mesma. Olhando para trás, percebi também que tinham sido insistentes e constantes. Fazendo um retrospecto, houve sinais e avisos que eu deveria ter percebido. Houve, por exemplo, o caso dos obituários e das notas de falecimento. Eu não conseguia ler aquilo. Isto começou a partir

de 31 de dezembro, quando os primeiros obituários saíram na imprensa, até 29 de fevereiro, a noite do Oscar 2004, quando eu vi uma foto do John na seção "In Memoriam". Quando vi a foto, percebi pela primeira vez por que os obituários me incomodavam tanto.

Eu tinha permitido que outras pessoas soubessem que ele tinha morrido.

Eu tinha permitido que ele fosse enterrado vivo.

Outro exemplo de um desses avisos foi o seguinte: chegou uma hora (no fim de fevereiro, início de março, após Quintana ter saído do hospital, mas antes da missa de réquiem do John, que havia sido adiada, à espera da recuperação dela) quando me ocorreu que eu devia dar as roupas de meu marido para outras pessoas. Muita gente tinha mencionado a necessidade de passar adiante as roupas do falecido, geralmente como um estímulo (mas que acabava sendo mal-assimilado) de me ajudar a executar essa tarefa. E eu resistia àquilo. E não tinha a menor idéia do porquê. Lembro-me que depois que meu pai morreu, eu ajudei minha mãe a separar as roupas em pilhas para serem doadas a uma instituição de caridade, Goodwill, e outras pilhas "melhores" para o brechó de uma outra instituição de caridade, onde minha cunhada Gloria trabalhava como voluntária. Eu, Gloria, Quintana e as filhas do Jim tínhamos feito a mesma coisa com as roupas da minha mãe, depois da morte dela. Isso fazia parte das coisas que sempre se faz depois de uma morte. Isso faz parte do ritual, é uma espécie de dever a ser cumprido.

Comecei. Desocupeei uma prateleira onde John guardava os moletons e as camisetas, as roupas que usava para caminhar no Central Park de manhã cedo. Nós caminhávamos todos os dias. Nem sempre juntos, porque gostávamos de trajetos diferentes, mas a gente ficava com a rota do outro na cabeça para que nos cruzássemos antes de sair do parque. A roupa na prateleira dele me parecia tão familiar quanto a minha. Fechei minha cabeça para isso. Separei algumas coisas (um moletom desbotado que eu me lembro especialmente de ele usar, uma camiseta do Canyon Ranch, que Quintana tinha trazido para

ele do Arizona), mas botei a maior parte do que estava na prateleira numas sacolas, e levei para a igreja episcopal Saint James, que ficava em frente de casa. Corajosa, abri o closet e enchi mais sacolas com os tênis New Balance, as botas de cano curto, os shorts da Brooks Brothers, e muitas, muitas meias.

Levei as sacolas para a igreja. Num outro dia, algumas semanas depois, peguei mais sacolas vazias e fui até o escritório do John, onde ele guardava suas roupas. Ainda não me sentia preparada para encarar os ternos, as camisas e as jaquetas, mas achei que poderia dar uma olhada no que restava dos sapatos. Isso já era um começo.

Parei na porta do escritório.

Eu não podia doar o resto dos sapatos dele.

Fiquei ali parada por um momento, e depois compreendi por quê: se ele fosse voltar, precisaria dos sapatos.

Ter consciência desse pensamento não o afastou de modo nenhum.

Ainda não tentei determinar (digamos, passando adiante os sapatos) se esse pensamento já perdeu a força.

Rememorando, vejo a própria autópsia como o primeiro exemplo desse tipo de pensamento. Não sei o que mais havia na minha cabeça quando eu, tão determinadamente, autorizei a autópsia, mas havia também um nível de perturbação no qual eu achava que a autópsia poderia me mostrar que o que aconteceu de errado tinha sido, na verdade, uma coisa simples. Poderia ter sido nada mais do que um bloqueio transitório ou uma arritmia. Poderia ter sido necessário apenas um pequeno ajuste, uma mudança na medicação, por exemplo, ou o reimplante do marca-passo. E, sendo assim, eles ainda poderiam conseguir dar um jeito na situação. Esta era a conclusão daquele raciocínio.

Recordo-me de ter ficado surpresa com uma entrevista, durante a campanha política de 2004, na qual Teresa Heinz Kerry falava sobre a morte repentina do primeiro marido. Após a queda do avião que ocasionou a morte de John Heinz, ela disse, na entrevista, ter sentido

muito intensamente a "necessidade" de sair de Washington e voltar para Pittsburgh.

É claro que Teresa tinha "necessidade" de voltar para Pittsburgh.

Era em Pittsburgh, e não em Washington, o lugar onde haveria a possibilidade de ele voltar.

A autópsia, na verdade, não foi efetuada na noite em que John foi declarado morto.

Ela só foi feita às onze da manhã do dia seguinte. Percebo agora que ela só poderia ser efetuada depois que aquele homem do New York Hospital, que eu não conhecia, me telefonou no dia 31 de dezembro de manhã. O homem que me telefonou não era "o meu assistente social", nem "o médico do meu marido", e nem, como John e eu poderíamos ter dito um para o outro, o nosso "amigo da ponte". "Ele não é o nosso amigo da ponte" era uma expressão da família, e era assim que a tia do John, Harriet Burns, se referia àquelas pessoas que você não conhece, mas que esbarra com elas em outros lugares, às vezes no mesmo dia, como, por exemplo, quando ela viu, do lado de fora do Friendly's, em West Hartford, o mesmo Cadillac Seville que antes tinha lhe dado uma fechada na ponte Bulkeley.

— O nosso amigo da ponte — ela diria.

Eu estava pensando no John dizendo "não é o nosso amigo da ponte", enquanto ouvia o homem falar ao telefone. Lembro-me de expressões de condolências. Lembro-me de ele oferecer assistência. Ele parecia estar evitando alguma coisa.

Ele estava telefonando, disse então, para me perguntar se eu iria doar os órgãos do meu marido.

Muitas coisas passaram pela minha cabeça naquele momento. A primeira palavra que me veio à mente foi "não". Ao mesmo tempo, me lembrei de Quintana ter mencionado, num jantar, o fato de ter pedido que constasse na carteira de motorista dela, quando foi fazer a renovação, a observação doadora de órgãos". Ela perguntou se John tinha feito isso.

Ele disse que não. Eles conversaram sobre o assunto.

Mudei de assunto.

Não consigo imaginar nenhum dos dois mortos.

O homem ao telefone ainda estava falando. Eu estava pensando: e se ela morresse hoje no CTI do Beth Israel North, ia acontecer a mesma coisa? O que eu faria? O que eu devia fazer agora?

Ouvi a minha voz dizendo para o homem ao telefone que meu marido tinha acabado de morrer e que minha filha estava inconsciente. Ouvi a minha voz dizendo que eu não me sentia capaz de tomar tal decisão antes que a nossa filha fosse informada de que ele tinha morrido. Isso me pareceu, naquela hora, uma resposta razoável.

Só depois que desliguei me ocorreu que nada com relação àquilo era razoável. Este pensamento foi imediatamente (e muito sutilmente — observem a mobilização instantânea da mente cognitiva) suplantado por outro: neste telefonema havia alguma coisa que não se encaixava direito. Havia uma contradição ali. Esse homem falava em doação de órgãos, mas não havia, a esta altura, como fazer uma coleta produtiva de órgãos. John não tinha estado em suporte de vida quando o vi no compartimento com cortinado, no setor de emergência. Ele não estava em suporte de vida quando o padre veio. Todos os órgãos deviam ter parado de funcionar.

Depois, me lembrei do Instituto Médico-Legal do município de Miami-Dade. John e eu estivemos lá, um dia, no ano de 1985 ou 1986. Havia alguém do banco de olhos etiquetando os corpos selecionados para remoção da córnea. Aqueles corpos no Instituto Médico-Legal de Miami-Dade não haviam sido mantidos vivos por aparelhos, não foram mantidos em suporte de vida. Então, esse homem do New York Hospital estava falando em retirar somente as córneas, os olhos. "Então, por que é que ele não disse isso? Por que ficar escondendo isso de mim, rodeando o assunto? Por que não dizer apenas que estava interessado nos olhos dele?" Peguei o prendedor de prata que o assistente social havia me entregado na noite anterior e que estava na

caixa no quarto e olhei para a carteira de motorista. "Olhos: azuis", dizia a carteira. "Observações: lentes corretoras.

Por que fazer este telefonema e não dizer apenas o que deseja?

Os olhos dele. Os olhos azuis dele. Os olhos azuis imperfeitos dele. *E o que eu quero saber é o que você acha do teu garoto de olho azul*  
*Senhor Morte*

Naquele dia eu não conseguia me lembrar quem tinha escrito esses versos. Eu achava que fossem de E. E. Cummings, mas não tinha certeza. Eu não tinha nenhum livro dele, mas encontrei uma antologia poética numa prateleira do quarto, publicada em 1949, um antigo livro escolar do John de quando ele devia estar no Portsmouth Priory, o colégio interno dos beneditinos perto de Newport para o qual ele foi mandado depois da morte do pai. (A morte do pai dele: morte súbita; problemas cardíacos; cinqüenta e poucos anos; eu devia ter percebido o aviso.) Se a gente estivesse passando por perto da área de Newport, John me levava até Portsmouth para ouvir o canto gregoriano no ofício de vésperas. Aquela música o comovia. Na folha de rosto da antologia, estava escrito o nome Dunne, numa caligrafia pequena e caprichada, e também, na mesma caligrafia, com caneta-tinteiro azul, este plano de estudo: "1) Qual é o significado do poema e qual foi a experiência vivenciada? 2) Esta experiência nos conduz a que tipo de pensamentos ou reflexões? 3) Que atmosfera, sentimento ou emoção são provocados ou despertados pelo poema como um todo?" Botei o livro de volta na prateleira. Passar-se-iam alguns meses até que eu me lembrasse de confirmar que os versos eram de fato de E. E. Cummings. Passar-se-iam também alguns meses, antes que me ocorresse que a minha raiva com relação a este senhor desconhecido que me telefonou do New York Hospital refletia uma outra versão daquele temor primitivo que a autópsia não havia despertado em mim.

Qual era o significado, e qual foi a experiência vivenciada?

Esta experiência nos leva a que pensamentos ou reflexões?

Como é que ele poderia voltar se lhe removessem os órgãos?

Como é que ele poderia voltar se não tivesse sapatos?

## 4

Superficialmente, e na maioria dos níveis de existência, eu parecia estar sendo racional. Para o observador médio comum, eu parecia ter compreendido plenamente que a morte é irreversível. Eu tinha autorizado a autópsia. Eu tinha cumprido todos os procedimentos necessários para a cremação. Tínhamos combinado que as cinzas seriam recolhidas e transportadas para a catedral Saint John the Divine, onde, assim que Quintana estivesse consciente e suficientemente bem para estar presente, seriam depositadas na capela perto do altar principal, no mesmo local onde meu irmão e eu tínhamos depositado as cinzas de nossa mãe. Eu tinha mandado regravar a placa de mármore de modo a incluir também o nome do John. Finalmente, no dia 23 de março, quase três meses após a morte, as cinzas foram colocadas na parede e a placa de mármore voltou ao seu lugar. Mandei rezar uma missa.

Tivemos canto gregoriano para John.

Quintana pediu que o canto fosse em latim. John teria pedido a mesma coisa.

Havia um único trompete soando lá nas alturas, num timbre superagudo.

Tínhamos um padre católico e outro episcopal.

Calvin Trillin falou, David Halberstam falou, e a melhor amiga de Quintana, Susan Traylor, também falou. Susanna Moore leu um trecho de East Coker, a parte que diz: *"Pois apenas se aprendeu a escolher o melhor das palavras / Para o que não há mais a dizer, ou o meio pelo qual / Não se está mais disposto a fazê-lo."* Nick leu Catulo, Sobre a morte de seu irmão. Quintana, ainda fraca, mas com a voz firme, de vestido preto e na mesma catedral onde oito meses antes tinha se casado, leu um poema que tinha escrito para o pai.

Fiz o que era para fazer. Reconheci que ele estava morto, e fiz isso do modo mais público que eu pudesse imaginar.

Entretanto, meus pensamentos sobre essa questão continuavam, de um modo suspeito, muito fluidos. Num jantar, no fim da primavera ou no início do verão, fui apresentada a um teólogo famoso. Alguém na mesa levantou a questão da fé. O teólogo falou que o próprio ritual em si era uma forma de fé. Não expressei a minha reação, mas ela foi negativa, veemente e excessiva, mesmo para mim. Mais tarde, percebi que o meu pensamento imediato tinha sido: "Mas eu cumpri o ritual. Eu fiz tudo o que era para ser feito. " Tivemos a cerimônia na catedral Saint John the Divine, o canto em latim, o padre católico e o episcopal, e eu até pronunciei as palavras: "Porque mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem, que passou" e também: "In paradiso deducant angeli' [Os anjos te acompanharão ao paraíso].

Mas, mesmo assim, isso tudo ainda não o trazia de volta.

"Trazê-lo de volta" tinha sido, durante aqueles meses todos, o meu objetivo secreto, o meu truque mágico. Lá pelo final do verão, eu estava começando a enxergar isso mais claramente. "Enxergar isso mais claramente" ainda não me permitia passar adiante as roupas de que ele não ia precisar.

Em tempos difíceis, leia, aprenda, trabalhe em cima da coisa, pesquise a literatura a respeito. Fui treinada assim desde pequena. Informação significa controle. Apesar da dor causada pela perda de um ente querido ser a mais comum das aflições, a literatura sobre o assunto era bastante escassa. Havia o diário de CS. Lewis, escrito após a morte de sua mulher, *A Grief Observed*. Havia trechos ocasionais em um ou outro romance, por exemplo, a descrição de Thomas Mann, em *A montanha mágica*, do efeito que a morte da mulher causou em Hans Castorp: "Seu espírito estava conturbado. Ele mergulhou para dentro de si mesmo. Seu cérebro embotado fez com que ele fracassasse nos negócios, de modo que a firma Castorp e Filho sofresse acentuado prejuízo financeiro e, na primavera seguinte, quando inspecionava os armazéns na plataforma de embarque, onde ventava muito, contraiu



uma inflamação nos pulmões. A febre foi uma carga pesada demais para o seu coração transtornado e, no espaço de cinco dias, não obstante toda a atenção e cuidado do dr. Heidekind, ele morreu.” No balé clássico, há os momentos nos quais o amante abandonado tenta encontrar e ressuscitar o ser amado debaixo de uma luz azulada, com aqueles tutus brancos; e há também o pas de deux com o ser amado que prenuncia o retorno final ao país dos mortos:

La danse des ombres, a dança das sombras. Existem poemas, na verdade, muitos poemas. Durante um dia ou dois me agarrei com o poema "O tritão abandonado", de Matthew Arnold:

*Vozes de crianças são queridas*

*(Elas chamam novamente) ao coração de uma mãe;*

*Vozes de crianças, loucas de dor —*

*Com certeza, ela vai voltar!*

*Em outros dias, contei com W. H. Auden e os versos de "Funeral Blues" em A ascensão de F6:*

*Parem todos os relógios, desliguem o telefone, Impeçam o cão de latir a um osso suculento, Silenciem os pianos, e com os tambores abafados Tragam o caixão, façam entrar as carpideiras.*

Os poemas e a dança das sombras pareciam ser os que mais se aplicavam a mim.

Além ou aquém de tais representações abstratas das dores e das fúrias de uma perda, havia toda uma subliteratura, guias de auto-ajuda para administrar a situação, com alguns conselhos "práticos", outros "inspiradores", a maioria inúteis. (Não beba demais, não gaste o dinheiro do seguro redecorando a sala, freqüente um grupo de apoio. ) Restava a literatura profissional, os estudos feitos por psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais que vieram depois de Freud e Melanie Klein, e foi para este tipo de literatura que acabei me direcionando. Fiquei sabendo de muita coisa que eu já sabia, o que num certo nível parecia ser um conforto, uma legitimação, uma opinião externa me

dizendo que eu não estava imaginando o que parecia estar acontecendo. Através de *Bereavement: Reactions, Consequences and Care*, um compêndio publicado em 1984 pelo Instituto de Medicina da Academia Nacional de Ciências, fiquei sabendo, por exemplo, que as reações imediatas mais freqüentes relacionadas à morte eram: estado de choque, torpor e descrença.

"Subjetivamente, o sobrevivente se sente como se estivesse envolto num casulo ou num cobertor e, para os outros, pode parecer que ele está conseguindo lidar bem com a situação. Pelo fato de a realidade da morte ainda não ter penetrado na consciência, os sobreviventes podem parecer que estão conseguindo aceitar a perda. "

Aqui então temos o efeito "cliente bastante equilibrado".

Continuei lendo. Fiquei sabendo, através de J. William Worden, membro da Equipe de Estudos Sobre Orfandade Infantil de Harvard e do Massachusetts General Hospital, que os golfinhos se recusam a comer depois da morte do companheiro.

Os gansos reagem a este tipo de perda voando e grasnando, procurando o companheiro até ficarem desorientados e perdidos. Os seres humanos, eu li, mas não precisei aprender isso, apresentavam padrões reativos semelhantes. Procuram pelo companheiro. Param de comer. Esquecem de respirar. Ficam meio tontos devido à baixa de oxigênio, entopem os seios da face com lágrimas não derramadas e terminam nos consultórios dos otorrinolaringologistas com estranhas infecções no ouvido.

Perdem a concentração. "Um ano depois, eu consegui começara ler as manchetes", foi o que me disse uma amiga, cujo marido havia morrido há três anos. Perdem a habilidade cognitiva em todos os níveis. Afundam nos negócios e sofrem acentuados prejuízos financeiros, como Hans Castorp. Esquecem o próprio número de telefone e vão para o aeroporto sem a carteira de identidade. Ficam doentes, fracassam e, como Hans Castorp, até morrem. |

Este aspecto de "morrer" tem sido documentado em vários estudos.

Comecei a andar com minha identidade no bolso para caminhar no Central Park de manhã, caso tal coisa acontecesse comigo.

Se o telefone tocasse enquanto eu estava no banho, eu não mais o atendia, para evitar uma queda fatal no chão de ladrilho do banheiro.

Fiquei sabendo que alguns desses estudos são famosos, são ícones da literatura, mencionados e citados em tudo o que eu leio. Por exemplo, "Young, Benjamin e Wallis, *The Lancet* 2: 454-456, 1963". Este estudo acompanhou 4.486 viúvos recentes na Grã-Bretanha durante cinco anos, e mostra "uma elevação significativa da taxa de mortalidade em viúvos, nos primeiros seis meses subseqüentes à perda, em comparação com os casados, da mesma faixa etária". Há também "Rees e Lutkins, *British Medical Journal* 4: 13-16, 1967". Este estudo observou, durante seis anos, 903 indivíduos casados que sofreram a perda de seus cônjuges, comparados com 878, também casados, cujos cônjuges estavam vivos. Os primeiros apresentaram "mortalidade significativamente mais elevada dentro do período de um ano após a perda do cônjuge". A explicação funcional para esta elevação nas taxas de mortalidade foi formulada por um estudo publicado em 1984 pelo Instituto de Medicina: "Até a presente data, as pesquisas mostraram que, assim como muitos outros agentes estressantes, a dor causada pela perda de um ente querido leva freqüentemente a alterações nos sistemas endócrino, imunológico, nervoso autônomo e cardiovascular, todos fundamentalmente influenciados pelas funções cerebrais e pelos neurotransmissores. "

Fui informada, por este tipo de literatura, que há também dois tipos de sofrimento causados pela perda de um ente querido. O tipo preferível, associado com "crescimento" e "desenvolvimento", é o "sofrimento sem complicação" ou "sofrimento normal pela perda de um ente querido". Esta dor da perda sem complicação, de acordo com a 16ª edição do manual da Merck, pode apresentar-se tipicamente com um

quadro de "sintomas de ansiedade como: insônia, inquietude e hiperatividade do sistema nervoso autônomo", mas que "geralmente não causam depressão clínica, exceto nas pessoas com tendências a desequilíbrios emocionais". O segundo tipo de sofrimento devido a uma perda é o "sofrimento com complicações", que é conhecido na literatura como "sofrimento patológico pela perda de um ente querido", e que ocorre numa variedade de situações. Li várias vezes que uma das situações em que este quadro patológico pode ocorrer é aquela na qual o sobrevivente e o falecido tinham sido particularmente dependentes um do outro. "Aquele que sofreu a perda era muito dependente do companheiro falecido pelo prazer de estar junto, porque se sentia apoiado, ou por estima e afeição?" Este foi um dos critérios de diagnóstico sugeridos por David Peretz, médico do departamento de Psiquiatria na Columbia University. "O sobrevivente sentia-se inseguro sem a presença do falecido quando certas separações obrigatórias e inesperadas ocorriam?"

Levei em consideração estas perguntas.

Uma vez, em 1968, quando precisei inesperadamente passar a noite em São Francisco (eu estava preparando um texto e estava chovendo, e isso adiou uma entrevista que ia acontecer num final de tarde para o dia seguinte de manhã), John veio de avião de Los Angeles só para podermos jantar juntos. Jantamos no Ernie's. Após o jantar, John pegou o "Vôo da meia-noite" da PSA, uma bagatela de treze dólares numa época em que, na Califórnia, podia-se voar de Los Angeles para São Francisco, Sacramento ou San José por vinte e seis dólares, ida-e-volta.

Lembrei da PSA.

Todos os aviões da PSA tinham sorrisos pintados no nariz da fuselagem. O uniforme das comissárias era no estilo Rudy Gernreich<sup>3</sup>, com minissaias rosá-shocking e cor-de-laranja. A PSA representa um tempo da nossa vida no qual nada do que a gente fazia parecia ter maiores conseqüências. Éramos do tipo "sem lenço e sem documento", e vivíamos num estado de espírito no qual não se pensava duas vezes para enfrentar mais de mil quilômetros de vôo apenas para jantarmos juntos, voltando na mesma noite. Esse clima terminou em 1978, quando um Boeing 727 da PSA, sobrevoando San Diego, colidiu com um Cessna 172, matando 144 pessoas.

Quando isto aconteceu, ocorreu-me que eu tinha exagerado nas expectativas com relação à PSA.

Vejo agora que esse equívoco não se limitava à PSA.

Quando Quintana, com dois ou três anos de idade, voou pela PSA para Sacramento a fim de visitar meus pais, ela se referiu ao fato como "viajei no sorriso". John costumava anotar as coisas que ela dizia em pedaços de papel que ele guardava numa caixa preta que ganhou da mãe. Esta caixa, que continua com seus pedaços de papel em cima de uma mesa na sala de estar, tem uma águia americana pintada na tampa e as palavras "E Pluribus Unum" [A partir de muitos, faz-se a unidade / Unidade na diversidade]. Mais tarde, ele usou algumas das coisas que ela havia dito num romance intitulado Dutch Shea, Jr. Ele as colocou na boca de Cat, a filha de Dutch Shea, morta por uma bomba detonada pelo IRA enquanto jantava com a mãe num restaurante da Charlotte Street, em Londres. Transcrevo aqui um trecho do que ele escreveu:

3. Estilista nascido em Viena, na Áustria, e radicado nos Estados Unidos em 1938, após escapar do regime nazista. Famoso por suas peças de cortes provocantes e combinações de cores fortes. (N.E)

*"Onde é que você esteve?", ela dizia, e "Pra onde é que o dia ia?"<sup>4</sup>. Ele anotou todas as frases e as enfiou na pequena gaveta secreta da escrivaninha de bordo que Barry Stukin tinha dado a ele e a Lee como presente de casamento... Cat com a saia xadrez da escola. Cat, que chamava o banho de "banhado" e as borboletas de "brabuletas". Cat, que tinha escrito seu primeiro poema aos sete anos de idade: "Vou me casar / Com o menino Oscar / Ele anda a cavalo / E me pisa no calo." O Homem Quebrado estava naquela gaveta. O Homem Quebrado era o nome que a Cat dava para o medo, a morte e o desconhecido. Tive um sonho ruim com o Homem Quebrado, ela dizia. Não deixa o Homem Quebrado me pegar. Se o Homem Quebrado vier me pegar, eu vou me agarrar na cerca e não vou deixar ele me levar... Ele se perguntou se o Homem Quebrado tinha tido tempo de assustar a Cat antes de ela morrer.*

Vejo agora o que eu não tinha conseguido enxergar em 1982, ano em que Dutch Shea, Jr. foi publicado. Trata-se de um romance sobre a perda. A literatura sobre o assunto diria que Dutch Shea estava passando por um luto patológico.

Ele está obcecado com o momento em que Cat morreu. Ele passa e repassa a cena como se ela pudesse revelar um final diferente: o restaurante da Charlotte Street, a salada de endívias, a sandália lilás da Cat, a bomba, a cabeça da Cat no carrinho das sobremesas. Ele tortura a ex-mulher, a mãe da Cat, com uma única pergunta, repetidamente: "Por que é que você estava no banheiro quando a bomba explodiu?" Por fim, ela diz a ele:

Você nunca me deu muito crédito por eu ser mãe da Cat, mas fui eu que a criei. Cuidei dela no dia em que ela teve a primeira menstruação e me lembro que, quando era pequena, ela chamava o meu quarto de "meu segundo quarto gostoso". Ela chamava espaguete de "busguete", e as pessoas que iam lá em casa de "gente-alô".

4. Na primeira frase o erro de concordância é proposital; trata-se de uma criança falando errado. (N.T.)

Ela perguntava "onde é que você esteve" e "pra onde é que o dia ia", e você disse ao Thayer, seu filho-da-puta, que você queria que alguém se lembrasse dela. Ela me disse que estava grávida, que tinha sido um acidente e que ela queria saber o que fazer. Fui ao banheiro porque eu sabia que ia chorar e não queria chorar na frente dela. Eu queria deixar as lágrimas fora da jogada para poder agir com bom senso, e foi aí que eu ouvi a explosão. Quando finalmente saí do banheiro, tinha pedaços dela dentro do sorvete e partes dela estavam lá fora na rua, e você, seu filho-da-puta, você quer que alguém se lembre dela.

Eu acredito que John diria que Dutch Shea, Jr. é um livro sobre a fé.

Quando começou a escrever o romance, ele já sabia quais seriam as últimas palavras, não apenas as últimas palavras do romance, mas as últimas palavras que Dutch Shea pensou antes de dar um tiro nele mesmo: "Creio na Cat e creio em Deus. " Credo in Deum. As primeiras palavras do catecismo católico. Afinal, o livro é sobre a fé ou sobre o luto, o sofrimento pela perda de um ente querido? Seriam as duas coisas a mesma coisa?

Será que nós éramos particularmente dependentes um do outro naquela época em que a gente nadava, assistia a Tenko e ia jantar no Morton's?

Ou será que nós éramos especialmente sortudos?

Se eu estivesse sozinha, será que ele voltaria para mim "viajando no sorriso"?

Será que ele me diria: "Reserva uma mesa pra nós no Ernie's?"

A PSA e o sorriso não existem mais. Os aviões foram vendidos para a US Airways e pintaram outra coisa por cima dos sorrisos.

O Ernie's não existe mais, mas foi temporariamente recriado para o filme Um corpo que cai, de Alfred Hitchcock. É no Ernie's que James Stewart vê Kim Novak pela primeira vez. Mais adiante no filme, ela cai da torre do campanário (também recriada, e com grande efeito) na Missão San Juan Bautista.

Nós nos casamos em San Juan Bautista.

Numa tarde de janeiro, quando as flores estavam brotando nas árvores ao longo da rodovia 101.

Quando ainda havia árvores com flores na 101.

Não. Ficar voltando para trás era a maneira mais certa de escorregar e derrapar. As flores nas árvores ao longo da rodovia 101 não levavam à pista certa.

Várias semanas depois do ocorrido, tentei me manter na pista certa (pista estreita, sem retorno), repetindo para mim mesma os dois últimos versos de Rose Aylmer, elegia escrita em 1806 por Walter Savage Landor em memória da filha de Lord Aylmer, que morreu aos vinte anos em Calcutá. Não me lembrava de -Rose Aylmer desde os tempos da faculdade em Berkeley, porém agora eu conseguia me lembrar não só do poema, mas do muito que foi dito sobre ele nas aulas em que foi analisado. Um professor disse, numa aula, que Rose Aylmer funcionava bem porque o elogio exagerado e despropositado à falecida nas primeiras quatro linhas (*"Ah, o que cabe à raça nobre! / Que forma divinal! / Toda a virtude, toda a graça, / Rose Aylmer, era tudo teu!"*) é interrompido de modo súbito e até chocante pela *"difícil e suave sabedoria"* dos dois últimos versos, que sugerem que o luto tem o seu lugar, mas também tem os seus limites: *"Uma noite de lembranças e suspiros / É o que dedico a você."*

"Uma noite de lembranças e suspiros", lembro-me do professor repetindo. Uma noite. Uma única noite. Poderia ser a noite inteira, mas ele não diz uma noite inteira, ele diz apenas uma noite. Não se trata de uma vida inteira, é uma questão de apenas algumas horas.

Difícil e suave sabedoria. Rose Aylmer ficou gravada na minha memória porque eu, com minha cabeça de universitária, achava que o poema era uma lição de sobrevivência.

30 de dezembro de 2003.



Tínhamos ido visitar Quintana no CTI do sexto andar do Beth Israel North.

Ela ainda iria permanecer lá por mais vinte e quatro dias.

Dependência incomum (Isso seria uma outra maneira de dizer "Casamento"? "Marido e mulher"? "Mãe e filha"? "Núcleo familiar"?) não é a única situação na qual o sofrimento pela perda, do tipo complicado ou patológico, possa ocorrer. Uma outra situação, eu li na literatura específica sobre o assunto, é aquela na qual o processo do luto é interrompido por "fatores circunstanciais", como por um "adiamento do enterro" ou por "uma doença, ou uma segunda morte na família". Li uma explicação fornecida pelo doutor Vamik D. Volkan, professor de psiquiatria na Universidade da Virgínia, em Charlottesville, sobre o que ele chama de "terapia de revivência do luto", técnica desenvolvida naquela universidade para o tratamento de pessoas em processo de "luto patológico". Segundo o doutor Volkan, ocorre um momento nesta terapia em que:

Auxiliamos o paciente a rever as circunstâncias da morte: como ocorreu, a reação do paciente à notícia e ao ver o corpo, o desenrolar do sepultamento ou da cremação, a missa, a cerimônia fúnebre etc. Se a terapia estiver indo bem, a raiva geralmente aparece, de início meio difusa, depois, direcionada ao outro e, por fim, direcionada ao falecido. A catarse através das ab-reações, que é o que Bibring [E. Bibring, 1954, *Psychoanalysis and the Dynamic Psychotherapies*, *Journal of the American Psychoanalytic Association* 2: 745] chama de "revivência emocional", pode então ocorrer e demonstrar ao paciente a realidade de seus impulsos reprimidos). Utilizando nosso conhecimento da psicodinâmica da necessidade que o paciente sente de manter vivo o ente querido que se foi, poderemos então explicar e interpretar o relacionamento que existiu entre o paciente e o falecido.

Mas de onde exatamente o doutor Volkan e sua equipe de Charlottesville tiraram esse entendimento especial da "psicodinâmica da necessidade que o paciente sente de manter vivo o ente querido que se foi", e essa habilidade em "explicar e interpretar o relacionamento que

existiu entre o paciente e o falecido"? Vocês estavam assistindo a Tenko comigo e com "o ente querido que se foi" em Brentwood Park? Vocês foram jantar com a gente no Morton's? Vocês estavam comigo e com o "falecido" no Punchbowl em Honolulu, quatro meses antes de o fato ocorrer? Vocês colheram flores de jasmim-manga com a gente para depositá-las nos túmulos das vítimas desconhecidas que morreram em Pearl Harbor? Vocês ficaram resfriados junto com a gente, depois de pegarmos chuva no Jardin du Ranelagh em Paris, um mês antes de o fato acontecer? Vocês também "pularam" os Monets junto com a gente para podermos almoçar no Conti? Vocês estavam conosco quando a gente saiu do Conti e comprou um termômetro, e vocês estavam sentados com a gente na nossa cama no hotel Bristol, sem que nenhum de nós dois conseguisse converter os centígrados do termômetro para Fahrenheit? Vocês estavam lá? Não.

Vocês talvez pudessem ter auxiliado a gente na questão do termômetro, mas vocês não estavam lá.

Eu não preciso "rever as circunstâncias da morte". Eu estava lá.

Eu não recebi "a notícia", eu não "vi" o corpo. Eu estava lá. Me pego nessa onda e dou uma parada. Percebo que estou direcionando irracionalmente a minha raiva para o doutor Volkan de Charlottesville, um perfeito desconhecido para mim.

As pessoas que estão sob o choque de uma aflição genuína não estão apenas perturbadas mentalmente, mas também completamente desequilibradas fisicamente. Não importa o quanto possam parecer calmas e controladas, ninguém consegue ficar normal nessas circunstâncias. Há uma alteração na circulação sangüínea que faz com que sintam frio, o sofrimento as desestabiliza e causa insônia. Muitas vezes, elas evitam pessoas de que normalmente gostam. Ninguém deve impor a sua presença àqueles que estão sofrendo, e as pessoas exageradamente sentimentais e emocionais devem ser terminantemente evitadas, mesmo quando muito próximas e muito queridas. Apesar do fato de saberem que contam com o amor e a solidariedade dos amigos, e isso ser de grande conforto, os atingidos mais de perto pela dor devem

ser protegidos de qualquer pessoa ou coisa que possa sobrecarregar os nervos, que já estão num ponto crítico, e ninguém tem o direito de se sentir magoado ou ofendido se lhes disserem que não podem ser de nenhuma utilidade e que também não podem ser recebidos. Nestas circunstâncias, a companhia dos outros é um conforto para algumas pessoas, enquanto outras evitam os amigos mais queridos.

Este trecho foi extraído do capítulo 24, "Sepultamentos", do livro de etiqueta de Emily Post, de 1922, que conduz o leitor desde o momento da morte ("Assim que a morte ocorrer, alguém, geralmente uma enfermeira treinada, deve fechar as persianas do quarto do doente e pedir a um empregado que feche todas as persianas da casa"), e inclui instruções sobre como distribuir as pessoas sentadas na missa: "Entre na igreja tão silenciosamente quanto possível e, como não há recepcionistas numa cerimônia como esta, sente-se onde você acha que mais ou menos se encaixa. Apenas um amigo muito íntimo deve ocupar uma posição na frente e no centro. Se você é apenas um conhecido, sente-se discretamente nos bancos de trás, a não ser que a cerimônia tenha muito poucos convidados e a igreja seja muito grande. Neste caso, deve-se então sentar no último banco da parte central." Este tom, de uma especificidade infalível, nunca esmorece. A ênfase permanece sempre no lado prático das coisas. O enlutado deve ser instado a "ficar num ambiente ensolarado", preferivelmente que tenha lareira também. Comida, sim, mas "bem pouca comida", pode ser oferecida numa bandeja: chá, café, caldo de galinha ou de carne, uma torrada fininha, um ovo pochê. Leite, mas somente leite quente: "Leite frio não é bom para quem está muito abatido." Quanto ao restante da alimentação: "A cozinheira poderá sugerir algo que apeteça ao paladar habitual da pessoa, mas pouca quantidade deve ser oferecida a cada vez, pois embora o estômago esteja vazio, o palato rejeita até o pensamento em comida, e a digestão nunca está nas melhores condições." Sugere-se ao enlutado que faça uma economia, adaptando-se ao vestuário do luto. A maioria das roupas que existem, incluindo sapatos de couro e chapéus de palha, poderão ser "perfeitamente tingidos". As despesas com a

missa e o sepultamento devem ser examinadas previamente. Uma pessoa amiga deverá ficar responsável pela casa durante a cerimônia fúnebre. Esta pessoa deverá cuidar para que a casa seja arejada e que todos os móveis tenham sido recolocados em seus lugares originais, e também deverá acender a lareira para o retorno da família. A senhora Post aconselha que "será também de muito bom-tom preparar um pouco de chá quente ou consome, que devem ser servidos assim que a família retornar da igreja ou do cemitério, sem necessidade de perguntar se gostariam de alguma coisa para comer ou beber. Aqueles que estão mergulhados num grande desgosto não sentem vontade de comer, mas se a comida lhes for servida, eles irão comê-la, mesmo que mecanicamente, e alguma coisa quente para iniciar a digestão e estimular a circulação alterada é do que eles mais necessitam".

Há algo de impressionante na sabedoria prática demonstrada neste trecho, uma compreensão instintiva das alterações fisiológicas que ocorrem nessas situações ("alterações nos sistemas endócrino, imunológico, nervoso autônomo e cardiovascular"), e que foram posteriormente catalogadas pelo Instituto de Medicina. Não tenho certeza do que me fez ler o livro de etiqueta de Emily Post de 1922 (acho que alguma recordação da minha mãe, que havia me dado tal livro para ler quando ficamos ilhados pela neve numa casa de quatro quartos, alugada em Colorado Springs, durante a Segunda Guerra Mundial), mas quando o encontrei na Internet, ele falou diretamente a mim. À medida que eu ia lendo, me lembrava do frio que senti no New York Hospital, na noite em que John morreu. Achei que estava frio porque era 30 de dezembro e porque eu tinha vindo para o hospital sem meias, de sandália, usando apenas a saia de linho e o suéter que eu tinha posto para preparar o jantar. Tudo isso influía, mas eu estava com frio porque nada no meu corpo estava funcionando como devia.

Emily Post teria entendido isso. Ela escreveu esse texto num mundo em que o luto ainda era reconhecido e permitido, sem ser escondido da vista de todos. Philippe Aries, numa série de palestras proferidas no Johns Hopkins em 1973, e que foram depois publicadas

sob o título *Western Attitudes toward death: From the Middle Ages to the Present*, observou que, a partir da década de 1930, houve, na maioria dos países do mundo ocidental e particularmente nos Estados Unidos, uma revolução nas atitudes convencionalmente aceitas com relação à morte.

"A morte", ele escreveu, "tão onipresente no passado que chegava a ser algo muito familiar, seria 'banida do mapa', ocultada, e desapareceria. Tornar-se-ia algo vergonhoso e proibido". O antropólogo social inglês Geoffrey Gorer, em seu texto *Death, Grief and Mourning*, escrito em 1965, descreveu esta rejeição da manifestação pública do luto como sendo resultado de uma pressão crescente direcionada a um novo "dever ético de divertir-se", um novo "imperativo para que não se faça nada que possa diminuir a alegria dos outros". Ele observou que, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, a tendência contemporânea era "tratar o luto como um capricho mórbido, e os enlutados que conseguiam esconder a dor, sem deixar que os outros notassem que algo houvesse acontecido, eram admirados socialmente".

Uma das razões que faz o sofrimento pela perda de um ente querido ficar oculto é que a morte agora ocorre, na maioria das vezes, fora do palco principal. Na tradição anterior, dentro da qual Emily Post escreveu, a morte ainda não tinha sido profissionalizada. De um modo geral, ela não acontecia nos hospitais.

As mulheres morriam de parto. As crianças morriam de febres variadas. Não havia tratamento para o câncer. Na época em que escreveu seu livro de etiqueta, poucos lares americanos não haviam sido afetados pela epidemia de gripe de 1918. A morte era algo próximo e direto e acontecia dentro de casa.

Esperava-se do adulto comum que lidasse com competência e também com sensibilidade com as conseqüências da morte. Quando alguém morre, me ensinaram quando eu era criança na Califórnia, você põe um presunto para assar. Aí, você deixa o presunto em casa e vai para o cemitério. Se a família for católica, reza-se também o terço, mas

você não fica chorando e se lamentando e nem fica solicitando a atenção da família.

No fim das contas, o livro de etiqueta de Emily Post de 1922 acabou revelando uma compreensão muito mais precisa desta outra maneira de encarar a morte do que qualquer outra coisa que eu li, inclusive fornecendo receitas para o tratamento da dor. Nunca esquecerei a sabedoria instintiva de uma amiga que, durante aquelas primeiras semanas, me trazia todos os dias de Chinatown uma quentinha com congee, sopa de arroz temperada com cebolinha e gengibre. Aquilo eu conseguia comer. Aquilo era a única coisa que eu conseguia comer.

## 5

Havia mais alguma coisa que me ensinaram durante o meu período de crescimento na Califórnia. Quando você acha que alguém morreu, você pode se certificar disso segurando um espelho em frente à boca e ao nariz da pessoa. Se o espelho não ficar embaçado, isso quer dizer que a pessoa morreu. Minha mãe me ensinou isso. Esqueci-me disso na noite em que John morreu.

— Ele está respirando? — o atendente me perguntou.

— Venham logo — disse eu.

30 de dezembro de 2003.

Nós tínhamos acabado de visitar Quintana no CTI do sexto andar do Beth Israel North.

— Ficamos observando os números no respirador. Seguramos a sua mão inchada. Ainda não sabemos como a situação vai evoluir — disse um dos médicos do CTI.

Voltamos para casa. O horário de visita noturna no CTI começava às sete e, por isso, acho que já devia passar das oito.

Ficamos em dúvida sobre jantar fora ou em casa.

Eu disse que ia acender a lareira e que a gente podia comer em casa.

Não me recordo o que é que a gente ia comer. Só me lembro de ter jogado fora o que ainda estava nos pratos e na cozinha quando voltei para casa do New York Hospital.

Você se senta para jantar, e aquela vida que você conhecia acaba de repente.

Numa batida do coração.

Ou então devido à ausência dela.

Durante os últimos meses, passei grande parte do tempo tentando inicialmente retrair e, quando não conseguia, reconstruir a seqüência exata dos eventos que precederam e que se sucederam ao que ocorreu naquela noite. Uma dessas reconstruções se iniciava assim: "Certa hora, entre quinta-feira, 18 de dezembro de 2003, e segunda-feira, dia 22 do mesmo mês e ano, Q se queixou de estar 'se sentindo péssima', com sintomas de gripe e achando que estava com uma inflamação na garganta. " Esta reconstrução foi precedida pelos nomes e telefones dos médicos com quem falei não só no Beth Israel, mas também nos demais hospitais de Nova York e de outras cidades. O ponto central era: na segunda-feira, 22 de dezembro, com febre de quarenta graus, ela deu entrada no Beth Israel North, que, na época, tinha a reputação de ter o setor de emergência menos cheio de gente do Upper East Side de Manhattan, e o diagnóstico que eles deram foi gripe. Disseram a ela para ficar na cama e beber muito líquido. Não fizeram radiografia do pulmão. Nos dias 23 e 24 de dezembro, a febre oscilava entre trinta e nove e quarenta graus, e ela estava muito doente para vir jantar com a gente na véspera de Natal. Quintana e Gerry também cancelaram o que tinham combinado: passar o dia de Natal e depois mais alguns dias com a família dele em Massachusetts.

No dia de Natal, uma quinta-feira, ela me telefonou de manhã e disse que estava com dificuldade de respirar. Sua respiração me pareceu curta e dificultosa. Gerry levou-a de volta para a emergência do Beth Israel North, onde a radiografia mostrou uma densa infiltração de

pus e bactérias no lobo inferior do pulmão direito. O pulso estava acima de 150. Ela estava extremamente desidratada. Os glóbulos brancos estavam quase a zero. Deram a ela Ativan e depois Demerol. A pneumonia dela, disseram ao Gerry no setor de emergência, "era de nível cinco, numa escala de zero a dez". Não havia "nada de grave" (isso talvez tenha sido o que eu gostaria de ouvir), mas de qualquer modo decidiram colocá-la no CTI do sexto andar para ser monitorada.

Estava muito agitada quando chegou ao CTI. Deram-lhe mais sedativos e depois ela foi intubada. A temperatura agora passava de quarenta graus. Cem por cento do oxigênio que ela respirava era fornecido pelo tubo de respiração. Ela não estava, àquela altura, sendo capaz de respirar por si própria. No final da manhã do dia seguinte, sexta-feira, 26 de dezembro, ficamos sabendo que a pneumonia havia afetado os dois pulmões e que estava progredindo, apesar da maciça administração intravenosa de azitromicina, gentamicina, clindamicina e vancomicina.

Também ficamos sabendo — ou deduzindo, já que a pressão sanguínea estava baixando — que ela estava entrando, ou tinha entrado, num choque séptico. Pediram autorização ao Gerry para executar mais dois procedimentos invasivos: primeiro, a colocação de uma linha arterial e, depois, uma segunda linha que chegaria próximo do coração para atuar sobre o problema da pressão arterial. Deram-lhe neosinefrina para manter a pressão em 90 por 60.

No sábado, 27 de dezembro, fomos informados de que ela estava sendo medicada com um novo medicamento do laboratório Eli Lilly chamado Xigris, e que continuaria a ser administrado por noventa e seis horas, quatro dias.

— Isso vai ter um custo de vinte mil dólares — disse a enfermeira, enquanto mudava o soro.

Fiquei olhando o líquido gotejar para dentro de um dos muitos tubos que mantinham Quintana viva. Fui pesquisar sobre o Xigris na Internet. Um site dizia que a taxa de sobrevivência para pacientes em choque séptico tratados com Xigris era de 69%, em comparação com a



taxa de 56% para pacientes não tratados com Xigris. Num outro site, uma matéria promocional dizia que o Xigris, o "gigante adormecido" do laboratório Eli Lilly, estava "lutando para superar seus problemas no mercado séptico". Isso parecia ser, sob alguns aspectos, um prisma positivo através do qual encarar a situação: Quintana tinha sido uma noiva esfuziantemente alegre cinco meses antes, e, agora, a chance de ela sobreviver aos próximos dois dias poderia ser medida num ponto entre 56 e 69%, sendo que ela era "o mercado séptico", sugerindo que haveria ainda uma escolha para o consumidor. No domingo, 28 de dezembro, deu para imaginar que "o gigante adormecido" do mercado séptico estava dando seus pulinhos. A pneumonia não tinha regredido, mas a neosinefrina que estava mantendo a pressão sangüínea tinha sido suprimida e a pressão estava se mantendo em 95 por 40. Na segunda-feira, 29 de dezembro, um médico-assistente me falou que, depois de ter passado o fim de semana de folga, tinha retornado ao trabalho no hospital naquele dia de manhã e achado a situação de Quintana "encorajadora". Perguntei o que exatamente o tinha encorajado. "O simples fato dela ainda estar viva", disse ele.

Na terça-feira, 30 de dezembro, às 13h02 (de acordo com o computador), fiz estas anotações na expectativa de uma conversa com mais um outro especialista para quem eu havia telefonado:

Alguma consequência no cérebro — por causa da falta de oxigênio? Da febre alta? De uma possível meningite? Vários médicos haviam mencionado "que não sabiam se havia alguma estrutura ou bloqueio subjacente". Estariam eles falando de uma possível malignidaáe? Supõe-se que esta infecção seja bacteriana — embora nenhuma bactéria tenha aparecido nas culturas — haveria algum modo de saber se não é virótica?

Como é que uma "gripe" pode se transformar numa infecção total do organismo?

A última pergunta — como é que uma "gripe" pode se transformar numa infecção total do organismo?— foi incluída pelo John. No dia 30 de dezembro, ele estava fixado nesse ponto.

Nos três ou quatro dias anteriores ele havia perguntado isso muitas vezes aos médicos, aos assistentes, às enfermeiras e, finalmente, e mais desesperadamente, a mim, sem nunca ter recebido uma resposta que achasse satisfatória. Algo desafiava a sua compreensão. Algo desafiava também a minha compreensão, mas eu estava fazendo de conta que conseguia lidar com isso. Foi assim:

Ela foi para o CTI na noite de Natal.

Ela está no hospital, a gente disse um para o outro, na noite de Natal. Ela estava bem cuidada. Ela estaria em segurança lá.

Tudo o mais parecia normal.

A gente tinha uma lareira. Ela estaria bem assistida lá.

Cinco dias depois, tudo o que estava do lado de fora do CTI do sexto andar do Beth Israel North ainda parecia normal: essa parte nenhum dos dois conseguia assimilar direito (embora apenas John admitisse isso), mais uma instância de manter a atenção fixa no límpido céu azul de onde o avião despencou. Os presentes que eu e John tínhamos aberto na noite de Natal ainda estavam na sala. Os presentes que Quintana não tinha podido abrir porque estava no CTI ainda estavam em cima e embaixo de uma mesa no antigo quarto dela. Os pratos e talheres que a gente tinha usado na véspera de Natal ainda estavam na sala de jantar. Ainda havia despesas que fizemos em novembro, durante nossa viagem a Paris, manifestadas na boleta do cartão American Express. Quando viajamos, Quintana e Gerry estavam planejando o primeiro jantar do dia de Ação de Graças deles depois de casados. Tinham convidado a mãe dele, a irmã e o cunhado. Estavam usando o aparelho de jantar que ganharam de presente de casamento. Quintana tinha passado lá em casa para pegar os copos de cristal cor de rubi que foram da minha mãe. Tínhamos telefonado de Paris no dia de Ação de Graças. Eles estavam preparando um peru com purê de nabos.

"E de repente... ele se foi. "

Como é que uma "gripe" pode se transformar numa infecção total do organismo?

Vejo esta pergunta agora como o equivalente de um grito impotente de raiva, uma outra maneira de dizer: Como é que isso pode ter acontecido quando tudo estava correndo normalmente? No compartimento do CTI onde Quintana estava deitada, com os dedos e o rosto inchados pelo excesso de fluido, com os lábios rachados pela febre em volta do tubo de respiração, com o cabelo amassado e encharcado de suor, com os números do respirador naquela noite indicando que ela agora estava recebendo apenas 45% de oxigênio através do tubo, John beijara o rosto dela. "Mais do que mais um dia", ele tinha sussurrado, mais outra de nossas expressões familiares. A referência vinha de um filme de Richard Lester, Robin e Marian. "Eu te amo mais do que apenas mais um dia", diz Audrey Hepburn, no papel de Lady Marian, para Sean Connery, como Robin Hood, depois de ela ter dado a poção fatal para os dois tomarem. John dizia isso toda vez que saía do CTI. Na saída, consegui fazer com que um médico conversasse com a gente. Perguntamos se a diminuição no fornecimento de oxigênio queria dizer que ela estava melhorando.

Houve uma pausa.

Então, ele disse:

— Nós ainda não temos certeza de como este quadro vai evoluir. "A evolução vai ser positiva", me lembro de ter pensado. O médico ainda estava falando:

— Ela está realmente muito doente — disse ele.

Reconheci isso como uma maneira de dizer, em código, que havia a expectativa de ela morrer, mas eu insisti: "A evolução vai ser positiva. Vai ser positiva porque tem que ser positiva." "Creio na Cat" "Creio em Deus."

— Eu te amo mais do que mais um dia — disse Quintana, três meses depois, de vestido preto, na igreja Saint John the Divine. — Como você costumava dizer para mim.

Nós nos casamos no dia 30 de janeiro de 1964, uma quinta-feira à tarde, na Missão Católica de San Juan Bautista, município de

San Benito, Califórnia. John estava usando um terno azul-marinho da Chipp. Eu estava usando um vestido curto de seda branca comprado no Ransohoff s, em São Francisco, no dia em que John Kennedy foi assassinado. Ainda era de manhã na Califórnia quando já era meio-dia e meia em Dallas. Minha mãe e eu só ficamos sabendo do ocorrido quando saímos do Ransohoff s para almoçar e esbarramos com uma pessoa de Sacramento. Já que havia apenas trinta ou quarenta convidados em San Juan Bautista para o casamento (a mãe do John; o irmão mais novo, Stephen; o outro irmão, Nick, a mulher dele, Lenny, e a filha de quatro anos; minha mãe e meu pai; meu irmão e minha cunhada; meu avô; minha tia e alguns primos; amigos da família, de Sacramento; um amigo de faculdade de John; e talvez mais uma ou duas pessoas), eu queria a cerimônia sem aquela entrada protocolar, sem aquele "cortejo". Eu queria apenas estar lá no altar e desempenhar o meu papel. "Os noivos apenas se aproximam do altar", disse Nick, prestativo. Ele organizou tudo direitinho, mas o organista que apareceu na igreja não sabia do combinado e, de repente, me vi entrando na igreja de braços dados com meu pai, chorando por detrás dos óculos escuros. Quando a cerimônia terminou, fomos de carro para a casa de Pebble Beach. Havia umas coisinhas para comer, champanhe, um terraço que se abria sobre o Pacífico, tudo muito simples. Para efeito de lua-de-mel, passamos algumas noites num bangalô no rancho San Ysidro em Montecito e depois, entediados, fugimos para o Beverly Hills Hotel.

No dia do casamento de Quintana, lembrei-me do meu casamento.

O casamento dela foi bem simples também. Ela estava de véu, com um vestido longo branco, e uns sapatos chiques, de grife. O cabelo estava arrumado numa trança grossa que descia pelas costas, como quando ela era menina.

Sentamos perto do altar, na igreja Saint John the Divine. O pai a conduziu até lá, onde estavam Susan, a melhor amiga dela da Califórnia desde os três anos de idade, a melhor amiga dela em Nova

York, e a prima dela, ANNA. Havia também a prima Kelley, da Califórnia, que leu algumas partes da cerimônia, e os filhos da enteada do Gerry, que leram um outro trecho. Havia também as crianças mais novas: menininhas descalças com grinaldas de flores. Havia sanduíches de maionese de agrião, champanhe, limonada, guardanapos rosa-pêssego combinando com a cor do sorvete que acompanhava o bolo e pavões no jardim. Ela tirou o sapato e o véu. — Não foi quase perfeito? — ela disse, quando a festa terminou.

O pai dela e eu concordamos. Ela e Gerry pegaram um vôo para Saint Barth's. John e eu fomos para Honolulu.

26 de julho de 2003.

Quatro meses e 29 dias antes de ela dar entrada no CTI do Beth Israel North.

Cinco meses e quatro dias antes do pai dela morrer.

Nas primeiras duas semanas depois que ele morreu, havia uma certa hora da noite em que uma exaustão protetora tomava conta de mim. Eu deixava os parentes e amigos conversando na sala e na cozinha do apartamento e ia andando pelo corredor até o quarto e fechava a porta, evitando olhar para as lembranças do início de nosso casamento penduradas nas paredes do corredor. Na verdade, eu não precisava nem olhar, mas também não podia evitá-las pelo fato de não olhar. Eu conhecia tudo aquilo de cor. Tinha uma fotografia do John comigo tirada numa das locações de Os viciados. Foi o nosso primeiro filme. Viajamos com ele para o Festival de Cannes de 1971.

Aquela foi a primeira vez em que eu fui à Europa. Viajamos de primeira classe patrocinados pela Twentieth Century-Fox, e eu embarquei no avião descalça. Naquela época era assim.

Tinha uma foto de nós três (eu, John e Quintana) na Fonte Bethesda do Central Park, em 1970, na qual John e Quintana, então

com quatro anos, estão chupando picolé. Estivemos em Nova York aquele outono inteiro trabalhando num filme do Otto Preminger.

— Ela está no escritório do seu Preminger que não tem cabelo — Quintana informou ao pediatra que tinha perguntado onde estava a mãe dela.

Havia uma foto na qual estávamos John, eu e Quintana no deck da casa que tínhamos em Malibu nos anos setenta. Ela saiu na revista People. Quando vi a foto, percebi que Quintana tinha aproveitado uma folga nas filmagens daquele dia e tinha posto, pela primeira vez, delineador nos olhos. Havia uma foto que Barry Farrell tinha tirado da mulher, Marcia, sentada numa cadeira de rattan na casa de Malibu, segurando a filha deles, na época um bebê, cujo nome é Joan Didion Farrell.

Barry Farrell já tinha morrido.

Havia uma foto da Katharine Ross, tirada pelo Conrad Hall durante o período de Malibu, quando ela ensinou Quintana a nadar atirando uma concha do Taiti na piscina de um vizinho e dizendo a Quintana que poderia ficar com a concha se a trouxesse de volta. Era uma época, o início dos anos setenta, quando Katharine e Conrad, Jean e Brian Moore, e John e eu trocávamos plantas, cachorros, favores e receitas, e íamos jantar uns na casa dos outros duas vezes por semana.

Lembro-me de que todo mundo fazia suflê. Em Papeete, a Nancy, irmã do Conrad, tinha ensinado à Katharine como fazer com que eles saíssem direito sem nenhum esforço, e depois a Katharine ensinou para mim e para a Jean. O truque era uma abordagem menos rígida do que normalmente se aconselhava.

Katharine também trouxe para nós favas de baunilha do Taiti em grossos molhos amarrados com ráfia.

Fazíamos creme caramelo com a baunilha durante um tempo, mas ninguém gostava muito de caramelizar o açúcar.

Conversávamos sobre alugar a casa da Lee Grant em Zuma Beach e abrir um restaurante que teria o nome de Lee Grant's House. Katharine, Jean e eu nos revezariamos na cozinha e John, Brian e

Conrad se revezariam atendendo os clientes. Este esquema Malibu de sobrevivência foi posto de lado porque Katharine e Conrad se separaram, Brian estava terminando um livro e John e eu fomos a Honolulu para reescrever o roteiro de um filme. Trabalhamos bastante em Honolulu. Ninguém em Nova York conseguia calcular direito a diferença do fuso horário e isso nos permitiu trabalhar o dia inteiro sem que o telefone tocasse. A uma certa altura, nos anos setenta, fiquei com vontade de comprar uma casa em Honolulu e levei John para ver uma porção delas, mas ele não se entusiasmou com a idéia. Ele preferia ficar no hotel Kahala. O Conrad Hall tinha morrido. O Brian Moore tinha morrido.

Uma lembrança que tenho de uma das nossas ex-casas, uma casa enorme e meio dilapidada na Franklin Avenue, em Hollywood, que nós alugamos por 450 dólares por mês, com muitos quartos e varandas, muitos abacateiros e uma quadra de tênis de saibro cheia de capim, é um poema que Earl Mc-Grath tinha escrito por ocasião do nosso quinto aniversário de casamento e que nós mandamos emoldurar:

*Esta é a história de John Gregory Dunne  
Que, com a mulher, Dona Didion Do,  
Estava oficialmente casado e, com uma prole de um,  
Morava na Franklin Avenue.  
Moravam com a linda filha Quintana  
Também chamada de Didion D.  
Didion Dunne  
E Didion Do.  
E Quintana, ou Didion D.  
Uma linda família de um Dunne Dunne Dunne  
(Quero dizer, uma família de três)  
Vivendo num estilo conhecido como antigo  
Na Franklin Avenue.*

Quem sofre uma perda recente fica com um certo olhar que talvez seja somente reconhecível pelos que já viram aquele mesmo olhar no próprio rosto. Notei isso no meu rosto e agora percebo isso nos outros. Esse olhar reflete uma enorme vulnerabilidade, é como estar nu e desarmado. É o olhar de quem sai do consultório do oftalmologista com as pupilas dilatadas e encara a luz do dia, ou o olhar de quem usa óculos e tem subitamente que tirá-los. As pessoas que perderam alguém parecem nuas porque se acreditam invisíveis. Eu mesma me senti invisível durante um tempo, como se não tivesse um corpo. Parecia que eu tinha atravessado um daqueles rios mitológicos que separam o mundo dos vivos do mundo dos mortos, como se eu tivesse entrado num local onde pudesse ser vista apenas por aqueles que estão passando por um luto recente. Entendi pela primeira vez o poder da imagem do rio Estige e do rio Lete e do barqueiro encapuzado com seu remo. Entendi pela primeira vez o sentido da prática indiana do suttee. As viúvas não se atiravam na pira ardente por desgosto ou sofrimento. Para elas, a pira ardente era, na verdade, a representação exata e precisa do local para o qual o sofrimento as tinha levado. Não foi a família, nem a comunidade, nem o costume, mas foi o próprio sofrimento delas que fez isso. Na noite em que John morreu, faltavam trinta e um dias para o nosso quadragésimo aniversário de casamento. A esta altura dos acontecimentos, já deve ter dado para perceber que a "difícil e suave sabedoria" das duas últimas linhas de Rose Aylmer não tinha nada a ver comigo.

Eu queria mais do que uma noite de lembranças e suspiros.

Eu queria gritar.

Eu queria ele de volta.

## 6

**M**uitos anos atrás, num dia muito claro de outono, andando pela rua 57, entre a Sexta e a Sétima avenidas, tive uma experiência que eu interpretei como uma percepção da morte. Foi um efeito de luz: rápidas



manchas rendilhadas de sol, folhas amareladas caindo. (De onde? Havia árvores naquele trecho da rua 57?) Era uma chuva faiscante de brilhos dourados, e tudo aconteceu muito rápido. Depois, fiquei esperando encontrar esse mesmo efeito em outros dias claros semelhantes, mas nunca mais tive a mesma experiência, Fiquei me perguntando se não teria sido um ataque qualquer ou um derrame de alguma espécie. Alguns anos antes, na Califórnia, eu tinha sonhado com uma imagem que, quando acordei, tive certeza de que representava a morte. Era uma ilha gelada ao largo das Channel Islands. Eu via lá do alto as montanhas escarpadas onde o gelo era translúcido, de um branco azulado que brilhava na luz do sol. Diferentemente dos sonhos nos quais o sonhador está na expectativa da morte, inexoravelmente sentenciado a ela, mas ainda não tendo chegado lá, não havia medo nesse sonho. Tanto a ilha de gelo quanto a chuva de brilhos na rua 57 foram imagens de uma beleza tão transcendental que eu não tenho palavras para exprimir o que senti, mas, mesmo assim, na minha cabeça, não havia dúvida de que as duas visões eram imagens da morte.

E então, se essas eram as minhas imagens da morte, por que fiquei tão incapaz de aceitar o fato de que ele tinha morrido? Será que foi porque eu estava com dificuldade de aceitar o fato como algo que tinha acontecido a ele? Será que foi porque eu ainda estava entendendo a coisa como se fosse algo que tivesse acontecido comigo?

A vida se transforma rapidamente.

A vida muda num instante.

Você se senta para jantar, e aquela vida que você conhecia acaba de repente.

A questão da autopiedade.

Observem como a autopiedade entrou em cena, logo de início.

Um dia de manhã, na primavera seguinte, peguei o New York Times e pulei direto da primeira página para as palavras cruzadas. Aquele modo de começar o dia tinha se tornado um padrão durante aqueles meses todos. Foi a maneira que encontrei de ler, ou melhor, de

não ler, o jornal. Antes, eu nunca tinha tido paciência de fazer palavras cruzadas, mas agora achava que aquele exercício iria me incentivar no retorno às atividades cognitivas construtivas da vida. A linha que mais me chamou a atenção foi a 6 Vertical: "Às vezes me sinto como uma... ", eu imediatamente saquei a resposta óbvia, uma bem grande, que preenchesse muitos espaços e que comprovasse a minha competência para enfrentar o dia: "criança sem mãe."

Uma criança sem mãe passa por momentos muito difíceis — Uma criança sem mãe passa por tantos momentos difíceis — Não. O 6 Vertical tinha só cinco letras.

Abandonei as palavras cruzadas (a impaciência veio rápido) e no dia seguinte fui olhar a resposta. A resposta correta para o 6 Vertical era "louca". Louca? Às vezes me sinto como uma louca?. A que distância eu estava do mundo das reações normais?

Nota: a resposta instantaneamente acessada ("uma criança sem mãe") foi uma manifestação de autopiedade.

Essa dificuldade de entendimento não ia ser nada fácil de corrigir.

*Ávido fluir, brasa rodante!*

*Onde estão meu pai e Eleanor?*

*Não onde estão agora, mortos há sete anos,*

*Mas como eles eram então.*

*Não mais? Não mais?*

*"Calmamente atravessamos este dia de abril",*

*Delmore Schwartz*

Ele achou que estava morrendo. Ele me disse isso várias vezes. Descartei essa idéia. Ele estava deprimido. Tinha terminado um romance, *Nothing Lost*, e viu-se preso no limbo previsível daquele período prolongado entre a entrega dos originais e a publicação, sendo que ele também estava passando por uma crise de autoconfiança, igualmente previsível, relacionada ao livro que estava iniciando, uma

reflexão sobre o sentido do patriotismo, que ainda não havia tomado seu impulso inicial. Ele também teve que enfrentar, durante a maior parte do ano, uma série de problemas médicos preocupantes. Seu ritmo cardíaco entrava cada vez mais em processo de fibrilação atrial. O ritmo normal do nódulo sinusal podia ser restabelecido pela cardioversão, procedimento ambulatorial no qual ele recebia anestesia geral por alguns minutos, enquanto o coração recebia choques elétricos, mas qualquer alteração no estado físico, coisas leves como pegar um resinado ou enfrentar uma viagem aérea com muitas horas de duração, poderiam de novo comprometer o ritmo. Num último procedimento deste tipo, feito em abril de 2003, foram necessários não apenas um, mas dois choques. A necessidade crescente e continuada da cardioversão indicava que aquele procedimento não estava mais tendo utilidade. Em junho, após uma série de consultas, ele sofreu uma intervenção cardíaca mais radical, uma ablação com radiofrequência no nódulo atrioventricular e o subsequente implante de um marca-passo Medtronic Kappa 900SR.

No verão, animado pelo casamento de Quintana e pelo aparente sucesso do marca-passo, seu estado de espírito deu uma levantada. No outono, caiu de novo. Lembro-me de uma briga por causa da nossa ida a Paris em novembro. Eu não queria ir. Disse que a gente tinha muita coisa a fazer e pouco dinheiro. Ele disse que estava com a sensação de que, se não fosse a Paris em novembro, nunca mais conseguiria ir a Paris. Interpretei isso como uma chantagem emocional.

— Então tá, fica combinado assim, vamos nessa — concordei.

Ele se levantou da mesa. Ficamos sem nos falar nada além do estritamente necessário durante dois dias.

No fim das contas, acabamos indo para Paris em novembro.

"Digo-te que não viverei dois dias", disse Gawain.

Algumas semanas atrás, no Conselho de Relações Exteriores, na rua 68 com a Park Avenue, vi alguém lendo o International Herald Tribune. Outro exemplo daqueles de derrapar e entrar na pista errada.

De repente, não estou mais ali. Estou sentada com John tomando o café da manhã no restaurante do hotel Bristol, em Paris, em novembro de 2003. Nós dois estamos lendo os exemplares do hotel do International Herald Tribune, que vêm com uns cartões grampeados indicando a previsão do tempo para aquele dia. Em todos os dias de novembro que passamos em Paris o cartão mostrava aquele sinal do guarda-chuva. Andamos na chuva pelo Jardim de Luxemburgo. Fugimos dela entrando na igreja de Saint Sulpice. Havia uma missa sendo celebrada. John comungou. Pegamos um resfriado por causa da chuva no Jardin du Ranelagh. No voo de volta para Nova York, o cachecol do John e o meu vestido de jérsei estavam com cheiro de lã molhada. Na decolagem, ele ficou segurando minha mão até o avião se estabilizar.

Ele sempre fazia isso.

Pra onde é que isso foi?

Vejo um anúncio da Microsoft numa revista mostrando a plataforma da estação Porte des Lilás do metrô de Paris.

Ontem achei, no bolso de uma jaqueta, um bilhete do metrô de Paris usado naquela viagem em novembro.

— Os episcopais "tomam" a comunhão — ele me corrigiu mais uma vez, quando saímos de Saint Sulpice.

Passou quarenta anos me corrigindo neste assunto. Os episcopais "tomam" a comunhão, os católicos a "recebem".

— É uma diferença de atitude — ele me explicava todas as vezes. Não onde estão agora, mortos há sete anos, mas como eles eram então.

A última cardioversão foi feita em abril de 2003, quando foram necessários dois choques elétricos, em vez de um. Recordo-me de um médico me explicando por que isso tem de ser feito sob anestesia.

— Se não for assim, o paciente dá um pinote e pula para fora da mesa — disse ele.

30 de dezembro de 2003: então foi isso o pinote repentino a que eu presenciei quando a equipe da ambulância estava instalando o

desfibrilador, no chão da sala de estar. Aquilo foi um batimento cardíaco ou foi apenas eletricidade?

Na noite em que ele morreu, ou na noite anterior, no táxi entre o Beth Israel North e o nosso apartamento, John disse várias coisas que, pela primeira vez, me impediram de considerar o estado de espírito dele como uma depressão, que é uma fase normal na vida de qualquer escritor.

Tudo o que tinha feito era sem valor, dizia ele.

Ainda assim, tentei descartar aquilo.

Isso podia não ser normal, eu disse a mim mesma, mas também as condições em que acabáramos de deixar Quintana não eram normais.

Ele disse que o romance não valia nada.

Isso podia não ser normal, eu disse a mim mesma, mas também não era normal para um pai ver uma filha num estado em que ele não podia fazer nada para ajudar.

Disse que também não valia nada o artigo que tinha escrito recentemente para o New York Review, uma crítica sobre a biografia de Natalie Wood escrita por Gavin Lambert.

Isso podia não ser nada normal, mas o que é que tinha sido normal nesses últimos dias?

Ele disse não saber o que estava fazendo em Nova York.

— Por que gastei meu tempo num artigo sobre Natalie Wood? — disse ele.

Isso não era exatamente uma pergunta.

— Você tinha razão sobre o Havaí — ele disse logo depois.

Ele deve ter querido dizer que eu tinha razão quando, uns dois dias antes, disse que, quando Quintana melhorasse (esse era o nosso código para "se ela sobreviver"), nós podíamos alugar uma casa na praia de Kailua e ela podia passar um tempo lá, se recuperando. Ou talvez ele quisesse dizer que eu estava certa nos anos setenta, assim que eu quis comprar uma casa em Honolulu. Na hora, eu preferi pensar que ele estava se referindo à primeira opção, mas o verbo no imperfeito sugeria

que era a segunda. Ele disse essas coisas no táxi entre o Beth Israel North e o nosso apartamento, podia ser três ou vinte e sete horas antes de morrer, tento me lembrar direito e não consigo.

## 7

Por que fico apontando o que era e o que não era normal, quando nada com relação a isso era normal?

Vou tentar fazer uma cronologia.

Quintana deu entrada no CTI do Beth Israel North no dia 25 de dezembro de 2003.

John morreu no dia 30 de dezembro de 2003.

No final da manhã do dia 15 de janeiro de 2004, no CTI do Beth Israel North, depois de os médicos terem conseguido remover o tubo de respiração e reduzir a sedação a um ponto em que ela pudesse gradualmente despertar, eu contei a Quintana que ele tinha morrido. Contar para ela naquele dia não estava nos planos. Os médicos disseram que ela iria acordar apenas intermitentemente, parcialmente de início, e que durante alguns dias iria conseguir absorver apenas uma quantidade limitada de informação. Se ela acordasse e me visse, iria querer saber onde estava o pai dela. Gerry, Tony e eu tínhamos discutido este problema e tínhamos decidido que somente Gerry devia estar ao seu lado quando ela começasse a despertar. Assim, ela iria se concentrar nele, na vida deles. A pergunta sobre o pai poderia nem surgir. Eu poderia vê-la mais tarde, talvez alguns dias mais tarde. Eu poderia então contar para ela. Ela estaria mais fortalecida.

Conforme o planejado, Gerry estava ao lado da esposa quando ela voltou a si. Conforme não estava planejado, uma enfermeira disse que a mãe dela estava lá fora no corredor.

— E quando é que ela vai entrar? — ela queria saber.

Entrei.

— Cadê o meu pai? — ela sussurrou quando me viu.

As três semanas de intubação inflamaram as cordas vocais, e o sussurro que ela conseguia emitir era quase inaudível. Conteí a ela o que havia acontecido. Sublinhei a história dos problemas cardíacos, o longo período de sorte que finalmente tinha se acabado, o fator aparentemente repentino, mas inevitável, do ocorrido. Ela chorou. Gerry e eu ficamos abraçados com ela. Ela caiu de novo no sono.

— Como vai o papai? — ela sussurrou, quando a vi novamente naquela mesma noite.

Comecei tudo de novo. O ataque do coração. O histórico médico. A característica apenas aparentemente repentina da ocorrência.

— Sim, mas como ele está agora?. — ela sussurrou, esforçando-se para se fazer ouvir.

Ela havia assimilado a parte repentina do fato, mas não o desfecho.

Contei novamente. No fim das contas, eu ainda teria que contar mais uma terceira vez, em outro CTI, desta vez na Universidade da Califórnia.

A cronologia.

No dia 19 de janeiro de 2004, ela foi transferida do CTI do sexto andar do Beth Israel North para um quarto particular no vigésimo andar. No dia 22 de janeiro de 2004, ainda se sentindo fraca demais para ficar de pé ou se sentar sem o apoio de ninguém, e com uma febre causada por uma infecção hospitalar contraída no CTI, ela foi liberada do hospital. Gerry e eu a pusemos na cama, no antigo quarto dela, no meu apartamento. Ele saiu para comprar os remédios que haviam sido receitados. Ela levantou da cama para pegar um outro edredom no armário e caiu no chão. Eu não conseguia levantá-la sozinha e tive que pedir ajuda a alguém do prédio para botá-la de novo na cama.

No dia 25 de janeiro, ela acordou, ainda no meu apartamento, com muitas dores no peito e febre cada vez mais alta. Foi internada naquele mesmo dia no Milstein Hospital do Centro Médico Columbia-Presbyterian, após chegar-se a um diagnóstico de embolia pulmonar no setor de emergência.

Antes eu não sabia, mas agora eu sei que, devido à imobilidade prolongada no Beth Israel, isto seria uma consequência inteiramente previsível, e que poderia ter sido diagnosticada antes de ela ter tido alta, através do mesmo tipo de exame que foi feito três dias depois no setor de emergência do Presbyterian.

Após ter dado entrada no Milstein, fizeram um exame nas pernas de Quintana para saber se outros coágulos haviam se formado. Ela passou a tomar anticoagulantes para prevenir tais formações, ao mesmo tempo em que os coágulos existentes iriam se dissolvendo.

No dia 3 de fevereiro de 2004, ela teve alta no Presbyterian, ainda tomando anticoagulantes. Iniciou a fisioterapia para reconquistar a força muscular e a mobilidade. Nós duas, junto com Tony e Nick, combinamos como iria ser a missa do John.

A cerimônia aconteceu às quatro da tarde do dia 23 de março de 2004 na catedral Saint John the Divine, onde, uma hora antes, e na presença da família, as cinzas de John foram depositadas, conforme o



planejado, na capela perto do altar-mor. Nick tinha organizado uma recepção no Union Club depois da missa. Por fim, umas trinta ou quarenta pessoas da família ainda vieram ao nosso apartamento. Acendi a lareira. Bebemos uns drinques. Jantamos. Quintana, apesar de ainda frágil, tinha ficado firme e de pé na catedral com seu tubinho preto, e tinha rido muito com as primas durante o jantar. Um dia e meio depois, no dia 25 de março, ela e Gerry iam recomeçar a vida deles pegando um vôo para a Califórnia, para passar alguns dias na praia de Malibu. Dei a maior força. Eu queria ver de novo aquela cor de Malibu no rosto e no cabelo dela.

No dia seguinte, 24 de março, sozinha no apartamento, já tendo cumprido formalmente a obrigação de sepultar meu marido e de acompanhar a nossa filha naquela crise, guardei os pratos no armário e me permiti pensar pela primeira vez sobre o que seria necessário para recomeçar a minha vida. Liguei para desejar boa viagem. Ela ia pegar um vôo no dia seguinte, de manhã cedo. Ela me pareceu ansiosa. Ela ficava sempre ansiosa antes de viajar. A decisão sobre o que levar na mala parecia desencadear, desde a infância, algum medo de ter perdido a capacidade de organizar as coisas.

— Você acha que eu vou ficar bem na Califórnia? — disse ela.

Eu disse que sim. É claro que ela ia ficar bem na Califórnia.

Ir para a Califórnia seria, na verdade, o primeiro dia do resto da vida dela. Ocorreu-me, quando desliguei o telefone, que fazer uma limpeza no meu escritório seria um passo em direção ao primeiro dia do resto da minha vida. Comecei. Durante a maior parte do dia seguinte, quinta-feira, 25 de março, continuei fazendo a limpeza. Houve momentos, durante aquele dia calmo, em que me peguei pensando que, possivelmente, eu já tinha passado pelas dificuldades e entrado numa nova fase. Em janeiro, olhando de uma janela do Beth Israel North, vi os blocos de gelo se formando no rio East. Em fevereiro, olhando da janela do Columbia-Presbyterian, vi os blocos de gelo se partindo no rio Hudson. Agora em março, o gelo tinha ido embora e eu fiz o que tinha de fazer para o John e para Quintana, e ela ia voltar restabelecida da

Califórnia. À medida que a tarde avançava (o avião deles já deveria ter aterrissado, eles já deviam ter pegado o carro e já deviam estar subindo a Pacific Coast Highway), eu já a imaginava andando na praia com Gerry na fina luz solar de Malibu. Fui no site da AccuWeather e digitei o código de lá: 90265. Havia sol. A máxima e a mínima eu não lembro, mas lembro-me de ter achado satisfatório. Ia ser um dia bonito em Malibu.

Os morros estariam cobertos de flores de mostarda.

Ela poderia levar Gerry para ver as orquídeas em Zuma Canyon.

Ela poderia levá-lo para comer peixe frito em Ventura County.

Tinha combinado de levá-lo um dia para almoçar na Jean Moore, e iria visitar lugares onde passou a infância. Ela podia mostrar onde a gente catava mexilhões para o almoço de Páscoa. Podia mostrar o lugar onde há muitas borboletas, onde tinha aprendido a jogar tênis, onde os salva-vidas de Zuma Beach tinham ensinado a ela como escapar da corrente. Na escrivaninha do meu escritório tinha uma fotografia tirada quando Quintana tinha seis ou sete anos, com o cabelo comprido e dourado pelo sol de Malibu. Colado nas costas da moldura havia um bilhete escrito com lápis de cera que minha filha tinha deixado um dia na mesa da cozinha em Malibu: "Querida mamãe, quando você abriu a porta, fui eu que fugi. Beijos — Q. "

Às sete e dez daquela noite eu estava mudando de roupa para ir jantar com uns amigos que moram no prédio. Digo "às sete e dez" porque foi quando o telefone tocou. Era o Tony. Ele me disse que estava vindo para cá imediatamente. Reparei na hora porque eu tinha de estar lá embaixo às sete e meia, mas a urgência do Tony era tanta que não falei nada. A mulher dele, Rosemary Breslin, tinha passado a maior parte dos últimos quinze anos lutando contra uma doença sangüínea não-diagnosticada. Logo após a morte do John, ela passou a participar de um tratamento experimental que a deixava cada vez mais debilitada, necessitando de internações intermitentes no Memorial Sloan-Kettering Hospital. Eu sabia que aquele dia comprido na catedral, e depois com a família, deveria ter sido extenuante para ela. Interrompi Tony quando

ele estava para desligar. Perguntei se Rosemary estava de novo no hospital. Ele disse que não era Rosemary, era Quintana que, naquele exato momento em que a gente estava falando, sete e dez em Nova York e quatro e dez na Califórnia, estava sendo operada numa neurocirurgia de urgência no Centro Médico da Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

## 8

Eles desceram do avião.

Pegaram a sacola.

Gerry estava carregando a sacola, dirigindo-se para o ônibus da firma de aluguel de carros, indo na frente de Quintana e atravessando as vias de acesso ao local de desembarque. Olhou para trás. Até hoje, não tenho a menor idéia do que o fez olhar para trás. Nunca pensei em perguntar. Imaginei aquela situação na qual você ouve alguém falar alguma coisa e você não fala nada, então você olha para ela. A vida muda num instante. Num instante comum. Ela estava caída de costas no asfalto. Chamaram uma ambulância. Quintana foi levada para o hospital da Universidade da Califórnia. Segundo Gerry, ela estava acordada e lúcida na ambulância. Foi apenas quando chegou ao setor de emergência que ela começou a ter convulsões e a agir de modo incoerente. Fizeram uma tomografia computadorizada. Na hora em que a levaram para a cirurgia, uma das pupilas estava fixa. A outra ficou fixa enquanto eles a levavam para dentro da sala. Relataram-me isso mais de uma vez, como prova da gravidade da situação e da natureza crítica da intervenção: "Uma das pupilas estava fixa e a outra ficou fixa quando a levaram para o centro cirúrgico. "

Na primeira vez em que ouvi isso, eu não sabia o significado do que estavam me dizendo. Na segunda vez, eu entendi. Sherwin B. Nuland, em *How we die*, relata ter visto, como estudante do terceiro ano de medicina, um paciente cardíaco "cujas pupilas estavam fixas na

posição de dilatação total, o que significa morte cerebral e que obviamente nunca reagiriam à luz novamente". No mesmo livro, o doutor Nuland nos descreve as tentativas malsucedidas de uma equipe de RCP [Ressuscitação Cardiopulmonar] de reanimar um paciente que tinha sofrido uma parada cardíaca no hospital: "Os jovens profissionais vêem as pupilas do paciente ficarem não-reagentes à luz e depois se expandirem até se tornarem grandes círculos fixos de escuridão impenetrável. Com relutância, a equipe interrompe seus esforços... A sala está coalhada de destroços da batalha perdida. " Foi isso o que a equipe da ambulância do New York-Presbyterian viu nos olhos do John, no chão da nossa sala de estar, no dia 30 de dezembro de 2003? Foi isso o que os neurocirurgiões da universidade viram nos olhos de Quintana no dia 25 de março de 2004? "Escuridão impenetrável?" "Morte cerebral?" Era isso o que eles estavam pensando? Leio o laudo da tomografia computadorizada feita naquele dia na Universidade da Califórnia e ainda sinto como se fosse desmaiar:

A imagem mostra hematoma subdural no hemisfério direito, com evidência de sangramento agudo. Sangramento ativo não pode ser excluído. O hematoma causa compressão no cérebro à direita, herniação subfalcial e uncal inicial, com 19mm de desvio da linha média da direita para a esquerda na altura do terceiro ventrículo. O ventrículo lateral direito está parcialmente apagado e o ventrículo lateral esquerdo evidencia obstrução inicial. Há compressão centrocerebral de moderada a marcada e a cisterna perimesencefálica está apagada. Notou-se um hematoma fino falcino posterior e outro subdural tentorial esquerdo. Um pequeno sangramento parenquimatoso, provavelmente contusional, foi observado no lobo frontal infero-lateral direito. As amígdalas cerebelares estão no nível do foramen magnum. Não há evidência de fratura de crânio. Nota-se presença de grande hematoma escarpelar parietal direito.

25 de março de 2004. Sete e dez da noite em Nova York.

Ela já tinha retornado daquele lugar a que os médicos se referiam como "Nós ainda não sabemos como isto vai evoluir", e lá estava ela novamente.

Pelo tanto que eu sabia, a coisa já tinha ido para o lado errado.

Eles devem ter informado ao Gerry, e ele estava tentando assimilar e digerir a coisa, antes de me telefonar.

Talvez ela já estivesse indo para o necrotério do hospital.

Sozinha. Numa maca. Com alguém a transportando.

Eu já havia imaginado esta cena com John.

Tony chegou.

Ele repetiu o que havia me dito ao telefone. Ele recebeu um telefonema do Gerry lá do hospital da Universidade da Califórnia. Quitana estava em cirurgia. Gerry podia ser contatado pelo telefone celular na recepção do hospital, que também era a sala de espera do centro cirúrgico (a universidade estava construindo um novo hospital, este estava superlotado ultrapassado).

Telefonamos para Gerry.

Um dos cirurgiões tinha acabado de sair da sala de operação para lhe dar as últimas notícias. A equipe de cirurgiões estava agora "razoavelmente confiante" de que ela "sairia da mesa", embora eles não pudessem prever em que condições.

Recordo-me de perceber que isto significava uma avaliação melhorada: o relatório anterior da sala de operações tinha sido de que a equipe "não tinha certeza de que ela sairia da mesa".

Lembro-me de tentar e de não conseguir compreender a expressão "sair da mesa". Eles queriam dizer "viva"? Será que eles disseram "viva", mas o Gerry não conseguiu dizer isso? "O que quer que aconteça", lembro-me de ter pensado, "ela vai com certeza 'sair da mesa'".

Devia ser então talvez quatro e meia em Los Angeles, e sete e meia em Nova York. Eu não tinha certeza de há quanto tempo a estavam operando. Vejo agora, pelo laudo da tomografia computadorizada efetuada às "15h06", seis minutos depois das três, em Los Angeles, que

ela provavelmente estava em cirurgia somente há meia hora. Peguei um Guia Oficial das Companhias Aéreas para ver quais seriam os vôos daquela noite para Los Angeles. A Delta tinha um vôo saindo do aeroporto JFK, de Nova York, às 21h40. Eu estava quase telefonando para a Delta quando Tony disse que não achava uma boa idéia eu estar em pleno vôo durante a operação.

Lembro-me de um silêncio.

Lembro-me de pôr o guia de lado.

Telefonei para Tim Rutten em Los Angeles e pedi a ele que fosse ao hospital para aguardar junto com Gerry. Telefonei para o nosso contador em Los Angeles, Gil Frank, cuja filha tinha sofrido uma intervenção neurocirúrgica de emergência no hospital da Universidade da Califórnia alguns meses antes, e ele também disse que iria para lá.

Isto foi o mais próximo que eu cheguei de estar no hospital, a distância.

Pus a mesa na cozinha. Tony e eu beliscamos um pouco do coq au vin que tinha sobrado do jantar com a família depois da missa do John na igreja de Saint John the Divine. Rosemary chegou. Sentamo-nos à mesa da cozinha e tentamos elaborar o que chamamos de um "plano". Delicadamente, usamos expressões como "contingências", como se algum de nós talvez não soubesse que "contingências" eram aquelas. Recordo-me de ter telefonado para o Earl McGrath, para ver se eu podia usar a casa dele em Los Angeles. Lembro-me de ter dito as palavras "se eu precisar", outra construção delicada. Lembro-me de ele ter me cortado e dito que estava indo para Los Angeles no dia seguinte no avião de um amigo e que eu iria com eles. Por volta da meia-noite, Gerry telefonou e disse que a cirurgia tinha terminado. Eles iam fazer agora uma outra tomografia para ver se havia algum sangramento adicional que lhes tivesse escapado. Se houvesse sangramento, eles iriam operar novamente. Se não houvesse, eles iam executar mais um outro procedimento, que era colocar um filtro na veia cava para evitar que os coágulos entrassem no coração. Por volta das quatro da manhã, horário de Nova York, ele ligou novamente para dizer que a tomografia não

mostrava nenhum sangramento e que eles tinham colocado o filtro. Gerry me relatou o que os cirurgiões tinham dito a ele. Fiz anotações: Sangramento arterial, artéria ejetando sangue, como um gêiser, sangue na sala toda, nenhum fator coagulante. Cérebro deslocado para o lado esquerdo.

Encontrei essas anotações na lista de compras perto do telefone da cozinha, quando voltei de Los Angeles para Nova York, no final da noite de 30 de abril. Sei agora que o termo técnico para "cérebro deslocado para a esquerda" é "desvio da linha média", um fator significativo para se tirar poucas conclusões, mas eu sempre soube que isso não queria dizer nada de bom. Naquele dia de março, cinco semanas atrás, eu imaginava precisar de água mineral Evian, melado de cana, caldo de galinha e farinha de semente de linhaça.

*Leia, aprenda, trabalhe em cima da coisa, consulte a literatura específica.*

*Informação é controle.*

Na manhã seguinte à cirurgia, antes de ir a Teterboro para tomar o avião, pesquisei na Internet sobre "pupilas dilatadas não-reagentes à luz". Li o resumo de um estudo feito por pesquisadores do departamento de Neurocirurgia da University Clinic em Bonn. O estudo acompanhou 99 pacientes que tinham apresentado os sintomas ou desenvolvido uma ou duas pupilas dilatadas não-reagentes à luz. A taxa geral de mortalidade era de 75%. Vinte e quatro meses depois, dos 25% que ainda estavam vivos, 15% apresentaram o que a Escala Glasgow definiu como um "resultado desfavorável" e 10% apresentaram um "resultado favorável". Fiz a tradução do percentual, o que queria dizer que, de 99 pacientes, 74 morreram. Dos 25 sobreviventes, ao fim de um período de dois anos, cinco estavam em estado Vegetativo, dez estavam gravemente deficientes, oito ficaram independentes e dois tinham se recuperado totalmente. Também fiquei sabendo que pupilas dilatadas indicam lesão ou compressão do terceiro nervo cranial e do tronco cerebral "Terceiro nervo" e "tronco cerebral" eram expressões que eu iria ouvir mais freqüentemente do que gostaria nas semanas seguintes.

"Você está a salvo", lembro-me de ter dito baixinho para Quintana, quando a vi pela primeira vez no CTI do hospital da Universidade da Califórnia. "Eu estou aqui. Vai ficar tudo bem. " Metade do couro cabeludo tinha sido raspado para a cirurgia. Vi um longo corte e os grampos de metal que o mantinham fechado. Ela estava novamente respirando através de um tubo endotraqueal. "Eu estou aqui. Está tudo bem. "

— Quando é que você vai embora? — ela me perguntou no dia em que finalmente conseguiu falar.

Disse as palavras com dificuldade e com o rosto tenso.

Eu disse que não iria embora até que nós duas pudéssemos sair de lá juntas.

Os músculos de seu rosto relaxaram. Ela voltou a dormir.

Durante aquelas semanas, me lembrei que, desde o dia em que a trouxemos do Saint John's Hospital, em Santa Mônica, para casa, esta tinha sido a minha promessa básica para com ela: eu não ia embora; eu ia tomar conta dela; ela ia ficar boa. Também me ocorreu que essa era uma promessa que eu não poderia cumprir. Nem sempre eu poderia cuidar dela. Eu nunca poderia ficar perto dela o tempo todo. Ela não era mais uma criança. Ela era uma pessoa adulta agora. Acontecem coisas na vida da gente que as mães não podem impedir ou consertar. A não ser que algumas daquelas coisas a matassem prematuramente, como uma quase havia feito no Beth Israel e outra ainda podia fazer no hospital da Universidade da Califórnia, eu ia morrer antes dela. Lembro-me de reuniões em escritórios de advogados nas quais eu ficava preocupada com a expressão "pré-falecimento". Aquilo não teria cabimento. Depois de algumas dessas reuniões, eu acabei conseguindo entender o termo "comorientes" de um modo mais favorável, sob uma nova luz. Porém, num vôo turbulento entre Honolulu e Los Angeles, imaginei a questão dos comorientes e rejeitei a idéia. O avião ia cair. Milagrosamente, ela e eu sobreviveríamos ao acidente. Ficaríamos à



deriva no Pacífico, agarradas aos destroços. O dilema era: pelo fato de eu estar menstruada, o sangue iria atrair os tubarões e eu teria que abandoná-la e sair nadando, deixando-a sozinha.

Será que eu conseguiria fazer isso?

Será que todos os pais sentem isso?

Quando minha mãe estava com noventa anos, ela me disse que estava preparada para morrer, mas que não podia ir embora.

— Você e o Jim precisam de mim — disse ela.

Meu irmão e eu estávamos então na faixa dos sessenta anos.

"Você está a salvo.

Eu estou aqui. "

Uma coisa que notei, no decorrer daquelas semanas no hospital da universidade, foi que muitas pessoas que eu conhecia em Nova York, na Califórnia ou em outros lugares, compartilhavam de um hábito mental geralmente creditado aos que são muito bem-sucedidos. Essas pessoas acreditam totalmente em sua capacidade pessoal de administrar as ocorrências. Elas acreditam totalmente no poder dos números de telefone que têm à mão, assim como o médico certo, o doador em potencial, a pessoa que poderia facilitar alguma coisa na esfera do Estado ou na Justiça. A habilidade administrativa dessas pessoas é de fato prodigiosa. O poder dos números de telefone é de fato sem igual. Eu mesma, na maior parte da minha vida, compartilhei da mesma crença interior na minha habilidade de controlar os acontecimentos. Se a minha mãe tivesse que ser repentinamente hospitalizada em Túnis, eu poderia pedir ao cônsul americano que levasse jornais em inglês para ela e também poderia colocá-la num vôo da Air France para encontrar meu irmão em Paris. Se Quintana ficasse subitamente retida no aeroporto de Nice, eu poderia arranjar com alguém da British Airways que a colocasse num avião para ir encontrar com a prima dela em Londres. Entretanto, em algum nível, eu sempre percebia (eu nasci medrosa) que alguns fatos na vida permaneceriam além da minha capacidade de controlá-los ou de administrá-los.

Alguns acontecimentos apenas acontecem. Este foi um desses acontecimentos. Você se senta para jantar, e aquela vida que você conhecia acaba de repente.

Muitas pessoas com quem falei naqueles primeiros dias nos quais Quintana esteve inconsciente no hospital da Universidade da Califórnia pareciam estar livres desta apreensão. O instinto inicial delas era o de que este fato podia ser administrado. Para tanto, elas precisavam apenas de informação. Elas precisavam apenas saber como aconteceu. Elas precisavam de respostas. Elas precisavam do "prognóstico".

Eu não tinha respostas.

Eu não tinha prognóstico.

Eu não sabia como tal coisa havia acontecido.

Acabei percebendo que havia apenas duas possibilidades, ambas irrelevantes. Uma delas era a de que ela tivesse caído e de que o trauma tivesse causado o sangramento no cérebro, um risco decorrente dos anticoagulantes que ela havia tomado para prevenir uma embolia. A segunda possibilidade era a de que o sangramento no cérebro tinha ocorrido antes da queda, sendo, na verdade, o que a causou. Quem toma anticoagulantes tem sangramentos. Tais pessoas podem se ferir com um leve toque. É difícil de controlar o nível de anticoagulantes no corpo, que é medido por um número chamado INR (Taxa Normalizada Internacional). O sangue tem que ser examinado em intervalos de algumas semanas e, em alguns casos, em intervalos de poucos dias. Mudanças minúsculas e complicadas têm que ser feitas na dosagem. O INR ideal para Quintana era, adicionando ou subtraindo um décimo, 2. No dia em que ela voou para Los Angeles, o nível do INR estava acima de 4, um nível no qual podem ocorrer sangramentos espontâneos. Quando cheguei a Los Angeles e falei com o cirurgião-chefe, ele me disse que estava "cem por cento seguro" de que o trauma havia causado o sangramento. Outros médicos com quem falei não estavam tão certos disso. Um deles sugeriu que podem ter ocorrido alterações na pressurização do avião durante o voo, o que seria suficiente para ocasionar um sangramento.

Lembro-me de ter pressionado o cirurgião com relação a este ponto, tentando (mais uma vez) administrar a situação e conseguir respostas. Eu estava no pátio externo da lanchonete do Centro Médico da Universidade da Califórnia, falando com ele no celular. O local chama-se "Café Med". Aquela foi minha primeira visita ao Café Med, onde fiquei conhecendo um freqüentador muito fácil de ser notado, um homem baixinho e careca (imaginei que fosse um paciente do Instituto Neuropsiquiátrico com permissão para passear), cuja compulsão era focalizar uma determinada mulher e segui-la pelo café, alternadamente cuspiendo e vociferando imprecações raivosas, dizendo que ela era nojenta, que era um lixo. Nesta manhã em particular, o homenzinho careca tinha me seguido até o pátio, e estava difícil de entender o que o cirurgião estava me dizendo. "Foi o trauma, houve rompimento de um vaso sangüíneo, nós vimos isso", pensei que ele tivesse dito. Isso não parecia de modo nenhum esclarecer a questão — um vaso sangüíneo rompido não descartava categoricamente a possibilidade de que o vaso sangüíneo rompido tinha precedido e causado a queda — mas lá no pátio do Café Med, com o homenzinho careca cuspiendo no meu sapato, eu percebi que a resposta à pergunta não faria a menor diferença. Já tinha acontecido. Este era o novo fato em questão.

No telefonema do cirurgião, que aconteceu no primeiro dia que passei em Los Angeles, lembro-me de que ele me disse várias outras coisas.

Lembro-me de ele ter dito que o coma poderia continuar por alguns dias ou por algumas semanas.

Lembro-me de ele ter dito que teríamos que aguardar no mínimo três dias para que se pudesse saber em que condição estava o cérebro de Quintana. O cirurgião estava "otimista", mas não havia previsão possível. Outras questões muito mais urgentes poderiam aparecer nos próximos três ou quatro dias.

Ela poderia contrair uma infecção.

Ela poderia contrair uma pneumonia, ela poderia ter uma embolia.

Ela poderia apresentar mais inchaço, o que tornaria necessária uma outra operação.

Depois de desligar o telefone, voltei para a lanchonete, onde Gerry estava tomando café com Susan Traylor e as filhas do meu irmão, Kelley e Lori. Recordo-me de pensar se eu deveria mencionar aquelas questões mais urgentes que o cirurgião havia mencionado. Quando olhei para o rosto deles, percebi que não havia razão para tal. Todos os quatro já tinham estado no hospital antes de eu chegar a Los Angeles. Todos eles já estavam informados sobre aquelas questões mais urgentes.

Nas 24 noites em que Quintana esteve no CTI do Beth Israel North, mantive na minha mesinha-de-cabeceira o livro *Intensive Care: A Doctor's Journal*, de John F. Murray, chefe do departamento de Pneumologia e Terapia Intensiva da Escola de Medicina da Universidade da Califórnia, de 1966 a 1989. O livro relata o dia-a-dia de um período de quatro semanas no CTI do Hospital Geral de São Francisco, no qual o doutor Murray era o médico responsável por todos os pacientes, residentes, internos e estudantes de medicina. Li o relato várias vezes. Aprendi muita coisa que me foi útil no meu relacionamento diário com os médicos do CTI do Beth Israel North. Aprendi, por exemplo, que era sempre difícil avaliar a hora certa da extubação, a retirada do tubo endotraqueal. Aprendi que o

obstáculo à extubação era o edema, tão previsivelmente presente no tratamento intensivo. Aprendi que esse edema era, menos freqüentemente, o resultado de uma patologia subjacente do que de um excesso na administração do soro intravenoso, um equívoco na observação da distinção entre hidratação e super-hidratação, um erro devido ao excesso de cuidado. Aprendi que muitos residentes jovens cometeram erros semelhantes devido ao cuidado excessivo, no que diz respeito à extubação. Devido ao fato de o resultado ser incerto, a tendência era postergar o procedimento por mais tempo do que o necessário.

Registrei aquelas lições e fiz uso delas, sondando aqui, e expressando meu desejo ali. Eu tinha "imaginado" se ela não poderia estar "encharcada". ("É claro que eu não sei nada sobre isso, só sei como é que está a aparência dela. ") Eu tinha deliberadamente usado a palavra "encharcada". Notei uma ligeira crispação quando usei a palavra "edema". Além disso, "imaginei" que ela poderia respirar mais livremente se estivesse menos encharcada. ("Claro que eu não sou médica, mas me parece uma coisa lógica. ") Eu havia ainda "imaginado" se a administração monitorada de um diurético não poderia permitir a extubação. ("Sei que isso é um remédio caseiro, mas se eu estivesse com a aparência dela, eu tomaria um Lasix. ")

Com o livro de Murray como meu guia, aquilo me parecia ser direto, objetivo e intuitivo. Existe uma maneira de saber se você avançou mais nesse processo. Você percebe que conseguiu dar mais um passo quando o médico a quem você fez uma sugestão apresenta, no dia seguinte, aquele procedimento como sendo idéia dele.

Isso aqui agora é diferente. Uma expressão irônica tinha me ocorrido durante o impasse no Beth Israel North com relação ao edema: Não se trata de uma cirurgia cerebral. Aqui era o caso. Quando os médicos da Universidade da Califórnia me falaram em "parietal" e "temporal", eu não tinha a menor idéia de a que parte do cérebro eles estavam se referindo, isso sem dizer o que é que aquilo significava. "Frontal direito" eu achava que dava para entender. "Occipital", eu achava que sugeria "olho", mas somente a partir de uma concepção errada, pelo fato de a palavra começar com "oc", como em "ocular". Fui até a livraria do centro médico da universidade. Comprei um livro que, na capa, dizia apresentar uma "visão geral e concisa da neuroanatomia e de suas implicações funcionais e clínicas", assim como um "excelente material de revisão para o USMLE", o exame para o registro profissional dos médicos nos EUA. O livro foi escrito pelo doutor Stephen G. Waxman, chefe do departamento de Neurologia de Yale-New Haven, e se chama Clínica Neuroanatomy. Folheei o livro e encontrei o "Apêndice A: O exame neurológico". Porém, quando comecei a ler, eu só conseguia

pensar numa viagem que fiz à Indonésia em que fiquei desorientada pela minha incapacidade de captar a gramática do bahasa indonésio, a língua oficial usada na sinalização urbana, nas lojas e nos cartazes. Perguntei a alguém na embaixada americana como distinguir os verbos dos substantivos. A pessoa me disse que no bahasa a mesma palavra poderia ser usada como verbo ou como substantivo. O livro de Waxman parecia ser mais um caso no qual eu seria incapaz de compreender a estrutura da gramática. Botei-o na mesa-de-cabeceira do Beverly Wilshire Hotel, onde ele iria permanecer durante as cinco semanas seguintes.

Tentei algumas vezes retomar o estudo do livro de Waxman, antes do New York Times chegar com o sedativo das palavras cruzadas, mas até mesmo o "Apêndice A: O exame neurológico" me parecia obscuro. Eu já havia compreendido as diretivas que me pareceram claramente familiares (pergunte ao paciente nome do presidente atual, peça ao paciente para contar de cem a zero em ordem decrescente, de sete em sete), mas, à medida que os dias passavam, acabei me concentrando numa narrativa muito misteriosa, identificada no Apêndice A como "a história do menino dourado", para ser usada como teste de memória e compreensão. Conta-se a história ao paciente, sugere o doutor Waxman, depois pede-se que ele a reconte com suas próprias palavras e explique o significado.

"Na coroação de um papa, há trezentos anos, um menino foi escolhido para representar o papel de um anjo."

Assim começava a "história do menino dourado".

Até agora, tudo suficientemente claro, embora potencialmente perturbador (Trezentos anos atrás? Representando o papel de um anjo?) para alguém saindo de um coma.

Continuava assim: "Para que sua aparência fosse a mais grandiosa possível, ele foi coberto da cabeça aos pés com uma camada de folha de ouro. O menino ficou doente. Fizeram tudo o que foi possível para sua recuperação, exceto a remoção da folha de ouro, o que lhe causou a morte no espaço de poucas horas."

Qual era o "significado" da "história do menino dourado"? Será que tinha a ver com a falibilidade dos "papas"? Ou com a falibilidade da autoridade em geral? Ou com a falibilidade específica (observem que "fizeram tudo o que foi possível para sua recuperação") da medicina? De que serviria contar esta história para um paciente imobilizado num CTI neurológico de um grande hospital universitário? Que lição se poderia tirar daí? Será que eles achavam que, por ser apenas uma "história", ela poderia ser contada sem maiores conseqüências? Houve um dia, de manhã, no qual a "história do menino dourado" parecia representar, na sua total impenetrabilidade e na aparente desconsideração pela sensibilidade do paciente, a situação com a qual eu estava me defrontando. Voltei à livraria do centro médico da universidade, com a idéia de verificar outras fontes para elucidação, mas não havia nenhuma menção à história do menino dourado nos vários livros que peguei. Em vez de continuar procurando, e já que a temperatura em Los Angeles à tarde estava chegando perto dos trinta graus, e eu tinha viajado para lá apenas com as roupas de final de inverno que estava usando em Nova York, comprei vários conjuntos de uniforme de enfermagem de algodão azul. O isolamento no qual eu estava mergulhada era tão profundo que não me ocorreu de imediato que o fato de a mãe de uma paciente aparecer no hospital usando o mesmo uniforme que as enfermeiras só poderia ser interpretadas como uma ultrapassagem de limites bastante esquisita.

## 10

Em janeiro, enquanto observava, de uma janela do Beth Israel North, as placas de gelo se formando no rio East, percebi pela primeira vez o que fiquei sabendo que era chamado de "efeito vórtice". Na junção entre a parede e o teto do quarto no qual eu estava observando as placas de gelo, havia uma faixa decorativa com uma estampa de rosas, estilo Dorothy Draper, que devia estar ali desde o tempo em que aquele hospital se chamava Doctors' Hospital. Eu mesma nunca havia estado

no Doctors' Hospital, mas quando estava na faixa dos vinte anos e trabalhava para a revista Vogue, ele aparecia em muitas conversas. Era o hospital favorito dos editores da Vogue para casos não-complicados e para um período de "repouso", uma espécie de spa hospitalar.

Isso me pareceu uma boa linha de pensamento.

Isso me pareceu melhor do que pensar sobre o porquê de eu estar no Beth Israel North.

Aventurei-me a ir mais adiante:

O Doctors' Hospital foi onde X fez o aborto que foi pago pelo gabinete do promotor público. "X" era uma mulher com quem eu havia trabalhado na Vogue. Em meio a nuvens sedutoras de fumaça de cigarro, Chanel nº 5 e uma sensação de perigo sempre iminente, tinha conduzido a sua carreira pelos escritórios da Condé Nast, que ficava, naquela época, no edifício Graybar. Numa única manhã, enquanto eu estava tentando finalizar uma seção particularmente trabalhosa da Vogue chamada "As pessoas estão comentando", ela descobriu não só que precisava fazer um aborto, mas que o nome dela havia aparecido no dossiê de uma operação garota de programa que estava sendo investigada pelo gabinete da promotoria pública. Ela estava eufórica com essas duas notícias que me pareciam devastadoras. Eles chegaram a um acordo. Ela concordou em declarar que havia sido abordada pela comissão de investigação da operação, e a promotoria pública, por sua vez, havia arranjado para ela fazer uma curetagem uterina no Doctors' Hospital. Isso era um favor considerável, numa época em que fazer um aborto significava marcar um encontro clandestino e potencialmente fatal com alguém cuja única preocupação, no caso de um acidente, seria apenas a de fazer vagar o local para a próxima vítima.

A operação garota de programa e o aborto arranjado, ocorridos naqueles anos em que eu havia passado todos os dias cuidando da seção "As pessoas estão comentando", ainda me parecia ser uma boa linha de pensamento.

Lembro-me de haver utilizado este incidente no meu segundo romance, *Play It As It Lays*.



A protagonista, uma ex-modelo chamada Maria, havia recentemente feito um aborto, e isso a estava incomodando.

Uma vez, há muito tempo, Maria tinha passado uma semana em Ocho Rios fotografando para um editorial de moda junto com uma modelo que havia acabado de fazer um aborto. Ela se lembrava da moça contando como tinha sido, as duas sentadas e abraçadas perto de uma cachoeira, esperando o fotógrafo decidir se o sol estava alto o bastante para poder fotografar. Era uma época difícil para se fazer um aborto em Nova York. Teve gente que foi presa, ninguém queria fazer isso. Finalmente, a moça, cujo nome era Ceci Delano, havia perguntado a um amigo no gabinete do promotor público se ele conhecia alguém. 'Quid pro quo' [Uma mão lava a outra], ele disse. Depois, no mesmo dia em que testemunhou diante de um júri especial que havia sido contatada por uma rede de garotas de programa, ela deu entrada no Doctors' Hospital para fazer uma curetagem, tudo legalmente arranjado e patrocinado pelo gabinete da promotoria pública. Parecia uma história engraçada com ela contando, tanto na cachoeira de manhã quanto mais tarde no jantar, quando repetiu a história para o fotógrafo, para o agente e para o consultor de estilo do cliente. Maria estava tentando agora colocar na mesma perspectiva alto-astral o que havia acontecido em Encino, mas a situação de Ceci Delano não se encaixava. No fim das contas, aquela era apenas mais uma das muitas histórias de Nova York.

Aquilo parecia estar funcionando.

Pelo menos, durante dois minutos, eu havia conseguido deixar de pensar no motivo pelo qual eu estava no Beth Israel North. Eu tinha entrado no período de tempo no qual estava escrevendo Play It As It Lays. A casa semidilapidada da Franklin Avenue em Hollywood. As velas no parapeito dos janelões da sala de estar. O capim-limão e a babosa que cresciam perto da porta da cozinha. Os ratos que comiam os abacates. A varanda cheia de sol onde eu trabalhava, e de onde via Quintana brincando de passar correndo pelo chuveirinho do regador automático do jardim.

Lembro-me de ter percebido que estava navegando em águas mais perigosas, mas senti que não havia jeito de voltar atrás.

Quintana tinha três anos na época em que eu estava escrevendo aquele livro.

Quando Quintana tinha três anos.

Aí estava ele, o vórtice, o redemoinho.

Quintana com três anos de idade. Uma noite, ela enfiou umas sementes no nariz e eu a levei para o Children's Hospital. O pediatra, que era especialista em tirar sementes do nariz de crianças, chegou, com seu dinner jacket. Na noite seguinte, ela enfiou mais sementes no nariz, querendo repetir aquela aventura interessante. John e eu passeando com ela na beira do lago do MacArthur Park. O velho sentado no banco.

— Essa menina é a cara da Ginger Rogers — disse ele.

Eu havia terminado o romance que estava escrevendo e tinha assinado um contrato para iniciar uma coluna na revista *Journalists*. Quando estávamos lá, soubemos das notícias sobre My Lay. Pensei na coluna. Pareceu-me que, diante disso, eu deveria escrever de Saigon. Era um domingo. A revista *Life* havia me fornecido um cartão com os números dos telefones particulares dos editores e também de advogados em várias cidades do mundo. Peguei o cartão e telefonei para o meu editor, Loudon Wainwright, para dizer que eu estava indo para Saigon. A mulher dele atendeu ao telefone e me disse que ele me retornaria o telefonema.

— Ele está assistindo ao jogo da Liga Nacional de Futebol Americano — disse John, quando desliguei. — Ele vai te telefonar no intervalo.

Ele telefonou no intervalo e disse que eu devia ficar onde estava e preparar a minha apresentação, porque com relação à Saigon "tem caras que já estão até dando o fora de lá". Senti que o assunto não estava aberto a maiores discussões.

— Tem um mundo lá fora em constante revolução e nós podemos colocar você no meio dele — tinha me dito George Hunt quando ainda era o editor-chefe da Life, ao me oferecer o trabalho.

Quando terminei *Play It As It Lays*, George Hunt tinha se aposentado, e alguns dos caras estavam realmente saindo de lá.

— Eu te avisei — disse John. — Eu te disse como é que seria trabalhar para a Life. Eu não te disse? Que eles iam sugar o teu sangue todinho, devagarinho?

Eu estava escovando o cabelo de Quintana, a cara da Ginger Rogers.

Senti-me traída, humilhada. Eu devia ter dado atenção ao que John tinha me dito.

Escrevi a coluna informando aos leitores quem eu era. Saiu a primeira coluna. Na época, me pareceu um texto nada excepcional de oitocentas palavras no gênero solicitado, mas havia, no final do segundo parágrafo, uma frase tão fora de sincronia com o estilo Life de auto-apresentação que poderia muito bem sugerir uma abdução por alienígenas: "Em vez de pedir o divórcio, estamos aqui, nesta ilha no meio do Pacífico." Uma semana depois, estávamos em Nova York.

— Você sabia que ela estava escrevendo isso? — muitas pessoas perguntaram a John, a meia voz.

Será que ele sabia que eu estava escrevendo aquela coluna?

Pois foi ele que fez a edição do texto.

Ele até levou Quintana para passear no jardim zoológico de Honolulu para que eu pudesse reescrever o artigo.

Ele me levou de carro até a agência da Western Union, no centro de Honolulu, para eu enviar o texto.

Na agência da Western Union ele escreveu CORDIAIS SAUDAÇÕES, DIDION no fim da mensagem.

— Isso é o que sempre se coloca ao final de um telegrama — disse ele.

— Por quê? — perguntei.

— Porque é assim que se faz — ele respondeu.

Observem para onde é que aquele vórtice me levou.

Da faixa decorativa de papel de parede do Beth Israel North até Quintana com três anos de idade, passando por "eu devia ter dado atenção ao que John tinha me dito".

"Digo-te que não viverei dois dias", disse Gawain. Voltar para trás era o mesmo que derrapar.

Em Los Angeles, percebi imediatamente que o efeito vórtice poderia ser controlado se eu evitasse qualquer local que pudesse associar a Quintana ou a John. Isso ia demandar criatividade.

John e eu tínhamos morado na área de Los Angeles de 1964 a 1988. Entre 1988 e a data em que ele morreu, passamos vários períodos por lá, geralmente no mesmo hotel no qual eu estava hospedada agora, o Beverly Wilshire Hotel. Quintana nasceu no Saint John's Hospital, em Santa Mônica, área de Los Angeles.

Lá ela freqüentou a escola, primeiro em Malibu e, depois, no Westlake School for Girls em Holmby Hills, que, no ano em que ela saiu, virou escola mista e passou a se chamar Harvard-Westlake.

Por razões que permanecem obscuras para mim, o Beverly Wilshire Hotel apenas raramente desencadeava o efeito-vórtice. Teoricamente, cada corredor do hotel estaria repleto das associações de idéias que eu estava tentando evitar. Quando estávamos morando em Malibu e tínhamos alguma reunião na cidade, trazíamos Quintana para ficar conosco no Beverly Wilshire. Depois, quando nos mudamos para Nova York e precisávamos estar em Los Angeles por causa de algum filme, a gente ficava lá, às vezes por alguns dias, às vezes durante semanas seguidas. Instalamos computadores e impressoras e fazíamos as reuniões lá. "E se...", alguém sempre dizia isso nas reuniões. Podíamos escrever até as oito ou nove da noite e enviar as páginas ao diretor ou produtor com os quais estivéssemos trabalhando naquele momento, depois íamos jantar num restaurante chinês da Melrose Avenue onde nós não precisávamos fazer reserva. A gente queria sempre ficar no edifício antigo, não no anexo. Eu conhecia as

arrumadeiras e as manicures. Eu conhecia o porteiro que sempre entregava uma garrafa de água mineral ao John quando ele voltava da caminhada matinal. Eu já sabia, pelo reflexo condicionado, o jeito de enfiar a chave na fechadura, como abrir o cofre e como ajustar o bocal do chuveiro. Nesses anos todos, eu tinha estado em dezenas de quartos idênticos a esse no qual eu estava agora. |

Eu havia estado pela última vez num quarto desses em outubro de 2003, sozinha, numa viagem para promover um livro meu, dois meses antes de John morrer. Mesmo assim, na época em que Quintana ficou internada no hospital da Universidade da Califórnia, o Beverly Wilshire parecia ser o único lugar seguro, o local onde tudo continuaria sendo sempre a mesma coisa, o lugar onde ninguém sabia ou iria se referir aos acontecimentos recentes da minha vida, o lugar onde eu ainda podia ser a pessoa que era antes de tudo acontecer. E se...

Fora da área livre que era o Beverly Wilshire, eu traçava meus itinerários e permanecia atenta.

Nem uma vez sequer passei pela área de Brentwood, onde moramos de 1978 a 1988. Quando fui consultar um dermatologista em Santa Mônica, e o trajeto me obrigou a passar a uma distância de três quarteirões de nossa casa de Brentwood, não olhei nem para a direita nem para a esquerda. Nem uma única vez peguei a Pacific Coast Highway para Malibu. Quando Jean Moore me ofereceu a casa dela, a menos de um quilômetro da casa em que a gente morou de 1971 a 1978, inventei motivos para explicar como era essencial que eu ficasse no Beverly Wilshire. Eu evitava ir para a universidade pelo Sunset Boulevard. Evitava o cruzamento com Beverly Glen, onde durante seis anos eu virava para ir ao Colégio Feminino de Westlake. Eu evitava passar por qualquer cruzamento que não pudesse prever e controlar. Eu podia evitar sintonizar no rádio do carro as estações que costumava ouvir quando estava dirigindo. Evitei a KRLA, uma estação AM que se intitulava "a alma e o coração do rock and roll e que estava, ainda no início dos anos noventa, tocando os grandes sucessos de 1962. Consegui evitar também a estação cristã que recebia telefonemas dos

ouvintes e para a qual eu mudava quando os sucessos de 1962 ficavam sem graça.

Em vez disso, eu escutava a NPR, na qual havia um programa matinal bem calmo chamado Morning Becomes Eclectic.

Todos os dias de manhã eu pedia a mesma coisa: huevos rancheros, com um dos ovos mexido. Todos os dias de manhã quando saía do hotel, eu fazia o mesmo percurso até o hospital da universidade. Saía do Wilshire, virava à direita na Glendon Avenue, depois à esquerda na Westwood, à direita na Le Conte e depois à esquerda na Tiverton. Todos os dias de manhã eu via os mesmos galhardetes tremulando nos postes de iluminação ao longo da Wilshire Avenue: "Centro Médico da Universidade da Califórnia — Primeiro Lugar na Costa Oeste e Terceiro Lugar no País." Todos os dias de manhã, eu me perguntava quem tinha dado essa classificação. Nunca perguntei isso a ninguém. Todos os dias de manhã eu inseria meu bilhete no mecanismo do portão e, se o fizesse corretamente, a mesma voz de mulher dizia "Bem-vindo à U-C-L-A". Todos os dias de manhã, se eu fosse no horário certo, conseguia uma vaga ao ar livre, no nível Plaza 4, perto da cerca viva. No fim da tarde, eu voltava para o Beverly Wilshire, pegava os recados e respondia alguns deles. Depois da primeira semana, Gerry ficou para lá e para cá entre Los Angeles e Nova York, tentando trabalhar pelo menos alguns dias por semana e, quando ele estava em Nova York, eu telefonava para informá-lo dos últimos acontecimentos, ou da falta de novidades. Me deitava na cama e assistia ao jornal local. Ficava vinte minutos no chuveiro e saía para jantar.

Jantei fora todas as noites em que estive em Los Angeles. Jantei com meu irmão e a mulher dele, sempre que estavam na cidade. Fui à casa da Connie Wald em Beverly Hills. Havia rosas, capuchinhas e fogo aceso nas grandes lareiras, como havia durante todos aqueles anos em que John, Quintana e eu íamos lá. Agora, Susan Traylor morava lá. Fui à casa dela nas colinas de Hollywood. Eu conheço Susan desde os seus três anos de idade e conheço o marido dela, Jesse, desde o tempo

em que ele, Susan e Quintana estavam na quarta série da escola Point Dume. Agora, eles é que estavam cuidando de mim. Comi em muitos restaurantes com muitos amigos. Jantei muitas vezes com o Earl McGrath, que tinha a delicadeza intuitiva de me perguntar todos os dias de manhã o que eu ia fazer à noite e, se a resposta fosse meio vaga, ele organizava um jantarzinho simpático e descomplicado para duas, três ou quatro pessoas no Orso, no Morton's ou na casa dele, que ficava no Robertson Boulevard.

Depois do jantar, eu pegava um táxi de volta para o hotel e fazia o meu pedido de huevos rancheros para a manhã seguinte.

— Com um ovo mexido — a voz no telefone completava.

— Exatamente — eu dizia.

Eu planejava as minhas noites exatamente como traçava os meus itinerários.

Não perdia tempo fazendo promessas que não podia cumprir.

"Você está a salvo. Eu estou aqui. "

No clima tranqüilo do Morning Becomes Eclectic do dia seguinte eu me dava os parabéns por ter conseguido.

Eu poderia estar em Cleveland.

Ainda.

Não dá nem para contar as vezes em que, dirigindo o carro, fiquei subitamente cega pelas lágrimas.

Santa Ana estava de volta.

O jacarandá estava de volta. Uma tarde, precisei me encontrar com o Gil Frank no escritório dele, na Wilshire Avenue, a várias quadras de distância do Beverly Wilshire, na direção leste. Neste território não testado previamente {terra cónita era a área que ficava no lado oeste da Wilshire) dei de cara, despreparada, com o cinema onde John e eu tínhamos visto A primeira noite de um homem. Não havia nada de especial naquele momento em que assistimos àquele filme em 1967. Eu tinha ido a Sacramento. John tinha ido me pegar no aeroporto de Los Angeles. Era muito tarde para fazer compras para o jantar e muito cedo para ir comer num restaurante, então a gente foi

ver A primeira noite de um homem e depois fomos jantar no Frascati's, que não existe mais, mas o cinema ainda estava lá. No mínimo, para colocar os incautos na armadilha.

Encontrei muitas dessas armadilhas. Um dia, num comercial de televisão, reparei num trecho de uma estrada litorânea que me pareceu familiar e percebi que aquele trecho ficava bem em frente ao portão da nossa casa na península Paios Verdes, em Portuguese Bend, para a qual John e eu tínhamos trazido Quintana do Saint John's Hospital.

Quintana tinha três dias de nascida.

Colocamos o bercinho perto das glicínias, no jardim.

"Você está a salvo. Eu estou aqui."

No comercial, não dava para ver nem a casa nem o portão, mas eu senti um súbito jorro de recordações. Eu, saindo do carro naquela estrada para abrir o portão, a fim de que John pudesse entrar com o carro. Eu, vendo a maré encher e fazendo flutuar um carro que estava estacionado na praia para ser filmado num comercial. Eu, esterilizando as mamadeiras de Quintana enquanto o galo que vivia na propriedade me seguia todas as janelas, me fazendo companhia. Esse galo, chamado "Buck" pelo proprietário da casa, tinha sido abandonado na estrada por "mexicanos em fuga", na opinião fantasiosa do senhorio. Buck tinha uma personalidade distinta e surpreendentemente cativante, não muito diferente de um cão labrador.

Além do Buck, esta casa também vinha equipada com pavões, que eram muito decorativos, mas destituídos de personalidade. Diferentemente do Buck, os pavões eram gordos e só se movimentavam era último caso. No fim da tarde, soltavam grasnidos e tentavam voar para os seus ninhos no alto das oliveiras, o que era uma operação delicada, porque muitas vezes caíam. Pouco antes do nascer do sol, eles grasnavam novamente. Um dia, de manhãzinha, acordei com os grasnidos e procurei por John. Encontrei-o lá fora, no escuro, arrancando os pêssegos ainda verdes de um pessegueiro e atirando-os nos pavões, num jeito direto porém ineficaz de solucionar aquele incômodo. Quando Quintana tinha um mês de vida, fomos despejados.



Havia uma cláusula no contrato que não permitia a presença de crianças, mas o proprietário e a mulher dele disseram que o motivo não era a criança. A razão foi que tínhamos contratado uma adolescente bem bonita chamada Jennifer para tomar conta de Quintana. O senhorio e a mulher não queriam estranhos na propriedade ou, como diziam, "por trás do portão", especialmente quando se tratava de moças bonitas como a Jennifer, que presumivelmente deveria ter os seus namorados. Alugamos por alguns meses uma casa na cidade que era da viúva de Herman Mankiewicz, Sara, que ia viajar. Ela deixou tudo na casa como estava, com exceção de um único objeto, o Oscar ganho pelo marido pelo roteiro de Cidadão Kane.

— Eu imagino que você vai dar umas festas, as pessoas vão ficar bêbadas e vão querer brincar com ele — disse, ao retirá-lo para guardar.

No dia em que nos mudamos, John estava viajando com os San Francisco Giants, escrevendo um artigo sobre Willie Mays para o Saturday Evening Post. Peguei emprestada a caminhonete da minha cunhada, botei tudo nela, coloquei Quintana e Jennifer no banco de trás, me despedi do Buck, saí com o carro e deixei aquele portão totêmico se fechar atrás de mim pela última vez.

Tudo isso me ocorreu e eu nem sequer tinha ido lá.

Tudo isso aconteceu só porque eu vi um comercial na televisão enquanto estava me vestindo para ir ao hospital.

Numa outra ocasião, precisei comprar água mineral numa loja de conveniência da rede Rite Aid da Canon e me lembrei que era onde ficava o Bistrô. Nos anos de 1964 e 1965, quando estávamos morando na casa na praia com aquele portão e os pavões, mas não tínhamos dinheiro nem para dar gorjeta aos manobreiros dos restaurantes, quanto mais ir comer neles, John e eu costumávamos estacionar na Canon e pagar o jantar no Bistrô com o cartão de crédito. Levamos Quintana lá no dia da sua adoção, quando ela ainda não tinha nem sete meses de idade. Eles tinham nos dado a mesa de canto do Sidney Korshak e colocado o bebê-conforto como um centro de mesa. Naquele

dia, no tribunal de justiça, ela era o único bebê ali presente, na verdade a única criança. Todas as outras adoções daquele dia envolviam adultos adotando alguém por causa de alguma dedução nos impostos.

— Que bonitinha, que gracinha — disseram os ajudantes de garçom do Bistrô, quando a trouxemos junto conosco para almoçar.

Quintana tinha seis ou sete anos quando nós a levamos lá para comemorar o seu aniversário. Ela estava usando um xale verde-limão que eu havia comprado para ela em Bogotá.

Quando estávamos para sair do restaurante, o garçom trouxe o xale que ela jogou, num gesto teatral, por cima dos ombros.

"Que bonitinha, que gracinha, a cara da Ginger Rogers."

John e eu tínhamos estado juntos em Bogotá. Havíamos fugido de um festival de cinema em Cartagena e pegamos um vôo da Avianca para Bogotá. George Montgomery, um dos atores também convidados para o festival, estava no mesmo vôo. Ele foi até a cabine de comando. De onde eu estava sentada, pude vê-lo conversando com a tripulação e depois sentado no assento do piloto.

Dei uma cutucada em John, que estava dormindo.

— Eles vão deixar George Montgomery pilotar o avião, sobrevoando os Andes — falei baixinho.

— É melhor do que estar em Cartagena — disse John, que voltou a dormir.

Naquele dia, na Canon, eu não fui além do Rite Aid.

## 11

Em meados de junho, depois de ter tido alta do hospital da universidade e cumprido a sexta semana de um total de quinze como paciente internada no instituto Rusk de Medicina de Reabilitação no centro médico da Universidade de Nova York, Quintana me disse que a memória que tinha não só da Universidade da Califórnia, mas também de sua chegada ao Rusk estava "completamente borrada". Ela

conseguia se lembrar de algumas coisas sobre o hospital da Califórnia, mas ainda não conseguia se lembrar das coisas que aconteceram antes do Natal (ela não se lembrava, por exemplo, de ter falado sobre o pai dela na igreja Saint John the Divine e nem, quando acordou pela primeira vez na Universidade da Califórnia, se lembrava de que ele havia morrido), assim a memória continuava "borrada". Depois ela mudou para "embotada", mas não havia necessidade disso. Eu sabia exatamente o que ela estava querendo dizer. No departamento de Neurologia da Universidade da Califórnia, eles se referiram à memória como "irregular", na frase "a orientação dela está melhorando, mas ainda está irregular". Quando tento reconstruir aquelas semanas na universidade, reconheço o embotamento da minha própria memória. Havia partes do dia que pareciam muito claras e outras que não. Lembro-me claramente de ter discutido com um médico, no dia em que eles decidiram fazer uma traqueostomia.

— Ela já está intubada há quase uma semana — disse o médico. — Aqui, na universidade, nós não deixamos os tubos por mais de uma semana.

Eu disse que ela havia ficado intubada durante três semanas no Beth Israel em Nova York. O médico desviou o olhar.

— No Duke University Hospital, a norma é também uma semana — disse ele, achando que a menção ao Duke iria resolver a questão.

Ao invés disso, fiquei com raiva: "E o que é que significa o Duke para mim?", eu quis dizer, mas não disse. "O que é que tem a ver o Duke com a Universidade da Califórnia? O Duke fica na Carolina do Norte. Aqui é a Califórnia. Se eu quisesse a opinião de alguém da Carolina do Norte, eu ia pedir a alguém da Carolina do Norte."

— O marido dela está no momento num vôo para Nova York — disse eu, em vez daquilo que pensei. — Com certeza isso pode esperar até o avião chegar lá.

— Na verdade, não — disse o médico. — Isso já está no programa.

O dia em que eles decidiram fazer a traqueostomia, foi também o dia em que desligaram o eletroencefalograma.

— Está tudo indo bem — eles continuavam dizendo.

— Ela vai melhorar mais rapidamente, assim que a gente fizer a traqueostomia. Ela já não está mais no EEG, talvez a senhora não tenha notado.

Talvez eu não tenha notado?

Minha única filha?

Minha filha que estava inconsciente?

Talvez eu não tenha notado quando entrei no CTI naquele dia que as ondas cerebrais tinham sumido do visor? Que o monitor acima da cabeça dela estava escuro, apagado?

Isso agora estava me sendo apresentado como um progresso, mas não tive essa impressão quando vi aquilo pela primeira vez. Recordo-me de ter lido no livro *Intensive Care*, que as enfermeiras do CTI do Hospital Geral de São Francisco desligavam os monitores quando o paciente estava próximo da morte, porque sua experiência mostrava que a família prestava mais atenção nas telas do que no paciente moribundo. Fiquei pensando se, neste caso, havia sido isso. Mesmo depois que me asseguraram que não era esse o caso, evitei olhar para a tela em branco. Eu já tinha me acostumado a ficar observando as ondas cerebrais. Era uma maneira de ouvi-la falar.

Já que o equipamento continuava ali, sem uso, eu não entendia por que eles não o mantinham ligado.

Só por uma questão de segurança.

Eu fui perguntar.

Não me lembro de ter tido resposta. Era uma época em que eu fazia muitas perguntas que não tinham resposta. As respostas que eu obtinha tendiam para o insatisfatório, do tipo "já está incluído na programação".

— Todos os pacientes das unidades neurológicas fazem traqueostomia — eles continuaram me dizendo naquele dia. Todos

tinham atrofia muscular que tornavam problemática a remoção do tubo respiratório. Uma traqueostomia acarretava menos riscos de danos ao tubo respiratório. Uma traqueostomia acarreta menor risco de pneumonia. A senhora pode olhar para a direita e para a esquerda, os dois fizeram traqueostomia. Pode-se fazer uma traqueostomia com fentanil e um relaxante muscular e não se fica sob anestesia por mais de uma hora. Uma traqueostomia não causaria nenhum problema estético significativo, "apenas uma pequena cicatriz, como uma covinha", e "com o passar do tempo, talvez não se veja mais cicatriz nenhuma".

Continuaram insistindo nesse último aspecto, como se a minha resistência à traqueostomia fosse por causa da cicatriz. Eles eram médicos, mesmo que fossem novatos. Eu não era. Logo, quaisquer preocupações que eu tivesse, teriam que ser com relação ao lado estético, fúteis.

Na verdade, eu não tinha a mínima idéia de por que estava resistindo à traqueostomia.

Acho agora que a minha resistência vinha do mesmo fundo supersticioso do qual eu vinha tirando coisas desde que John tinha morrido. Se não houvesse traqueostomia, ela poderia estar bem amanhã de manhã, pronta para se alimentar, para conversar e para voltar para casa. Se não houvesse traqueostomia, nós poderíamos tomar um avião no próximo fim de semana. Se eles desaconselhassem o vôo, eu a levaria comigo para o Beverly Wilshire, nós poderíamos fazer as unhas, e depois nos sentar à beira da piscina. Se, ainda assim, ela não pudesse viajar de avião, a gente podia ir de carro até Malibu e passar uns dias com a Jean Moore para ela se restabelecer.

Se não houvesse a traqueostomia.

Isso era loucura, mas eu estava louca.

Por entre o cortinado de algodão azul estampado que separa os leitos, eu escutava as pessoas conversando com seus maridos, seus pais, seus tios e colegas de trabalho, todos funcionalmente ausentes. No leito à direita de Quintana havia um homem que tinha sofrido um

acidente numa obra de construção civil. Os operários que estavam na obra no momento do acidente tinham vindo visitá-lo. Ficaram em volta da cama dele tentando explicar o que havia acontecido. O andaime, o cabo, a grua, eu ouvi um barulho, eu gritei para o Vinny. Cada um deu a sua versão. Cada versão variava ligeiramente com relação às outras. Isso era compreensível, porque cada testemunha tinha visto o acidente de um ponto de vista diferente, mas lembro-me, porém, de querer interceder, de querer ajudá-los a coordenar as histórias. Eram muitas informações conflitantes para serem expostas a alguém com uma lesão cerebral traumática.

— Estava tudo indo bem, como sempre, e de repente aquela merda toda aconteceu — disse um deles.

O acidentado não respondeu, e nem poderia, já que ele estava traqueostomizado.

À esquerda de Quintana, um homem do estado de Massachusetts que já estava naquele hospital há vários meses. Ele e a mulher tinham vindo a Los Angeles para visitar os filhos, ele caiu de uma escada, mas parecia que estava bem. Mais um dia perfeitamente comum. Aí, ele começou a ter dificuldade de falar. Estava tudo indo bem, como sempre, e de repente aquela merda toda aconteceu. Agora, ele estava com pneumonia. Os filhos iam e vinham. A mulher estava sempre ali, falando com ele em voz baixa, num tom lamentoso. O marido não respondia. Ele também tinha feito uma traqueostomia.

Fizeram a traqueostomia em Quintana no dia 1º de abril, uma quinta-feira à tarde.

Na sexta de manhã, uma quantidade suficiente do sedativo administrado por causa da introdução do tubo respiratório já tinha sido metabolizada e ela pôde abrir os olhos e apertar minha mão.

No sábado, fui informada de que, no dia seguinte ou na segunda-feira, ela seria transferida para a unidade intermediária no sétimo andar. O sexto e o sétimo andar da universidade eram ocupados pelo departamento de Neurologia.

Não me recordo de quando ela foi transferida, mas acho que foi alguns dias depois disso.

Um dia à tarde, depois que Quintana já tinha sido removida para a unidade intermediária, esbarrei com a mulher de Massachusetts no pátio do Café Med.

O marido dela já havia saído do CTI e estava sendo transferido para o que ela chamava de "clínica de apoio". Nós duas sabíamos que "clínica de apoio" é como as companhias de seguro e os administradores dos hospitais chamam os asilos, mas isso não foi mencionado. Ela queria que ele fosse transferido para a unidade intermediária do departamento de Neuropsiquiatria, que tinha onze leitos, mas ele não tinha sido aceito. Foi essa a expressão que ela usou: "ele não tinha sido aceito." Ela estava preocupada em como chegar até a clínica de apoio (das duas únicas que tinham leitos disponíveis, uma ficava nas imediações de Los Angeles, a outra ficava em Chinatown) porque ela não sabia dirigir. Os filhos tinham os trabalhos deles, ocupavam posições importantes e nem sempre podiam ficar levando-a de carro.

Estávamos sentadas ao sol.

Fiquei escutando. Ela perguntou sobre a minha filha.

Eu não queria dizer a ela que minha filha estava sendo transferida para a unidade intermediária do departamento de Neuropsiquiatria, que tinha onze leitos.

A uma certa altura, percebi que ficava sempre chamando a atenção dos médicos, lembrando da questão do edema para um dos residentes, lembrando a um outro de fazer um exame de urina para verificar se havia sangue no coletor, insistindo numa ultra-sonografia com Doppler para ver se a causa da dor na perna poderia ser um coágulo e, quando a ultra-sonografia demonstrou que ela estava de fato produzindo coágulos, fiquei insistentemente repetindo que eu queria que fosse chamado um especialista em coagulação para examiná-la. Anotei o nome do profissional que eu queria. Ofereci-me para contactá-lo. Essas atitudes não me fizeram muito querida pelos jovens médicos que trabalhavam no hospital ("Se a senhora quiser tomar conta desse

caso, eu me retiro", um deles disse finalmente), mas essas coisas me faziam sentir menos impotente.

Lembro-me de ter aprendido os nomes de muitos exames e escalas de medição na Universidade da Califórnia: o Teste Kimura para Detecção de Apraxias, o Teste de Discriminação entre Dois Pontos, a Escala de Coma de Glasgow, a Escala de Resultado de Glasgow. Minha compreensão do significado desses exames e escalas continuou obscura. Também me lembro de ter aprendido, tanto na Universidade da Califórnia quanto antes, no Beth Israel e no Columbia-Presbyterian, os nomes de muitas bactérias hospitalares resistentes. No Beth Israel fiquei conhecendo a *Acinetobacter baumannii*, resistente à vancomicina.

— É assim que a gente fica sabendo que se trata de uma infecção hospitalar — lembro-me de um médico a quem eu perguntei no Columbia-Presbyterian ter me dito. — Se for resistente à vancomicina, então trata-se de uma infecção hospitalar, porque a vancomicina só é usada em ambientes hospitalares.

Na universidade, apareceu o *Staphylococcus aureus* resistente à meticilina (MRSA), em oposição ao *Staphylococcus epidermidis* resistente à meticilina (MRSE), que era o que eles a princípio acharam que haviam encontrado na cultura, e que mais visivelmente tinha alarmado a equipe.

— Não sei exatamente o porquê, mas já que você está grávida, talvez queira ser transferida deste caso — ouvi uma médica falando com outra, durante a suspeita do MRSE, olhando para mim como se eu não fosse entender.

Havia muitos outros nomes de bactérias hospitalares, mas aquelas eram as mais freqüentes. Qualquer que fosse a bactéria que demonstrasse ser a causa de uma nova febre ou de uma infecção do aparelho urinário, requeria obrigatoriamente o uso de macacões, aventais, luvas e máscaras. Os serventes ficavam até chateados porque tinham que estar completamente vestidos e protegidos antes de entrarem na sala só para esvaziar uma lata de lixo. O *Staphylococcus*



aureus resistente à metilina detectado na universidade provocara uma infecção na corrente sanguínea, uma bacteremia. Quando ouvi isso, manifestei minha preocupação ao médico que estava examinando Quintana, pois uma infecção na corrente sanguínea poderia novamente levar ao choque séptico.

- Bom, a senhora sabe, choque séptico é um termo clínico
- disse o médico, continuando a examiná-la.

Insisti.

- Ela já está com algum grau de septicemia.

Ele parecia confiante.

- Mas estamos continuando com a vancomicina. E até agora a pressão sanguínea está se mantendo.

Pois é. Tínhamos retornado à expectativa de observar se a pressão tinha baixado.

Voltamos a ficar alerta para um choque séptico.

Depois, íamos ficar observando os blocos de gelo no rio East.

Na realidade, o que eu via das janelas da universidade era uma piscina. Nunca vi ninguém nadando nessa piscina, embora estivesse sempre cheia de água limpa, continuamente filtrada (dava para ver o pequeno redemoinho no local onde a água entrava no filtro e as bolhas saindo por onde ela retornava), brilhando ao sol, rodeada de mesas com ombrellones. Um dia, olhando para ela, tive a recordação bem clara de uma vez ter tido a idéia de botar velas e gardênias flutuando na piscina que ficava no quintal atrás da nossa casa de Brentwood Park. Estávamos dando uma festa. Faltava uma hora para o início dela, mas eu já estava vestida e pronta quando me veio a idéia das gardênias. Ajoelhei-me na borda da piscina, acendi as velas e usei o cabo do limpador da piscina para arrumar as gardênias e as velas num padrão assimétrico. Levantei-me, satisfeita com o resultado. Guardei o limpador. Quando olhei de novo para a piscina, as gardênias tinham sumido e as velas tinham se apagado, formando pequenos tufos encharcados que se debatiam furiosamente em volta da entrada de

água do filtro. Elas não conseguiam entrar porque o filtro já estava entupido de gardênias. Passei os quarenta e cinco minutos que restavam antes da festa retirando as gardênias encharcadas de dentro do filtro, tirando as velas da piscina e secando meu vestido com o secador de cabelo.

Até aí, tudo bem.

Uma lembrança da casa de Brentwood Park que não envolvia nem John nem Quintana. Infelizmente me veio outra. Eu estava sozinha na cozinha daquela casa, no final da tarde, início da noite, dando comida para o cão bouvier que tínhamos naquela época. Quintana estava na Barnard. John estava passando uns dias no apartamento que nós tínhamos em Nova York. Isso devia ser por volta do final de 1987, época em que ele começou a falar que queria que a gente passasse mais tempo em Nova York. Não dei força para essa idéia. De repente, um flash de luz vermelha inundou a cozinha. Fui até a janela. Havia uma ambulância na frente de uma casa do outro lado da Marlboro Street, visível atrás do pé de mulungu e das duas pilhas de lenha estocada no quintal lateral da nossa casa. Muitas casas naquele bairro, incluindo aquela do outro lado da Marlboro Street, tinham quintais laterais com duas pilhas de lenha estocada. Fiquei observando a casa até que a última luz se apagasse e a ambulância tivesse ido embora. No dia seguinte de manhã, quando fui dar uma caminhada com o cachorro, uma vizinha me contou o que tinha ocorrido. As duas pilhas de lenha estocada não tinham impedido a mulher que morava na casa do outro lado da Marlboro Street de ter ficado viúva na hora do jantar.

Liguei para o John em Nova York.

A luz vermelha piscando me pareceu ser um aviso urgente.

Eu disse que talvez ele estivesse certo, que a gente devia passar mais tempo em Nova York.

Olhando da janela do hospital da universidade para a piscina vazia, pude sentir o vórtice se aproximando, mas não consegui detê-lo.

O vórtice, neste caso, era um aspecto insistente da memória, do tipo "Encontro em Samarra"<sup>5</sup>. Se eu não tivesse dado aquele telefonema, será que Quintana teria voltado a morar em Los Angeles, depois de se formar na Barnard? Se ela estivesse morando em Los Angeles, teria ido para o Beth Israel North e para o Presbyterian, e estaria no hospital da Universidade da Califórnia hoje? Se eu não tivesse interpretado erroneamente a luz vermelha piscando que vi naquele dia no final de 1987, será que eu estaria hoje entrando no meu carro, indo na direção oeste pelo San Vicente Boulevard para ir ao encontro do John na casa de Brentwood Park? Ele estaria descansando na piscina? Talvez relendo A escolha de Sofia?

Será que eu teria que reviver cada erro que cometi? Se, por acaso, me lembrasse do dia em que a gente desceu de carro até Saint Tropez, quando estávamos passando uns dias na casa do Tony Richardson, que ficava na parte alta da cidade, e fomos tomar café numa mesa na calçada e compramos peixe para o jantar, será que eu tinha também que me lembrar daquela noite em que me recusei a nadar à luz do luar porque o Mediterrâneo estava poluído e eu tinha um corte na perna? Se eu me lembrasse do galo de Portuguese Bend, eu teria também que me lembrar do longo percurso que fazíamos de volta para casa depois do jantar, e também de quantas vezes, passando pelas refinarias na San Diego Freeway, um dos dois disse a palavra errada ou parou de falar? Ou imaginou que o outro tinha para do de falar? "Cada uma das memórias e expectativas nas quais a libido está ligada ao objeto é trazida à tona, hipervalorizada, e o desligamento da libido é realizado com respeito a isso... É notável como esse desprazer doloroso é tomado por nós como um evento natural." Assim Freud explicou o que via como um "resultado" da dor da perda, cuja descrição me soou suspeita como o vórtice.

5. Título de um conto de Somerset Maugham sobre a inescapabilidade da morte. (N. T.)

Na realidade, a casa de Brentwood Park onde eu vi a luz vermelha piscando e de onde pensei em sair e mudar-me para Nova York não existia mais. Foi demolida e substituída por uma casa bem maior, um ano depois que nós a vendemos. No dia em que aconteceu de estarmos em Los Angeles, ao passarmos pela esquina de Chadbourne com Marlboro e vemos que não tinha sobrado nada de pé, exceto a única chaminé que possibilitava uma dedução nos impostos, lembrei-me do corretor me dizendo como seria importante para os compradores se nós oferecêssemos exemplares autografados dos livros que havíamos escrito durante o tempo em que moramos naquela casa. Fizemos isso. Separamos e autografamos os livros Quintana and Friends, Dutch Shea, Jr. e The Red, White and Blue, do John, e Salvador, Democracia e Mianti, escritos por mim. Quando vimos do carro o terreno vazio, Quintana, no banco de trás, começou a chorar. Minha primeira reação foi de fúria. Eu queria os livros de volta.

Essa linha de pensamento corretiva conseguia parar o vórtice?

Nem tanto.

Um dia de manhã, quando Quintana ainda estava na unidade intermediária, pois a persistência da febre tornou necessário um ecocardiograma para afastar a hipótese de uma endocardite, ela levantou a mão direita pela primeira vez. Isso foi bastante significativo, porque os efeitos do trauma eram visíveis no lado direito do corpo. O movimento significava que os nervos traumatizados continuavam vivos. Mais tarde, naquele mesmo dia, ela insistia em querer sair da cama, e ficou emburrada como uma criança quando eu disse que não ia ajudá-la a fazer isso. Minha lembrança daquele dia não está nem um pouco borrada.

No final do mês de abril, ficou decidido que já havia passado tempo suficiente após a cirurgia para que ela pegasse um voo para Nova York. A questão até então era a pressurização e o potencial que isso representava com relação a inchaços. Seria preciso uma equipe treinada para acompanhá-la. Os voos comerciais estavam fora de questão.

Arrumamos tudo: uma ambulância da universidade até o aeroporto, uma ambulância aérea até Teterboro, e uma outra ambulância de Teterboro até o hospital da Universidade de Nova York, onde ela iria fazer um tratamento de reabilitação neurológica no instituto Rusk. Houve muita conversa entre a Universidade da Califórnia e o Rusk. Muitos relatórios foram enviados por fax. Preparou-se um CD-ROM das tomografias computadorizadas. Marcou-se uma data para o que eu até então estava chamando de "transferência": quinta-feira, 29 de abril. Bem cedo naquele dia, quando estava prestes a acertar as contas e sair do Beverly Wilshire, recebi um telefonema de alguém do Colorado. O voo estava atrasado. A aeronave estava em Tucson, onde tinha aterrissado com "problemas técnicos". Os mecânicos em Tucson iam dar uma olhada quando chegassem às dez, hora local. No início da tarde, no fuso horário do Pacífico, ficou claro que o avião não ia levantar voo. Uma outra aeronave estaria disponível no dia seguinte de manhã, mas o dia seguinte era uma sexta-feira e o pessoal da Universidade da Califórnia não gostava de fazer transferências às sextas-feiras. No hospital, pressionei o administrador para concordar com a transferência na sexta.

— Adiar a transferência para a semana seguinte iria apenas desanimá-la e deixá-la confusa — disse eu, segura do meu argumento.

— Para o instituto Rusk, não havia problema algum em fazer uma internação na sexta à noite — disse eu, menos segura. |

— Eu não tenho onde ficar para passar o fim de semana - menti.

Quando o administrador acabou concordando com a transferência na sexta-feira, Quintana estava dormindo. Sentei um pouco no sol, na praça do lado de fora do hospital, e observei um helicóptero circulando para pousar no topo. Sempre havia helicópteros pousando no topo do prédio da universidade, sugerindo traumas em toda a região sul da Califórnia, cenas remotas de carnificinas em acidentes rodoviários, guindastes que caíam, dias difíceis que ainda

estavam por vir para o marido, a mulher, a mãe ou o pai que ainda não tinham recebido o telefonema informando sobre a ocorrência (na hora em que o helicóptero está pousando e a equipe de emergência está levando a maca rapidamente para a seção de triagem, eles podem ainda não estar sabendo). Lembrei-me de uma ocasião, no verão de 1970, quando John e eu paramos num sinal na Saint Charles Avenue em Nova Orleans e vimos o motorista do carro vizinho repentinamente cair sobre o volante. A buzina começou a tocar. Vários pedestres acorreram. Um policial se materializou. O sinal abriu, nós seguimos em frente. John não conseguia tirar aquela imagem da cabeça.

— O cara estava ali — ele dizia depois. — Ele estava vivo e de repente estava morto, e a gente viu tudo. Nós o vimos no instante em que aconteceu. Nós soubemos da morte dele antes que a família soubesse.

Apenas um dia comum.

"E de repente... ele se foi."

Quando chegou o dia do vôo, o mesmo pareceu se desenrolar com a inexorabilidade aleatória de um sonho. Quando liguei a televisão para ver o primeiro jornal da manhã, estava havendo uma verdadeira guerrilha nas estradas, com os caminhoneiros protestando contra os preços da gasolina. Enormes caminhões tiveram deliberadamente os pneus furados a faca e foram abandonados na auto-estrada 5. Testemunhas disseram que os primeiros caminhões a parar tinham trazido as equipes dos canais de tevê. Utilitários 4x4 estavam aguardando para retirar os caminhoneiros da estrada bloqueada. O vídeo a que eu estava assistindo parecia deslocado, algo tipo Paris-68. "Evitem a auto-estrada 5, se possível", o apresentador aconselhou, e depois avisou que, segundo "fontes" (presumivelmente as mesmas equipes televisivas que estavam viajando com os caminhoneiros), os caminhoneiros também iriam bloquear outras rodovias, especificamente a 710, a 60 e a 10. No transcurso normal desse tipo de interrupção, seria improvável que nós conseguíssemos ir da universidade para o aeroporto pegar o avião, mas na hora em que a ambulância chegou ao

hospital, todo aquele acontecimento Paris-68 parecia ter-se desmaterializado, e aquela fase do sonho, esquecida.

Outras fases estavam por vir. Disseram-me que o avião estaria no aeroporto de Santa Mônica. A equipe da ambulância tinha dito que seria no de Burbank. Alguém recebeu um telefonema dizendo que era no aeroporto de Van Nuys. Quando chegamos no Van Nuys não havia nenhum avião à vista, somente helicópteros.

— Deve ser porque vocês estão indo de helicóptero — disse um dos atendentes da ambulância, demonstrando claramente a vontade de depositar a gente ali e dar por encerrado o seu dia de trabalho.

— Eu acho que não — disse eu —, afinal são quatrocentos e oitenta quilômetros de distância entre um aeroporto e outro. |

Ele levantou os ombros e desapareceu. Localizaram o avião, um jatinho Cessna com espaço para os dois pilotos, dois enfermeiros, a maca na qual Quintana estava imobilizada e eu, sentada em cima dos balões de oxigênio. Decolamos. Voamos por algum tempo. Um dos enfermeiros tinha uma câmera digital e estava tirando fotos do que ele dizia ser o Grand Canyon. Eu disse a ele que achava que era o lago Mead, a represa Hoover. Apontei para Las Vegas.

Ele continuou tirando fotos.

Continuou também se referindo àquela área como sendo o Grand Canyon.

— Por que é que você tem sempre que estar com a razão? — lembro-me do John dizendo.

Era uma reclamação, uma acusação, o começo de uma briga.

Ele nunca entendeu que, na minha cabeça, eu nunca estava certa. Uma vez, em 1971, quando nos mudamos da Franklin Avenue para Malibu, encontrei um bilhete colado atrás de uma foto que eu estava retirando da parede. O bilhete era de alguém com quem eu tivera um relacionamento antes de me casar com John. Ele tinha passado umas semanas com a gente na casa da Franklin Avenue. O bilhete dizia o seguinte: "Você estava errada." Eu não sabia com relação a que coisa

ou fato eu tinha errado, mas as possibilidades me pareciam ser infinitas. Queimei o bilhete. Nunca falei sobre isso com John.

"Tá legal, é o Grand Canyon", pensei, mudando de posição no banco em cima dos balões de oxigênio de um jeito que não dava mais para ver a janela.

Mais tarde, aterrissamos numa plantação de milho do Kansas para reabastecer. Os pilotos fizeram um trato com os dois adolescentes que tomavam conta do campo de pouso. Durante o reabastecimento, eles iam pegar a pick-up deles e passariam num McDonalds para trazer uns hambúrgueres para nós. Enquanto esperávamos, os enfermeiros sugeriram que nos revezássemos esticando um pouco as pernas. Quando chegou a minha vez, fiquei congelada na pista de pouso por um momento, com vergonha de estar livre e do lado de fora do avião, quando Quintana não podia fazer isso. Fui andando até o final da pista, que era o início da plantação de milho. Chovia um pouco, havia uma atmosfera instável e eu imaginei um tornado se aproximando. Quintana e eu éramos como a Dorothy de O Mágico de Oz. Nós duas éramos livres. Na verdade, a gente estava fora dali. John tinha descrito um tornado em Nothing Lost. Lembro-me de ter lido as últimas provas no quarto de Quintana no Presbyterian e de ter chorado quando cheguei na parte do tornado. Os protagonistas, J. J. McClure e Teresa Kean, vêem o tornado "ao longe, negro, e depois leitoso, quando o sol incidiu dentro dele, movendo-se como uma enorme cobra vertical reticulada". J. J. diz para Teresa não ficar preocupada, aquela área já tinha sido atingida antes, os ciclones nunca atingem o mesmo local duas vezes.

O tornado finalmente se acalmou sem maiores incidentes, logo depois da divisa com o Wyoming. Aquela noite na pousada Step Right Inn, no cruzamento da Higginson com a Higgins, Teresa perguntou se era verdade que os tornados nunca atingiam duas vezes o mesmo lugar.

— Não sei — disse J. J. — Parece lógico. É que nem raio. Você estava preocupada. Eu não queria ver você preocupada. Aquilo foi o mais próximo a uma declaração de amor que J. J. conseguiu fazer.



De volta ao avião, sozinha com Quintana, peguei um dos hambúrgueres que os rapazes tinham trazido e o piquei em pedaços pequenos para dividir com ela. Depois de algumas mordidas, ela balançou a cabeça. Quintana só estava comendo sólidos há mais ou menos uma semana e não conseguia comer mais do que aquilo. Ainda havia um tubo de alimentação, caso ela não conseguisse comer de jeito nenhum.

— Será que eu vou conseguir? — ela perguntou.

Preferi acreditar que ela estava perguntando se ia conseguir chegar em Nova York.

— Claro que sim — disse.

Eu estou aqui. Você está a salvo.

Ela com certeza ia ficar bem na Califórnia, lembro-me de ter lido isso cinco semanas antes.

Naquela noite, quando chegamos ao instituto Rusk, Gerry e Tony estavam esperando pela chegada da ambulância, do lado de fora da clínica. Gerry perguntou como tinha sido o vôo. Disse a ele que eu e ela tínhamos dividido um Big Mac no meio de uma plantação de milho no Kansas.

— Não era Big Mac — disse Quintana —, era um Quarteirão.

Pareceu-me, naquele dia no quarto de Quintana em que li a prova final de *Nothing Lost*, que talvez houvesse um erro gramatical na última frase, na passagem sobre J. J. McClure e Teresa Kean e o tornado. Eu nunca aprendi direito as regras da gramática, confiando apenas, em vez disso, naquilo que soava bem, mas tinha alguma coisa ali que eu não tinha certeza se soava bem. A frase dizia: "Aquilo foi o mais próximo a uma declaração de amor que J. J. conseguiu fazer." Eu teria usado outra preposição: "Aquilo foi o mais próximo de uma declaração de amor que J. J. conseguiu fazer."

Sentei-me perto da janela e fiquei observando os blocos de gelo no rio Hudson e pensei naquela frase. "Aquilo foi o mais próximo a uma declaração de amor que J. J. conseguiu fazer." Aquele não era o tipo de frase que você ia deixar que contivesse um erro, mas também

não era o tipo de frase que você gostaria de ver alterada, já que foi daquele jeito que você a escreveu. Como ele escreveu aquela frase? O que se passava na cabeça dele? Como ele queria aquela frase? A decisão ficou para mim. Qualquer escolha que eu fizesse poderia significar uma falta de consideração, até mesmo uma traição. Esse foi um dos motivos pelos quais eu estava chorando no quarto de Quintana no hospital. Quando cheguei em casa naquela noite, chequei as provas anteriores e os manuscritos. O erro, se é que foi um erro, estava lá desde o início. Deixei como estava.

Por que você tem sempre que estar com a razão?

Por que você tem sempre que ter a última palavra?

Pelo menos uma vez na vida, deixe rolar.

## 12

O dia em que eu e Quintana voamos para o leste no Cessna que parou para reabastecer no milharal no Kansas era 30 de abril de 2004. Durante os meses de maio, junho e metade de julho que ela passou no instituto Rusk, havia muito pouco que eu pudesse fazer por ela. Eu descia até a rua 34 para visitá-la nos fins de tarde e, na maioria das tardes em que ia lá, ela estava em terapia das oito da manhã até as quatro da tarde e, por volta das seis e meia, sete horas, ela estava exausta. Ela estava clinicamente estável. Estava comendo. O tubo de alimentação ainda estava ali presente, mas não era mais necessário. Ela estava começando a reconquistar os movimentos da perna e do braço direitos. Estava também retomando a mobilidade do olho direito, de que ela necessitava para ler. Nos fins de semana, quando não tinha terapia, Gerry a levava para almoçar fora e depois para um cineminha por perto. Ele também jantava com ela. Alguns amigos se juntavam a eles para fazer piqueniques. Enquanto ela estava no Rusk, eu regava as plantas do seu apartamento, ia procurar os tênis totalmente estranhos que o terapeuta tinha recomendado, sentava com ela na estufa de plantas

perto do saguão do Rusk, olhando as carpas no laguinho, mas depois que ela saísse do Rusk, nem aquilo eu poderia fazer. Ela estava chegando a um ponto em que, para se recuperar, teria que voltar a fazer as coisas por si própria.

Decidi passar o verão tentando fazer o mesmo.

Ainda não tinha conseguido ter a concentração necessária para trabalhar, mas consegui dar um jeito na casa, voltei a ter o controle das coisas, li a correspondência atrasada.

Ainda não tinha me ocorrido que só agora eu estava entrando no período de luto.

Até o presente momento, eu só tinha podido sofrer, não realmente ficar de luto. Sofrer é uma coisa passiva. Apenas acontece. O luto, o ato de lidar com o sentimento da perda, requer uma atenção especial. Até então, uma série de razões urgentes ocorreram e desviaram qualquer atenção que pudesse ser dirigida a outra coisa, banindo o pensamento, injetando uma nova carga de adrenalina para suportar a crise do dia. Passei uma estação do ano inteira durante a qual as únicas palavras que eu realmente me permiti ouvir estavam gravadas: "Bem-vindo à U-C-L-A."

Comecei.

No meio das cartas, livros e revistas que chegaram enquanto estive em Los Angeles, havia um grosso volume intitulado Lives of 54, preparado para o que seria então a próxima e quinquagésima reunião da turma de John em Princeton. Fui ver no verbete de John. Dizia: "William Faulkner disse uma vez que no obituário de um escritor deveria constar apenas isso: 'Ele escreveu livros e depois morreu.' Aqui não se trata de um óbito (pelo menos, não em 19 de setembro de 2002), pois eu ainda estou escrevendo livros. Por isso, fico com o Faulkner."

Eu disse a mim mesma: não se trata de um óbito.

Pelo menos até a data de 19 de setembro de 2002.

Fechei o livro. Algumas semanas mais tarde, abri-o novamente e folheei os outros verbetes. Um deles foi o de Donald H. ("Rummy") Rumsfeld, que escreveu: "Depois de Princeton, os anos parecem meio

indistintos, mas os dias se parecem mais com um fogo rápido.” Pensei nisso. Um outro era uma reflexão de três páginas escrita por Lancelot L. ("Lon") Farrar Jr. que começava assim: "A recordação de Princeton que temos na mais alta conta foi inquestionavelmente o discurso de Adiai Stevenson no banquete de formatura.”

Pensei nisso também.

Eu tinha sido casada com um integrante da turma de 54 durante quarenta anos e ele nunca havia mencionado o discurso do Adiai Stevenson no banquete de formatura. Tentei pensar em qualquer coisa que ele tivesse mencionado sobre Princeton. Ele havia muitas vezes mencionado a conotação equivocada que sentia nas palavras "Princeton a serviço da nação", o slogan que a universidade havia adotado, extraído de um discurso de Woodrow Wilson. Além disso, eu não conseguia me lembrar de mais nada, a não ser de ele dizendo, uns dias depois do nosso casamento (Por que ele disse aquilo? Como surgiu o assunto?) que achava ridículos os Nassoons, o grupo vocal masculino de Princeton. Na verdade, e porque ele sabia que aquilo me divertia, ele às vezes imitava os Nassoons numa performance: um movimento estudado de pôr a mão no bolso, de girar os cubos de gelo no copo imaginário, o queixo de perfil, o sorriso ligeiramente satisfeito consigo mesmo.

*As I remember you*

*You stood there beside me on a high windy slope*

*Our faces to the wind and our hearts full of hope<sup>6</sup>*

Durante quarenta anos essa música foi uma brincadeira entre nós, mas eu não conseguia me lembrar do título e nem mesmo do resto da letra. Descobrir a letra tinha se tornado agora uma questão urgente. Consegui encontrar apenas uma única referência na Internet, num obituário do Princeton Alumni Weekly.

6. Lembro de você assim, / Ali ao meu lado. Lá no alto ventava, / O rosto contra o vento, o coração cheio de esperança (N. T.)

John MacFadyen '46 \*49: John MacFadyen faleceu no dia 18 de fevereiro de 2000 em Damariscotta, Maine, perto da localidade de Head Tide, onde ele e sua mulher, Mary-Esther, moravam. A causa da morte foi pneumonia, mas sua saúde já estava debilitada há alguns anos, particularmente após a morte da mulher, em 1977. John veio de Duluth para Princeton no verão "acelerado" de 1942. Talentoso na música e nas artes, compôs músicas para o grupo teatral Princeton Triangle Club, incluindo As I Remember You, um grande sucesso do grupo vocal de Princeton, os Nassoons. Havendo um piano por perto, John era a alma de qualquer festa. Sempre lembrada era a sua interpretação de Shine, Little Glow Worm, tocada de cabeça para baixo e embaixo do piano. Depois de servir o exército no Japão, voltou a Princeton para obter o mestrado em belas-arts e arquitetura. Na firma Harrison & Abramowitz, de Nova York, desenhou um dos prédios principais das Nações Unidas. John foi agraciado com o prêmio Roma de Arquitetura e, recém-casado com Mary-Esther Edge, passou 05 anos de 1952-53 freqüentando a Academia Americana de Roma. Sua carreira na arquitetura, especialmente marcada pela concepção arquitetônica do Wolf Trap Center for the Arts, na periferia de Washington, foi interrompida por sua nomeação como diretor-executivo do primeiro Conselho de Artes do Estado, na década de 1960, durante a administração do governador Nelson Rockefeller. A turma se une aos seus filhos Camilla, Luke, William e John, e aos três netos, consternados pela perda de um dos nossos colegas inesquecíveis.

As I Remember You, um grande sucesso dos Nassoons.

Mas e a morte de Mary-Esther?

E quanto tempo faz que "a alma de qualquer festa" tocou Shine, Little Glow Worm de cabeça para baixo e embaixo do piano?

O que eu não daria para conversar sobre isso com John?

O que eu não daria para debater o que quer que fosse com John?  
O que eu não daria para dizer qualquer coisa que o fizesse feliz? E o que seria essa coisa? Se eu tivesse dito a coisa certa na hora certa, teria funcionado?

Uma ou duas noites antes de morrer, John me perguntou se eu sabia quantos personagens morriam no romance que ele tinha acabado de enviar para impressão, *Nothing Lost*. Ele ficou no escritório fazendo uma lista deles. Adicionei um nome que lhe tinha escapado. Alguns meses depois da morte, peguei um bloco na mesa dele para anotar alguma coisa. No bloco, escrito a lápis bem clarinho, estava a lista:

Teresa Kean

Parlance

Emmett McClure

Jack Broderick

Maurice Dodd

Quatro pessoas num carro

Charlie Buckles

Percy — cadeira elétrica (Percy Darrow)

Walden McClure

Perguntei-me por que o lápis estava tão fraquinho.

Por que ele usaria um lápis que mal deixava ver a marca?

Quando ele começou a se ver como morto?

— Não é só preto ou branco — havia me dito um médico bem jovem do Centro Médico Cedars-Sinai em Los Angeles em 1982, sobre a linha divisória entre a vida e a morte.

Estivemos no CTI do Cedars-Sinai visitando Dominique, a filha do Nick e da Lenny, que tinha sido estrangulada quase até a morte, na noite anterior. Ela estava deitada lá no CTI como se estivesse dormindo, mas não iria se recuperar. Estava respirando apenas por aparelhos.

No meu casamento com John, Dominique era uma menininha de quatro anos.

Ela era a prima que organizava as festas de Quintana, que foi com ela comprar o vestido do baile de formatura e que ficava com ela quando a gente tinha que viajar. "As rosas são vermelhas, as violetas são azuis", dizia o cartão apoiado num vaso de flores, que Quintana e Dominique tinham deixado na mesa da cozinha para saudar o nosso retorno de uma dessas viagens. "Gostaria que você não estivesse em

casa e Dominique também. Com todo o amor, feliz Dia das Mães, D e Q.”

Lembro-me de ter pensado que o médico estava errado, pois enquanto Dominique estivesse deitada ali naquele CTI, estava viva. Ela não podia se manter viva sem auxílio, mas estava viva.

Isso era branco. Quando desligaram os aparelhos, houve um intervalo de alguns minutos antes que o seu sistema se interrompesse, e aí então ela estava morta. Isso era preto.

Não havia traços leves sobre a morte, nenhuma marca de lápis.

Quaisquer traços leves, quaisquer marcas de lápis que houvesse foram deixadas "uma ou duas noites antes de ele morrer", ou "uma ou duas semanas antes", mas, de qualquer modo, definitivamente, antes de ele morrer.

Havia uma linha divisória.

A irreversibilidade abrupta desta linha divisória era algo sobre o que pensei muito durante o final da primavera e todo o verão, depois de voltar para casa, terminada a temporada na Universidade da Califórnia. Uma amiga bem próxima, Carolyn Lelyveld, morreu em maio no Memorial Sloan-Kettering Hospital. A mulher do Tony Dunne, Rosemary Breslin, morreu em junho, no Columbia-Presbyterian. Em ambos os casos, a expressão "após longa enfermidade" seria aplicável, traçando uma trajetória enganosa de liberação, alívio, solução. Em ambas as longas enfermidades, a possibilidade da morte fazia parte do quadro, durante alguns meses no caso da Carolyn e, no caso de Rosemary, desde 1989, aos trinta e dois anos. Entretanto, mesmo estando ciente do quadro, isso de modo algum aliviou o vazio da perda que o acontecimento causou. Ainda assim, era preto ou branco. As duas ficaram vivas até o último instante, e depois morreram. Percebi que eu nunca havia acreditado direito nas palavras que tinha aprendido quando criança, ao receber a confirmação na igreja episcopal: "Acredito no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos,

no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna, amém.”

Eu não acreditava na ressurreição do corpo.

Teresa Kean, Parlance, Emmett McClure, Jack Broderick, Maurice Dodd, as quatro pessoas no carro, Charlie Buckles, Percy Darrow e Walden McClure também não.

Meu marido católico também não.

Achei que esse modo de pensar pudesse ser esclarecedor mas, para falar a verdade, estava tudo tão confuso que as coisas se contradiziam a si mesmas.

Eu não acreditava na ressurreição do corpo, mas acreditava que, dentro das devidas circunstâncias, ele iria voltar.

Ele, que havia deixado antes de morrer leves traços a lápis.

Um dia, me pareceu importante reler Alceste, que eu tinha lido aos dezesseis ou dezessete anos, para uma dissertação sobre Eurípedes, e me lembrava de que o texto era de algum modo relevante quanto a essa questão da "linha divisória". Lembrei-me dos gregos em geral, mas de Alceste em particular, no que diz respeito à passagem entre a vida e a morte. Eles visualizaram e dramatizaram isso, colocando em cena as águas escuras e a barca. Reli Alceste. O que acontece na peça é o seguinte: Admeto, o jovem rei da Tessália, foi condenado a morrer pela Morte. Apoio intervém, obtendo uma promessa do Destino de que, se Admeto conseguir encontrar um outro mortal que concorde em morrer em seu lugar, ele não precisaria morrer imediatamente. Admeto dirige-se a seus amigos e seus pais, mas em vão.

— Ficaremos muito tempo debaixo da terra. A vida é curta, mas suave — diz seu pai após declinar em tomar o seu lugar.

Apenas a mulher de Admeto, a jovem rainha Alceste, oferece-se como voluntária. Todos lamentam a proximidade de sua morte, mas ninguém aparece para salvá-la. Ela morre, por fim: *"Vejo o barco de dois remos / Vejo o barco no lago! / E Caronte, / O Barqueiro dos Mortos / Me chama, com a mão no remo..."* Admeto fica acabrunhado pela culpa,



pela vergonha e pela autopiedade: "Ai de mim! Como é amarga aquela travessia da qual falas! Ó minha infeliz amada, como sofremos!" Ele demonstra um péssimo comportamento, sob todos os aspectos. Culpa os pais. Insiste que Alceste esteja sofrendo menos do que ele. Depois de algumas páginas (e é o bastante) disso, Alceste, através de um extraordinário (mesmo em 430 a. C. ) e desajeitado deus ex machina, recebe a permissão para retornar. Ela não diz nada, e isso é explicado, de novo atabalhoadamente, como sendo temporário e autocorretor: "Tu não poderás escutar a sua voz até que ela se purifique da consagração aos Deuses Inferiores, até que a terceira aurora se levante." Se nos ativermos apenas ao texto, a peça tem um final feliz.

Esta não era a memória que eu tinha de Alceste, o que sugere que eu já era dada, desde os dezesseis ou dezessete anos, a editar os textos que lia. As divergências principais entre o texto e a minha memória aparecem por volta do final, quando Alceste retorna dos mortos. Na minha memória, a razão de ela não falar é porque optou por não falar. Segundo eu me lembro, Admeto pressiona Alceste a um ponto em que, para a tristeza dele, ela acaba falando, pois o que ela tem a expor é a revelação das falhas do marido. Admeto, alarmado, interrompe o relato, convidando todos para uma comemoração. Alceste concorda, mas permanece distante, ela agora é outra pessoa. Alceste, pelo que se pode ver, está de volta à companhia de seu marido e filhos, e voltou a ser novamente a jovem rainha da Tessália, mas o final (o "meu" final) não poderia ser interpretado como um final feliz.

Em alguns aspectos esta é uma história melhor (mais "trabalhada"), uma história que reconhece que a morte "transforma" aquele que morreu, mas que coloca outras questões relacionadas à linha divisória. Se os mortos voltassem de verdade, qual o conhecimento que eles trariam? Será que a gente conseguiria encará-los? Nós, que permitimos que eles morressem? A luz que me ilumina me diz que eu não permiti que John morresse, que eu não tinha esse poder, mas será que eu acredito nisso? Será que ele acredita nisso?

Os que sobreviveram aos mortos olham para trás e enxergam previsões, mensagens que não foram detectadas.

Recordam-se da árvore que morreu e da gaivota que se espatifou contra o capo do carro.

Vivem de símbolos. Enxergam significados no bloqueio de spams no computador sem uso, na tecla de deletar que pára de funcionar e na renúncia à decisão de substituí-la. A voz na secretária eletrônica ainda é a do John. O fato de ter sido a voz dele foi, desde o início, uma escolha arbitrária, e tinha a ver com quem estava ali disponível no dia em que a secretária eletrônica precisou de uma nova gravação. Porém, se eu fosse regravá-la agora, faria isso com a sensação de estar cometendo uma traição. Um dia, quando eu estava falando ao telefone no escritório dele, virei, sem pensar, as páginas do dicionário que ele sempre deixava aberto na mesa, ao lado da escrivaninha. Quando me dei conta do que tinha feito, fiquei paralisada. Qual foi mesmo a última palavra que ele procurou no dicionário, o que ele estava pensando naquela hora? Ao virar as páginas, será que a mensagem se extraviou? Ou será que ela já tinha se extraviado antes de eu tocar no dicionário? Será que eu me recusei a escutar a mensagem?

"Digo-te que não viverei dois dias", disse Gawain.

Mais para o meio do verão, recebi um outro livro de Princeton. Era um exemplar da primeira edição de True Confessions que, na linguagem dos livreiros, estava "em boas condições, sobrecapa original ligeiramente danificada". Na verdade, era o exemplar que pertencia ao próprio John. Pelo que me parecia, ele havia enviado o livro a um colega de turma que estava organizando, por ocasião da quinquagésima reunião da turma de 1954, uma exposição de livros escritos por alunos que foram integrantes da turma. "Este livro ocupava uma posição de honra", o colega dele me escreveu, "pois John era inquestionavelmente o escritor mais relevante da nossa turma".

Examinei a sobrecapa original, ligeiramente danificada, daquele exemplar de True Confessions.

Lembro-me da primeira vez que vi a capa, ou o projeto da capa, que estava rolando pela casa durante vários dias, assim como as propostas de programação visual, os protótipos de sobrecapas e as amostras de fontes, como sempre acontecia com os novos lançamentos, para a gente poder avaliar se a capa ia envelhecer bem ou não, e se ia continuar atraente para o olhar.

Abri o livro. Li a dedicatória. "Para Dorothy Burns Dunne, Joan Didion e Quintana Roo Dunne", era o que estava escrito. "Gerações."

Tinha me esquecido desta dedicatória. Eu não a havia apreciado suficientemente, um tema persistente naquele estágio do que quer que fosse que eu estava atravessando.

Reli True Confessions. Achei mais sombrio do que da primeira vez. Reli Harp. Descobri uma versão diferente e menos solar daquele verão em que a gente assistia a Tenko e ia jantar no Morton's.

Algo mais tinha acontecido ao se aproximar o fim daquele verão.

Em agosto, houve uma cerimônia religiosa em homenagem a um conhecido dele (isso não era em si o "algo mais" que aconteceu), um tenista francês de uns sessenta anos que tinha morrido num acidente. A cerimônia tinha sido numa quadra de tênis de alguém em Beverly Hills. "Encontrei com minha mulher na cerimônia", John escreveu em Harp, "vindo diretamente de uma consulta médica em Santa Mônica, e eu fiquei ali sentado debaixo do sol quente do mês de agosto, pensando na morte. Achei que o Anton tinha morrido na melhor circunstância possível para ele, passando por um momento de terror ao perceber o desfecho inevitável do acidente e, um momento depois, a escuridão eterna".

A cerimônia terminou e o manobreiro me trouxe o carro.

Saindo dali, minha mulher perguntou:

— O que o médico falou?

Não tinha surgido ainda o momento apropriado para falar sobre a minha consulta em Santa Mônica.

— Fiquei morrendo de medo, amor.

— O que ele disse?

— Ele disse que eu era um sério candidato a um acidente cardíaco de proporções catastróficas.

Algumas páginas mais adiante em Harp, o autor (John) examina a veracidade deste (seu próprio) relato. Ele faz anotações sobre um nome trocado, uma reestruturação dramática, um pequeno tempo morto. Ele se pergunta: "Mais alguma coisa?" A resposta que ele se deu foi: "Quando contei para a minha mulher que eu fiquei morrendo de medo, comecei a chorar."

Ou eu não me lembro disso ou eu deliberadamente optei por não me lembrar disso.

Eu não havia apreciado suficientemente o livro.

Será que foi aquilo o que ele sentiu quando morreu? "Um momento de terror ao perceber o desfecho inevitável do acidente e, um momento depois, a escuridão eterna?" No sentido em que o fato pode acontecer numa determinada noite e não em outra, o mecanismo de uma parada cardíaca típica poderia ser interpretado como essencialmente acidental. Um espasmo súbito rompe um depósito de placa numa artéria coronária, segue-se uma isquemia, e então o coração, desprovido de oxigênio, entra em fibrilação ventricular.

Mas como ele vivenciou isso?

O "momento de terror", a "escuridão eterna"? Será que ele teve alguma intuição precisa sobre isso quando estava escrevendo Harpa? Será que ele, como a gente dizia um para o outro, para verificarmos se alguma coisa estava relatada ou percebida com precisão, "sacou direito o lance"? E a parte da "escuridão eterna"? Aqueles que sobreviveram a experiências próximas da morte não mencionam sempre "uma luz branca"? Ocorreu-me, enquanto estou escrevendo isso, que essa "luz branca", geralmente apresentada metaforicamente (comprovação de uma outra vida depois da morte, de um poder superior), é na verdade coerente com o déficit de oxigênio que ocorre quando decai o fluxo sanguíneo para o cérebro. "Ficou tudo branco", é o que relatam aqueles que têm uma queda de pressão, sobre o instante anterior ao desmaio.

"As cores todas sumiram", relatam os que tiveram hemorragia interna, sobre o instante em que a perda de sangue tornou-se crítica.

Este "algo mais" que aconteceu perto do final daquele verão, que deve ter sido o de 1987, foi a série de acontecimentos que se seguiram àquela consulta médica em Santa Mônica e à cerimônia religiosa na quadra de tênis em Beverly Hills. Mais ou menos uma semana depois, foi feito um angiograma. O angiograma demonstrava uma oclusão de noventa por cento da artéria descendente anterior esquerda, chamada de DA. Mostrava também um longo estreitamento de noventa por cento na artéria marginal circunflexa, o que foi considerado significativo, principalmente porque a artéria marginal circunflexa alimenta a mesma área do coração que a DA obstruída. "Meu amigo, essa daí é a que a gente chama de 'enterra-marido'", disse o cardiologista do John mais tarde, em Nova York. Uma ou duas semanas depois do angiograma (corria então o mês de setembro daquele ano e ainda era verão em Los Angeles), foi feita uma angioplastia. Os resultados, após duas semanas, como ficou demonstrado por um ecocardiograma de esforço, foram "espetaculares", isso dito por eles. Um outro ecocardiograma de esforço após seis meses confirmou este resultado. Os escaneamentos com tálcio efetuados durante os anos seguintes e um outro angiograma feito em 1991 confirmaram a mesma coisa. Lembro-me que John e eu tínhamos visões diferentes do que tinha acontecido em 1987. Da maneira como ele via a coisa, ele agora tinha uma sentença de morte temporariamente suspensa. Ele disse muitas vezes, depois da angioplastia de 1987, que agora sabia que ia morrer. Do jeito como eu via a coisa, a intervenção foi bem-sucedida, foi feita na hora certa, o problema foi resolvido, o mecanismo foi consertado.

— Você não sabe como vai morrer mais do que eu ou que qualquer outra pessoa — lembro-me de ter dito.

Percebo agora que a visão dele era mais realista.

Eu costumava contar meus sonhos para John, não para tentar compreendê-los, mas para me livrar deles, limpando a minha cabeça para poder enfrentar o dia.

— Não me conta o teu sonho — ele me dizia, quando eu acordava. Mas, no fim, ele acabava escutando. Depois que ele morreu, eu parei de sonhar. No início do verão, comecei a sonhar novamente, pela primeira vez desde o ocorrido. Já que agora não posso mais passá-los adiante para John, eu me pego pensando sobre eles.

Lembro-me do trecho de um romance que escrevi em meados dos anos noventa, *The Last Thing He Wanted*:

*É claro que nós não íamos precisar daquelas seis últimas anotações para saber sobre o que eram os sonhos de Elena. Os sonhos de Elena eram sobre a morte. Os sonhos de Elena eram sobre envelhecer. Não há ninguém aqui que não tenha tido (ou que não venha a ter) os sonhos de Elena.*

*Todos nós sabemos disso.*

*A questão é que Elena não sabia.*

*A questão é que Elena permaneceu distante, principalmente em relação a ela mesma, como uma agente clandestina que não tinha organizado a operação com competência, o que a fez perder o contato com seus intermediários.*

Percebo que a minha situação é a mesma de Elena.

Num dos sonhos, estou pendurando um cinto de couro trançado num armário e, de repente, ele se parte em dois pedaços. Mais ou menos um terço dele fica na minha mão. Mostro a John os dois pedaços. Eu menciono (ou ele menciona, sei lá, nos sonhos nunca se sabe direito) que aquele era o cinto predileto dele. Eu assumo o compromisso (de novo, eu acho que assumo esse compromisso, ou eu deveria ter feito isso, minha cabeça semi-acordada me dizendo qual é a

atitude correta a se tomar) de encontrar um outro cinto trançado igual àquele.

Em outras palavras, consertar o que eu quebrei, trazê-lo de volta.

A semelhança desse cinto trançado que se partiu com o que eu encontrei no saco plástico que me entregaram no New York Hospital não escapou à minha atenção. Tampouco me escapou o fato de que eu ainda estou pensando em termos de: "eu estraguei o cinto, fui eu que fiz isso, eu sou responsável por isso."

Num outro sonho, John e eu estamos num avião, indo para Honolulu. Várias outras pessoas também estão no mesmo vôo, e todos tinham se reunido no aeroporto de Santa Mônica para embarcar. A Paramount tinha providenciado os aviões.

Os assistentes de produção estavam distribuindo os cartões de embarque. Embarquei. Há uma confusão. Vejo outras pessoas embarcando, mas não há sinal de John. Fiquei preocupada se haveria algum problema com o cartão de embarque dele. Decido sair do avião e esperar por ele no ônibus. Enquanto espero, percebo que os aviões estão todos decolando, um depois do outro. Finalmente, não há mais ninguém na pista, a não ser eu. Meu primeiro pensamento no sonho é o de ficar com raiva: John embarcou no avião sem mim. Meu segundo pensamento transfere a raiva: a Paramount não teve o cuidado de nos colocar no mesmo vôo.

O que a "Paramount" estava fazendo neste sonho levantaria uma outra discussão, que não seria relevante aqui.

Pensando no sonho, me lembrei de Tenko, que, no desenrolar da série, conduz as prisioneiras inglesas à libertação do campo japonês de prisioneiros e ao subsequente reencontro com os respectivos maridos em Cingapura, o que não aconteceu bem para todas elas. Para algumas, parecia que o marido era de algum modo considerado responsável pela provação de terem sido presas. Apesar de irracional, havia uma sensação de abandono. Eu me senti abandonada e deixada para trás na pista do aeroporto? Eu senti raiva de John por ele ter me deixado ali?

Era possível sentir raiva e ao mesmo tempo me sentir responsável por aquilo?

Eu sei a resposta que um psiquiatra daria para isso.

A resposta teria a ver com um conhecido processo no qual a raiva cria a culpa e vice-versa.

Eu não descarto a validade desta explicação, mas, para mim, ela continua sendo menos sugestiva do que o impacto da imagem em si, sem necessidade de interpretação — o mistério de ter sido deixada sozinha na pista do aeroporto de Santa Mônica, vendo os aviões decolarem, um depois do outro.

*Todos nós sabemos disso.*

*A questão é que Elena não sabia.*

Acordei por volta das três e meia da manhã com a televisão ligada na MSNBC. Tinha o Joe Scarborough ou o Keith Olbermann falando com um casal que viajou num vôo de Detroit para Los Angeles, o "vôo 327 da Northwest" (na verdade, eu anotei isso para contar para John), no qual diz-se que houve uma "tentativa de ação terrorista". Parece que o incidente envolvia quatorze homens ditos "árabes" que, a partir de um determinado momento após a decolagem de Detroit, começaram a se reunir perto da porta do banheiro, onde depois entraram, um após o outro.

O casal sendo entrevistado ao vivo relata que fizeram sinais para a tripulação.

O avião desceu em Los Angeles. Os "árabes", todos os quatorze com "vistos expirados" (isso surpreendia muito o pessoal da MSNBC, como sendo algo mais incomum do que me parecia), foram detidos e depois liberados. E todos os passageiros, inclusive o casal da televisão, foram tratar de suas vidas. Aquilo não tinha sido então "um ataque terrorista", mas uma "tentativa de ação terrorista".

No sonho, eu precisava discutir isso com John.

Ou será que era mesmo um sonho?

Quem é o diretor dos sonhos? E ele se importa com isso?



Será que era só sonhando ou escrevendo que eu conseguia entender o que eu estava pensando?

Em junho, quando a luz do pôr-do-sol demora mais tempo para ir embora, me forcei a ir jantar na sala de estar, onde batia a luz do sol. Depois da morte do John, comecei a comer na cozinha (a sala de jantar era grande demais, e a mesa da sala de estar foi onde ele tinha morrido), mas quando veio a época daqueles longuíssimos crepúsculos, tive uma sensação muito intensa de que ele gostaria que eu visse a luz. Quando o pôr-do-sol começou a encurtar, retirei-me de volta à cozinha. Comecei a passar mais noites sozinha em casa.

— Estou trabalhando — é o que eu dizia.

Quando chegou o mês de agosto, eu estava de fato trabalhando, ou tentando trabalhar, mas não queria ficar exposta ao mundo lá fora. Uma noite, me peguei tirando do armário da cozinha um prato diferente dos que eu normalmente uso. Era um prato trincado e gasto, de um aparelho de jantar da marca Spode, no qual a maioria das peças estava quebrada ou lascada, com um padrão de estamparia que não se usa mais, chamado de "Wickerdale". Era um aparelho de cor creme com uma guirlanda de pequenas flores em rosa e azul com as folhas em bege, que a mãe do John tinha dado a ele quando ele foi morar num apartamento da rua 73 Leste, antes de a gente se casar. A mãe do John já tinha morrido. John tinha morrido. E, do aparelho Spode "Wickerdale", eu ainda tinha quatro pratos rasos, cinco pratos fundos, três pratos de sobremesa, uma única xícara de café e nove pires. Passei a preferir essa louça a todas as outras. Lá pelo fim do verão, eu botava a máquina de lavar pratos para funcionar antes de estar cheia, só para que eu tivesse sempre disponível pelo menos um dos quatro pratos rasos "Wickerdale" quando precisasse dele. A uma certa altura, ainda no verão, me ocorreu que eu não tinha nenhuma carta do John, nem umazinha sequer. Nós raramente ficamos longe um do outro por muito tempo. Aconteceu às vezes uma semana, ou duas ou três, aqui e ali, quando algum dos dois estava envolvido com algum trabalho. Durante um mês, em 1975, eu dava aulas em Berkeley durante a semana e

voava de volta para Los Angeles pela PSA, todos os fins de semana. Durante algumas semanas em 1988, o John esteve na Irlanda fazendo pesquisas para Harp, e eu estava na Califórnia cobrindo a fase das primárias da eleição presidencial. Em todas essas ocasiões, a gente se falava pelo telefone várias vezes por dia. Já contávamos com as contas telefônicas elevadas como parte do trato que tínhamos um com o outro, do mesmo modo que a gente incluía as contas altas dos hotéis que nos permitiam pegar Quintana na escola e tomar um avião para algum lugar e todos os dois continuarem trabalhando ao mesmo tempo, na mesma suíte. Em vez de cartas, o que eu tinha era um souvenir de um desses hotéis: um despertadorzinho preto, fininho como um biscoito, que ele me deu num dia de Natal, em Honolulu, quando estávamos reescrevendo em ritmo de urgência os diálogos de um filme que acabou não sendo produzido. Foi um daqueles muitos dias de Natal no qual a gente não trocou "presentes", mas pequenas coisas práticas para fazer uma árvore. O despertador parou de funcionar no ano anterior ao que ele morreu e não tinha conserto. Porém, depois que ele morreu, não dava para jogar fora. Ele não podia sequer ser retirado da minha mesa-de-cabeceira. Eu tinha também um estojo de canetas Buffalo, que ele me deu naquele mesmo Natal, dentro do mesmo espírito. Fiz muitos desenhos de palmeiras naquele Natal: palmeiras balançando ao vento, folhas de palmeiras caindo, palmeiras vergadas pelas tempestades kona, que ocorrem no mês de dezembro no Haváí. As canetas Buffalo coloridas já estavam secas há muito tempo, mas, pela mesma razão, não podiam ser jogadas fora.

Naquela véspera de Ano-Novo em Honolulu, lembro-me de ter sentido uma sensação de bem-estar tão profunda que eu não queria ir dormir. Tínhamos pedido ao serviço de quarto: mahimahi [dourado] e alface Manoa ao molho vinagrete, para três. Tentamos dar um aspecto festivo ao quarto, botando uns colares de flores por cima das impressoras e dos computadores que estávamos usando para aquele trabalho. Encontramos umas velas, que acendemos, e pusemos para tocar as fitas que Quintana tinha embrulhado e posto debaixo da

árvore. John estava no quarto, lendo, e tinha pegado no sono por volta das onze e meia. Quintana tinha ido lá embaixo para ver o que estava acontecendo no hotel. Eu olhava para John dormindo e sabia que Quintana estava bem, pois ela sempre descia para ver o que estava acontecendo no hotel desde os seis ou sete anos de idade (às vezes sozinha, às vezes com Susan Traylor, que vinha muitas vezes junto com ela quando estávamos trabalhando em Honolulu). Sentei-me na sacada com vista para o campo de golfe do Waialae Country Club, terminei a garrafa de vinho que nós começamos a beber no jantar e fiquei olhando os fogos que cobriam o céu de Honolulu.

Lembro-me do último presente que ganhei de John. Era o dia do meu aniversário, 5 de dezembro de 2003. A neve tinha começado a cair em Nova York por volta das dez da manhã e, à noite, tinham-se acumulado quase vinte centímetros de neve, com a expectativa de mais quinze. Lembro-me da neve caindo, como uma pequena avalanche, do telhado de ardósia da igreja de Saint James, que fica do outro lado da rua. Cancelamos um encontro que tínhamos marcado com Quintana e Gerry num restaurante. Antes do jantar, John se sentou perto da lareira na sala de estar e leu alguma coisa em voz alta para mim. O trecho que ele leu foi tirado de um dos meus romances intitulado *A Book of Common Prayer*, que estava na sala porque John o estava relendo para ver como o livro funcionava tecnicamente. O trecho que ele leu em voz alta é aquele em que Leonard, o marido de Charlotte Douglas, faz uma visita à narradora, Grace Strasser-Mendana, para informá-la de que os eventos que estão acontecendo naquele país dominado pela família dela não terão um desfecho favorável. O trecho tem uma estrutura narrativa complicada (este era na verdade o trecho que John queria reler para ver como funcionava o mecanismo da coisa), e que é interrompida por uma outra ação, o que requer do leitor que ele capte o subtexto do que Leonard Douglas e Grace Strasser-Mendana estão dizendo um ao outro.

— Puxa vida! Faça-me o favor! — disse John, olhando para mim e fechando o livro. — Não me diga nunca mais que você não sabe escrever. Esse é o meu presente de aniversário para você.

Lembro-me das lágrimas que me vieram aos olhos.

Estou sentindo-as agora.

Fazendo uma retrospectiva, esse foi o meu aviso, a minha mensagem, a neve caindo antes do tempo, o presente de aniversário que ninguém mais poderia me dar.

Ele ainda viveria por mais vinte e cinco noites.

## 14

Chegou uma época do verão em que comecei a me sentir frágil e instável. A sandália ficava presa numa reentrância da calçada e eu tinha que tentar me equilibrar para evitar a queda. E se eu não fizesse isso? E se eu caísse? O que eu iria fraturar, quem ia ver o sangue escorrendo pela minha perna abaixo, quem ia me arranjar um táxi, quem estaria comigo no setor de emergência do hospital? Quem estaria comigo quando eu voltasse para casa?

Parei de usar sandália. Comprei dois pares de tênis Puma, e era só o que eu usava.

Passei a deixar as luzes acesas durante a noite. Se estivesse tudo escuro, eu não conseguia me levantar para fazer uma anotação, ou para procurar um livro, ou para conferir se eu tinha apagado direito o fogão. Se a casa estivesse escura, eu ficava deitada, imobilizada, alimentando visões de acidentes domésticos: os livros que poderiam cair da estante e me derrubar no chão, o tapete do hall de entrada onde eu podia escorregar, a mangueira da máquina de lavar que poderia ter inundado a cozinha, impossível de ser vista no escuro, para melhor eletrocutar alguém que tenha ido acender a luz para verificar o fogão. Me dei conta de que isso ia além do cuidado e da precaução quando, uma tarde, um jovem escritor que eu conhecia veio aqui em casa para me perguntar se

ele poderia escrever um perfil literário sobre a minha pessoa. Ouvi a minha voz dizendo, prontamente demais, que não haveria nada a escrever sobre mim. Eu não estava em condições de ter nada escrito sobre mim. Ouvi a minha voz ressaltando bem isso, lutando para manter o equilíbrio e evitar a queda.

Pensei sobre isso depois.

Percebi que, por enquanto, eu não estava tendo autoconfiança suficiente para apresentar uma "cara" coerente para o mundo.

Alguns dias depois, eu estava arrumando uns exemplares da revista Daedalus, que estavam espalhados pela casa. Guardar revistas era, naquela altura dos acontecimentos, o limite máximo do que eu conseguia fazer para organizar minha vida.

Com cuidado para não ir muito além deste limite, abri um exemplar de Daedalus. Havia um conto escrito por Roxana Robinson chamado BlindMan. Nessa história, um homem está dirigindo seu carro à noite, na chuva, para dar uma palestra.

O leitor percebe os sinais de perigo: o homem não consegue se lembrar do tema da palestra; ele entra na pista de alta velocidade com o carro alugado sem perceber um 4x4 que se aproxima; há referências a alguém de nome "Juliet", a quem aconteceu algo bastante preocupante. Pouco a pouco, ficamos sabendo que Juliet era a filha daquele homem que, na primeira noite de liberdade, depois de uma suspensão na universidade e de um período de recuperação de algumas semanas terapêuticas e reenergizantes no interior com a mãe, o pai e a irmã, tinha cheirado cocaína suficiente para estourar uma artéria no cérebro e morrer.

Um dos vários níveis em que a história me perturbava (a mais óbvia sendo a artéria explodindo no cérebro da garota) era esse: o pai tinha ficado fragilizado e emocionalmente instável. O pai dela era eu.

Na verdade, conheço Roxana Robinson superficialmente. Pensei em telefonar para ela. Ela deve saber de alguma coisa que estou apenas começando a aprender. Mas seria esquisito e meio invasivo telefonar para ela. Eu só havia estado com ela uma única vez num coquetel,

numa cobertura. Em vez disso, me ponho a pensar em pessoas que conheço e que já perderam o marido, a mulher ou a filha. Penso especialmente na aparência que essas pessoas tinham quando as encontrei por acaso — por exemplo, na rua ou entrando em algum lugar — durante um período de mais ou menos um ano após a morte. O que mais me chamou a atenção, todas as vezes, foi o quanto elas pareciam vulneráveis e desprotegidas.

Agora eu entendo a fragilidade delas.

A instabilidade delas.

Abri um outro número de *Daedalus*, este agora dedicado ao conceito de "felicidade". Havia um artigo sobre felicidade, escrito por Robert Biswas-Diener, da Universidade de Oregon, e por Ed Diener e Maya Tamir, da Universidade de Illinois, em Champaign-Urbane observaram que, "apesar de as pesquisas efetuadas terem demonstrado que as pessoas conseguem se adaptar a uma vasta gama de acontecimentos bons e ruins da vida em menos de dois meses", havia "alguns acontecimentos em relação aos quais as pessoas levavam mais tempo para se recuperar ou eram incapazes de conseguir uma adaptação completa". O desemprego era um desses fatores. "Nós também achamos", continuam os autores, "que a média das viúvas leva muitos anos após a morte do marido para recobrar o nível anterior de satisfação com a vida e alegria de viver".

Será que eu fazia parte da "média das viúvas"? O que na verdade era o meu "nível anterior de satisfação com a vida?". Fui consultar um médico, uma visita de rotina. Ele perguntou como eu estava. Esta não deveria ser, num consultório médico, uma pergunta inesperada. No entanto, me vejo subitamente em lágrimas. Este médico é um amigo nosso. John e eu fomos ao casamento dele. Ele se casou com a filha de uns amigos que moravam do outro lado da rua em Brentwood Park. A cerimônia aconteceu debaixo de um pé de jacarandá que eles tinham. Nos primeiros dias após a morte de John, ele veio aqui em casa. Quando Quintana estava no Beth Israel North, ele foi comigo num domingo à tarde e conversou com os médicos do CTI. Quando Quintana

estava no Columbia-Presbyterian, o hospital onde ele trabalhava, ele dava uma passada todos os dias à noite para dar uma olhada, apesar de ela não ser sua paciente. Quando Quintana estava na Universidade da Califórnia e aconteceu de ele estar em Los Angeles, tirou uma tarde para ir à unidade de Neurociência para conversar com os médicos de lá. Ele tinha conversado com eles, tinha conversado com o pessoal do departamento de Neurologia do Columbia, e depois tinha explicado tudo para mim. Ele foi bondoso, prestativo, animador, um verdadeiro amigo. Em resposta a isso, eu estava chorando no consultório dele, só porque ele tinha me perguntado como eu estava indo.

— Não estou conseguindo ver o lado positivo disso tudo — ouvi-me dizendo, à guisa de explicação.

Depois, ele me disse que se John estivesse sentado ali no consultório, ele teria achado aquilo engraçado, como ele mesmo estava achando.

— É claro que eu sei o que você quer dizer e John saberia também. Você quis dizer que não estava conseguindo ver a luz no fim do túnel.

Eu concordei, mas não era bem o caso.

Eu quis dizer exatamente o que disse: eu não estou conseguindo ver o lado positivo disso tudo.

Pensando na diferença entre as duas frases, percebi que a impressão que tinha de mim mesma era a de alguém que procurava, e encontrava, o lado positivo de qualquer situação. Eu tinha acreditado na lógica das músicas populares. Eu tinha procurado o lado positivo das coisas, o lado claro da nuvem, sem enxergar só o lado cinzento dela. Eu tinha conseguido sobreviver à tempestade. Ocorreu-me agora que essas músicas nem eram da minha geração. Essas músicas, e a lógica delas, eram de uma ou duas gerações anteriores à minha. A trilha sonora da minha geração era Les Paul e Mary Ford, How High the Moon, uma lógica completamente diferente. Também me ocorreu, e esse não era um pensamento original, porém era novidade para mim, que a lógica dessas músicas era baseada na autopiedade. A cantora da

música que fala sobre ver o lado claro das coisas sente que as nuvens vieram para escurecer o caminho dela. A cantora que fala sobre sobreviver à tempestade pressupõe que a tempestade poderia ter acabado com ela.

Eu ficava repetindo para mim mesma que tinha tido sorte a minha vida inteira e que isso não me dava direito algum de me considerar sem sorte agora.

Isso foi o que me ocorreu para conseguir administrar a questão da autopiedade.

Eu até acreditava naquilo.

Só mais adiante é que eu comecei a pensar: o que exatamente a "sorte" tinha a ver com aquilo tudo? Examinando as coisas, não consegui encontrar nenhum exemplo real de "sorte" na minha história pessoal. ("Foi uma sorte isso", disse eu uma vez a uma médica, depois que um exame revelou um problema solucionável que teria sido mais difícil de solucionar, se não fosse tratado. "Eu não diria que é sorte", disse ela, "eu chamaria isso de medicina preventiva".) Eu também não acreditava que a "má sorte" tinha levado John e atingido Quintana. Uma vez, quando ainda estava freqüentando o Colégio Feminino de Westlake, Quintana mencionou o que ela parecia considerar como uma distribuição não-igualitária de más notícias. Na oitava série, ela voltou para casa depois de uma excursão de alguns dias ao parque Yosemite e ficou sabendo que o tio Stephen tinha cometido suicídio. No segundo ano do ensino médio, ela estava na casa da Susan e foi acordada às seis e meia da manhã para ser informada de que Dominique tinha sido assassinada.

— A maioria das pessoas lá do colégio não conhece ninguém que já tenha morrido — disse ela. — E, desde que comecei a estudar lá, já aconteceu um suicídio e um assassinato na minha família.

— No fim das contas, tudo se compensa — disse John, numa resposta que me surpreendeu (O que é que isso queria dizer? Será que ele não conseguia fazer melhor do que isso?),

mas que para ela pareceu ser satisfatória.



Vários anos mais tarde, depois que a mãe e o pai de Susan morreram, no espaço de um ou dois anos, ela perguntou se eu me lembrava do John dizendo a Quintana que tudo se compensava no final. Eu disse que me lembrava.

— Ele tinha razão — disse Susan. — É isso mesmo.

Recordo-me de ter ficado chocada. Nunca havia me ocorrido que John queria dizer que as más notícias também chegam para todos nós. Quintana ou Susan tinham interpretado a frase erroneamente. Expliquei a Susan que ele queria dizer uma outra coisa inteiramente diferente: ele quis dizer que quem recebe más notícias vai acabar recebendo a sua porção de boas notícias também.

— Não foi isso o que eu quis dizer, de jeito nenhum — disse John.

— Eu entendi o que ele quis dizer — disse Susan.

Será que eu é que não tinha entendido nada?

Consideremos a questão da "sorte".

Eu não apenas não acreditava que a "má sorte" tinha matado John e atingido Quintana. Na verdade, acreditava exatamente no oposto. Eu acreditava que deveria ter sido capaz de impedir os acontecimentos que ocorreram. Só depois do sonho em que eu fiquei abandonada na pista do aeroporto de Santa Mônica é que me ocorreu que havia um nível no qual eu não estava realmente me sentindo responsável pelo que aconteceu. Eu estava considerando John e Quintana como responsáveis, uma diferença significativa, mas nada que me levasse para onde eu precisava ir. Pelo menos uma vez na vida, deixa rolar.

Alguns meses depois que John morreu, no finzinho do inverno de 2004, depois da temporada no Beth Israel e no Presbyterian, mas antes da Universidade da Califórnia, Robert Silvers, do New York Review of Books, me perguntou se eu queria que ele indicasse o meu nome para cobrir as convenções dos partidos Democrata e Republicano no verão. Fui conferir as datas: final de julho em Boston para a convenção do Partido Democrata, e uma semana antes do Dia do Trabalho<sup>7</sup> em Nova York para a convenção do Partido Republicano, Eu disse que sim. Naquele momento, aquilo me pareceu ser um modo de me engajar numa atividade normal, sem ter que necessariamente enfrentar a coisa de imediato, pois ainda transcorreriam mais duas estações. A primavera ainda ia chegar, e depois passaria o verão todo e, só quando estivéssemos próximos do outono, é que ia acontecer.

A primavera tinha chegado e tinha ido embora, em grande parte no hospital da Universidade da Califórnia. No meio de julho, Quintana teve alta do instituto Rusk.

Dez dias depois, viajei para Boston para cobrir a convenção do Partido Democrata. Eu não havia previsto que a minha nova fragilidade viajaria para Boston, uma cidade desprovida, assim pensava eu, de associações de idéias potencialmente perigosas. Eu havia estado em Boston com Quintana apenas uma vez, numa turnê de lançamento de um livro. Tínhamos nos hospedado no Ritz. O lugar que Quintana mais gostou foi Dallas. Para ela, Boston era "toda branca".

- Você quer dizer que não viu muitos negros em Boston
- foi o que a mãe da Susan Traylor disse, quando Quintana estava de volta em Malibu contando sobre a viagem.
- Não — disse ela. — Eu quis dizer que não era colorida.

<sup>7</sup> Nos EUA, a primeira segunda-feira de setembro. (N. T.)

As últimas vezes em que precisei ir a Boston, fui sempre sozinha e organizei as coisas de modo que eu pudesse pegar a última ponte aérea para voltar. A única vez em que me lembro de ter estado lá com John foi para uma pré-estréia de True Confessions, e tudo o que me lembro é de ter almoçado no Ritz e andado com John até a loja da Brooks Brothers para comprar uma camisa e, depois que o filme foi exibido e a reação a ele avaliada, ouvido uma opinião pouco entusiasmante sobre a sua carreira comercial.

— True Confessions poderia fazer uma boa carreira comercial — disse o pesquisador de mercado — na faixa do público adulto com mais de dezesseis anos de instrução escolar.

Eu não ia ficar no Ritz.

Não haveria necessidade de ir à Brooks Brothers.

Haveria pesquisadores de mercado. Porém, as más notícias que eles porventura me trouxessem não seriam de minha responsabilidade.

Não me dei conta de que ainda havia espaço para o erro até que me vi caminhando em direção ao Fleet Center para a abertura da convenção, me debulhando era lágrimas. O primeiro dia da convenção do Partido Democrata era 26 de julho de 2004, a data do casamento de Quintana. Enquanto eu esperava na fila para passar pela segurança, pegando os releases no centro de imprensa, depois localizando o meu lugar e ficando de pé para ouvir o Hino Nacional, enquanto comprava um hambúrguer no McDonald's do Fleet Center e me sentava no primeiro degrau da escada para comer — todos os detalhes me vieram na cabeça. "Num outro mundo", era a expressão que não saía da minha cabeça. Quintana sentada ao sol, na sala de estar, com o cabelo sendo trançado. John havia me perguntado qual das duas gravatas eu preferia. E eu abrindo as caixas de flores no gramado do lado de fora da catedral e sacudindo as guirlandas para retirar o excesso de água. John fazendo um brinde antes de Quintana cortar o bolo. O prazer que

aquele dia, aquela festa e a felicidade transparente de Quintana deram a ele.

— Mais do que mais um dia — disse ele baixinho em seu ouvido, antes de conduzi-la ao altar.

— Mais do que mais um dia—falou para ela nos cinco dias e cinco noites em que ele a viu no CTI do Beth Israel North. 8

— Mais do que mais um dia — eu falei para ela, na ausência dele, nos dias e noites seguintes.

— Como você costumava dizer para mim — disse ela, de vestido preto, na igreja de Saint John the Divine, no dia em que as cinzas dele foram depositadas na capela. Recordo-me de ter sido tomada pela convicção avassaladora de que eu tinha que sair do Fleet Center naquele instante. Raramente passei por situações de pânico, mas o que se instalou a seguir era, reconhecivelmente, pânico. Lembro-me de tentar me acalmar vendo a coisa como se fosse um filme de Hitchcock, cada cena concebida para aterrorizar, mas, no fim das contas, tudo era um artifício, um jogo. No setor para o qual fui designada, eu estava sentada próxima à rede que continha as bolas que seriam depois lançadas. Havia silhuetas cheias de sombras se movendo nas passarelas, no alto. Havia um vapor, uma fumaça saindo de um respiradouro acima dos exaustores. Depois de abandonar o meu posto, havia também os corredores que não levavam a lugar nenhum, misteriosamente vazios, com as paredes inclinadas e distorcidas à minha frente (o filme de Hitchcock que eu estava vendo devia ser Quando fala o coração). As escadas rolantes estavam paradas. Os elevadores não respondiam ao apertar dos botões. Depois que consegui chegar ao andar térreo, vi os trens vazios e parados em seus lugares, do outro lado da parede de vidro (também inclinada e distorcida, à medida que eu me aproximava), e cuja porta estava trancada, impedindo a passagem para as plataformas da North Station.

Saí do Fleet Center.

Assisti ao final do evento pela televisão do meu quarto, no Parker House. Havia uma sensação de déjà vu nesse quarto quando entrei nele

pela primeira vez. Tirei isso da cabeça. Somente agora, assistindo à C-SPAN e escutando o ruído do ciclo programado do ar-condicionado ligando e desligando, foi que me lembrei: eu já havia dormido algumas noites num quarto desses do Parker House durante os meus anos de estudo em Berkeley. Eu tinha ido a Nova York numa promoção da faculdade patrocinada pela revista Mademoiselle (a promoção "Editor convidado", descrita por Sylvia Plath em A redoma de vidro), e estava voltando para a Califórnia via Boston e Québec, num roteiro "educacional" organizado sonhadoramente (agora vejo isso) por minha mãe. O ar-condicionado cumpria seu ciclo de ligar e desligar, seguindo a mesma programação desde 1955. Lembro-me de dormir até a tarde, sentindo-me um lixo. Depois eu pegava o metrô até Cambridge, onde devia ficar vagando sem rumo, e tomava o metrô de volta.

Esses fragmentos de 1955 me vinham de um modo esgarçado, "salpicado", ou mesmo "borrado" (O que eu fui fazer em Cambridge? O que eu poderia ter ido fazer em Cambridge?). Eu estava tendo dificuldade de manter minha atenção neles, mas continuei tentando, porque enquanto pensava no verão de 1955, não pensava nem em John, nem em Quintana.

No verão de 1955, peguei um trem de Nova York para Boston.

No mesmo verão, peguei um outro trem de Boston para Québec. Fiquei hospedada no Castelo de Frontenac, num quarto sem banheiro.

Será que as mães sempre tentam fazer com que as filhas percorram os itinerários que elas mesmas sonharam?

Será que eu fiz isso?

Alguma coisa ali não estava funcionando.

Tentei voltar ainda mais para trás, antes de 1955, para Sacramento e os bailes do colégio, na época do Natal. Essa recordação me parecia segura. Lembrei-me da maneira como se dançava coladinho. Lembrei-me dos lugares na beira do rio para onde a gente ia depois do baile. Lembrei-me do nevoeiro no píer, ao voltar para casa.

Caí no sono tentando manter a atenção no nevoeiro no píer.

Acordei às quatro da manhã. A questão relacionada ao nevoeiro no píer era o fato de que não dava para se ver a linha branca e alguém tinha que ir andando na frente para guiar o motorista. Infelizmente, havia um outro lugar na minha vida onde o nevoeiro estava tão denso que eu tive que andar na frente do carro.

Foi na casa da península Palos Verdes.

A casa para onde trouxemos Quintana quando ela tinha três dias de nascida.

Quando se saía da Harbor Freeway por San Pedro seguindo pela estrada elevada sobre o mar, dava-se de cara com a cerração.

Eu saí do carro para andar pela linha branca.

Quem estava dirigindo era John.

Não me arrisquei a deixar o pânico se instalar. Peguei um táxi para o aeroporto de Logan. Enquanto tomava um café no Starbucks do terminal do ônibus da Delta, evitei olhar para a guirlanda decorativa de fitas de papel metalizado vermelho, branco e azul, supostamente concebida como um toque festivo relacionado à "convenção", mas que tinha um brilho desconsolado, tipo Natal nos trópicos. Mele Kalikimaka. Feliz Natal, em havaiano. Não consegui jogar fora o despertador preto. Não consegui jogar fora as canetas Buffalo secas. No voo para o aeroporto de La Guardia, lembro-me de ter pensado que as coisas mais bonitas que eu já tinha visto foram todas vistas de um avião. O jeito como o oeste americano se abre e se expande no espaço. Na rota polar pelo Ártico, os contornos de ilhas que vemos no mar vão imperceptivelmente se transformando em contornos de lagos, ao sobrevoarmos a terra firme. O mar, de manhã, entre a Grécia e Chipre. Os Alpes, na rota para Milão. Vi todas essas coisas com John.

Como eu podia voltar a Paris sem ele? Como eu podia voltar a Milão, a Honolulu ou a Bogotá?

Eu não conseguia sequer voltar a Boston.

Aproximadamente uma semana antes da convenção do Partido Democrata, Dennis Overbye, do New York Times, escreveu um artigo

sobre Stephen W. Hawking. Numa palestra em Dublin, segundo o Times, o doutor Hawking reconheceu que estava errado, trinta anos atrás, quando declarou que a informação engolida por um buraco negro nunca mais poderia ser recuperada. Esta mudança de visão foi "de grande conseqüência para a ciência", segundo o Times, porque se o doutor Hawking estivesse certo, isso teria infringido um dos princípios básicos da física moderna: o de que é sempre possível reverter o tempo, e passar aquele "famoso" filme de trás para a frente e reconstruir, digamos, um acidente entre dois carros, ou o colapso de uma estrela morta dentro de um buraco negro.

Recortei esse artigo e trouxe comigo para Boston.

Havia alguma coisa nessa história que me instigava, mas eu não sabia o que era até um mês mais tarde, durante a primeira sessão vespertina da convenção do Partido Republicano no Madison Square Garden. Eu estava na escada rolante da Torre C. A última vez que estive nessa escada rolante tinha sido com John, em novembro, na noite anterior a nossa ida para Paris. Tínhamos ido com David e Jean Halberstram assistir ao jogo dos Lakers com os Knicks, pois nossos amigos tinham conseguido as entradas por intermédio de um diretor da NBA, David Stern. Os Lakers venceram. A chuva escorria pelas paredes de vidro ao lado da escada rolante.

— Isso significa boa sorte, um bom sinal, uma ótima maneira de começar essa viagem — lembro-me de John ter dito.

Ele não estava se referindo aos bons lugares que a gente conseguiu, nem à vitória dos Lakers e nem à chuva, ele quis dizer que a gente estava fazendo algo que não fazíamos normalmente, uma questão que tinha se tornado importante para ele. A gente não estava se divertindo, ele havia recentemente comentado. Eu mencionava as exceções (Mas a gente não fez isso, a gente não fez aquilo?), mas eu também sabia o que ele estava querendo dizer. Ele queria dizer não apenas fazer as coisas só porque se esperava que a gente as fizesse ou porque sempre as tinha feito ou porque deveríamos fazê-las, mas

porque a gente tinha vontade de fazê-las. Ele queria dizer desejar. Ele queria dizer viver.

Essa viagem para Paris foi a causa de uma de nossas brigas.

Essa viagem para Paris foi a tal que ele falou que tinha que fazer porque senão ele nunca mais ia conseguir voltar a Paris.

Eu ainda estava na escada rolante da Torre C.

Um outro vórtice apresentou-se para mim.

A última vez que fiz a cobertura de uma convenção no Madison Square Garden tinha sido a convenção dos democratas em 1992.

John me esperava até eu chegar, mais ou menos às onze da noite, para jantarmos juntos. Naquelas noites quentes de julho, a gente ia a pé até o Coco Pazzo e dividíamos um prato de massa com salada, numa das mesinhas do bar que não haviam sido reservadas. Não me lembro de a gente ter conversado sequer uma vez sobre a convenção nesses jantares tardios. No domingo à tarde, antes do início da sessão, eu o convenci a ir comigo a um evento organizado por Louis Farrakhan que nunca se materializou. A natureza improvisada do programa e a caminhada de volta ao centro desde a rua 125 fizeram a tolerância dele para com a convenção do Partido Democrata ficar bastante exaurida.

Ainda assim...

Ele me esperava todas as noites para jantar.

Pensei nisso tudo na escada rolante da Torre C e, de repente, me ocorreu que eu tinha passado um minuto ou dois nesta escada rolante pensando naquela noite de novembro de 2003 antes de viajarmos para Paris, naquelas noites de julho de 1992 quando a gente ia jantar tarde no Coco Pazzo, e também naquela tarde em que ficamos nas imediações da rua 125 esperando pelo evento de Louis Farrakhan que nunca aconteceu. Eu estava de pé nesta escada rolante pensando naqueles dias e noites, sem uma vez sequer imaginar que eu poderia mudar o desfecho. Foi então que eu percebi que, a partir do último dia de 2003 (a manhã seguinte à morte dele), entrei num processo de querer reverter o tempo, de querer projetar o filme de trás para frente.



Agora, havia se passado oito meses. Estávamos em 30 de agosto de 2004 e eu ainda estava fazendo a mesma coisa.

A diferença era que, durante esses oito meses, eu vinha tentando substituir um rolo de filme por outro. Agora estava apenas tentando reconstruir a colisão, o colapso da estrela morta.

## 16

Eu disse que sabia o que John estava querendo dizer quando falou que a gente não estava se divertindo.

O que ele queria dizer tinha a ver com Joe e Gertrude Black, um casal que conhecemos em dezembro de 1980, na Indonésia. Estávamos numa viagem organizada pela USIA, a United States Information Agency, na qual dávamos palestras e tínhamos encontros com escritores e acadêmicos da Indonésia. Os Black apareceram numa sala de aula, num dia de manhã, na Universidade Gadjah Mada, em Yogyakarta. Era um casal americano que parecia se sentir em casa num lugar tropical remoto e, em muitos aspectos, estranho, que era a região central de Java. O rosto deles tinha uma expressão aberta e surpreendentemente luminosa.

— As teorias críticas de LA. Richards, o que acha? — lembro-me de um estudante me perguntando naquele dia.<sup>8</sup>

Joe Black estava naquela época na faixa dos cinquenta anos e Gertrude devia ser um ou dois anos mais moça, mas também da mesma faixa etária. Ele tinha se aposentado pela Fundação Rockefeller e veio para Yogyakarta para ensinar ciências políticas em Gadjah Mada. Passou a infância e a adolescência no estado de Utah. Quando rapaz, foi um dos figurantes no filme Forte Apache, de John Ford. Ele e Gertrude tinham quatro filhos, um dos quais tinha sido, segundo ele, radicalmente atingido pelo "desbunde" dos anos sessenta.

<sup>8</sup> A "esquisitice" da frase do estudante é proposital, ele fala errado. (N. T.)

Conversamos com eles apenas duas vezes, uma vez na Universidade Gadjah Mada e, no dia seguinte, no aeroporto, aonde eles nos acompanharam para se despedir. As duas conversas foram surpreendentemente muito abertas, como se estivéssemos juntos naufragados e perdidos numa ilha. Através dos anos, John mencionou freqüentemente Joe e Gertrude Black, sempre como um casal exemplar. Achava que eles representavam o melhor tipo de americano que podia existir. Eles representavam alguma coisa de muito pessoal para ele, modelos de uma vida que ele queria que um dia nós vivéssemos. Pelo fato de termos falado neles ainda poucos dias antes de John morrer, eu fui ao seu computador procurar referências sobre o casal. Encontrei-as num arquivo chamado "AAA Pensamentos Esparsos", um dos arquivos onde ele guardava anotações para o livro que estava tentando estruturar. A anotação que vinha após os nomes era misteriosa: "Joe e Gertrude Black: o conceito de serviço."

Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo também.

Ele queria ser Joe e Gertrude Black. Eu também. Nós não tínhamos conseguido. "Jogar fora" era a indicação das palavras cruzadas daquele dia. A palavra tinha onze letras: "desperdício." Foi isso o que a gente tinha feito? Foi isso o que ele pensou que a gente tinha feito?

Por que eu não lhe dei ouvidos quando ele disse que a gente não estava se divertindo?

Por que eu não mudei, para mudar a nossa vida?

Segundo a data registrada pelo computador, o arquivo intitulado "AAA Pensamentos Esparsos" foi alterado pela última vez às 13h08 do dia 30 de dezembro de 2003, o dia da morte dele, seis minutos depois de eu ter salvado o arquivo que termina com "como uma 'gripe' pode se transformar numa infecção total do organismo?". Ele devia estar em seu escritório e eu no meu. Não sei para onde isso vai me levar. Nós devíamos ter ficado juntos. Não necessariamente numa sala de aula na região central de Java (não tenho uma visão suficientemente realista de nenhum de nós dois para ver aquele cenário intacto, e nem era uma

sala de aula na região central de Java o que ele queria), porém, de todo modo, juntos. O arquivo intitulado "AAA Pensamentos Esparsos" tinha oitenta páginas. O que ele adicionou ou alterou e salvou às 13h08 daquela tarde, eu não tenho como saber.

## 17

A dor ocasionada pela perda de um ente querido é um estado que nenhum de nós conhece antes de termos passado por isso. Temos a expectativa (e sabemos) que alguém próximo de nós pode morrer, mas não conseguimos enxergar além dos poucos dias ou semanas imediatamente subsequentes a uma tal morte imaginada. Equivocamos até quanto à natureza desses poucos dias ou semanas. Imaginamos que, se a morte for súbita, sentiremos um choque. Não esperamos que esse choque seja aniquilador, causando uma desestabilização, tanto para o corpo quanto para a mente. Imaginamos que vamos ficar prostrados, inconsoláveis, loucos com a perda. Não imaginamos que vamos ficar literalmente malucos, tipo "clientes equilibradas que acreditam que o marido delas vai voltar e vai precisar dos sapatos dele". Na versão da dor que imaginamos, o modelo será sempre "curativo". Um certo impulso para seguir adiante vai prevalecer. Os piores dias vão ser os primeiros. Imaginamos que o momento que vai nos testar com mais dureza será o enterro, após o qual essa cura hipotética vai começar a ocorrer. Quando pensamos no enterro, ficamos imaginando se conseguiremos enfrentar a situação, mostrando a "força" que, invariavelmente, é mencionada como sendo a reação correta com relação à morte. Imaginamos que teremos que nos fortalecer para enfrentar aquele momento. Será que vou conseguir cumprimentar as pessoas, será que vou poder ir embora na hora que quiser, será que vou conseguir me vestir naquele dia? Não temos como saber se esta vai ser ou não a questão. Não temos como saber que o evento em si vai ser uma coisa anódina, um tipo de regressão narcótica na qual estaremos envolvidos pelo cuidado dos outros, tomados pela gravidade e pelo

significado da ocasião. Também não podemos saber que, depois do fato (e aqui está o cerne da diferença entre a dor da perda, como a gente imagina que seja, e como ela realmente é), sentiremos uma ausência infindável, um vazio, o verdadeiro oposto do significado da vida, uma incessante sucessão de momentos nos quais nos confrontamos com a falta de sentido das coisas.

Quando criança, eu pensava muito sobre a falta de sentido, o que me parecia ser, naquela época, o aspecto negativo que mais me aparecia no horizonte. Após alguns anos sem conseguir encontrar sentido nas coisas mais comuns, descobri que poderia encontrar isso na geologia, e foi o que fiz. Isso, por sua vez, me possibilitou encontrar um sentido na liturgia episcopal, mais especificamente nas palavras "assim como era no princípio, como é agora e como sempre será, um mundo sem fim", que eu interpretava como uma descrição literal da constante transformação da Terra, a erosão incessante dos litorais e das montanhas, o inexorável deslocamento das estruturas geológicas que podem vomitar montanhas e ilhas, e que podem também do mesmo modo fazê-las desaparecer. Mesmo quando eu estava no meio deles, achava que os terremotos eram profundamente convincentes, pois abruptamente revelavam uma comprovação da força da natureza que estava em curso. Quando a natureza destrói as obras do homem, isso pode causar sofrimentos pessoais, mas, no quadro geral, ela trata tudo com enorme indiferença cósmica. Não tinha ninguém cuidando dos passarinhos. Não tinha ninguém cuidando de mim. "Assim como era no princípio, como é agora e como sempre será, um mundo sem fim." No dia em que anunciaram que a bomba atômica tinha sido lançada em Hiroshima, aquelas foram as palavras que imediatamente vieram na minha cabeça, aos dez anos de idade. Quando, alguns anos mais tarde, ouvi falar dos cogumelos atômicos na área de testes nucleares em Nevada, foram de novo essas palavras que me vieram à mente. Comecei a acordar antes do nascer do sol, imaginando que as bolas de fogo das explosões iluminariam o céu em Sacramento.

Depois, quando me casei e tive uma filha, aprendi a encontrar o mesmo sentido nos rituais da vida doméstica: pôr a mesa, acender as velas, acender a lareira, cozinhar. Todos aqueles suflês, todos aqueles creme caramel, todas aquelas sopas, ensopados e almôndegas. Lençóis limpos, pilhas de toalhas limpas, lâmpadas de emergência para as tempestades, bastante água e comida para podermos sobreviver a qualquer evento geológico que pudesse ocorrer. "Fiz dos fragmentos escoras para minhas ruínas", foram as palavras que me vieram à mente naquela ocasião. Esses fragmentos me interessavam. Eu acreditava neles. Encontrar um significado na natureza intensamente pessoal da minha vida como esposa e mãe não me parecia inconciliável com o fato de tentar encontrar significado na vasta indiferença da geologia e nos testes atômicos. Os dois sistemas existiam para mim em pistas paralelas que ocasionalmente convergiam, notadamente durante os terremotos. Na minha cabeça, sem fazer nenhum exame de consciência, havia sempre um ponto, que era a minha morte e a do John, para o qual as pistas convergiam pela derradeira vez. Encontrei recentemente na Internet fotos aéreas da casa na península Paios Verdes, na qual a gente morou quando recém-casados, a casa para a qual trouxemos Quintana, vinda do Saint John's Hospital em Santa Mônica, e onde pusemos o bercinho ao lado das glicínias, no jardim. As fotos, parte do Projeto de Registro do Litoral da Califórnia, cujo objetivo é documentar todo o litoral californiano, eram meio difíceis de decifrar visualmente, mas a casa, do jeito que era quando a gente morou nela, havia aparentemente desaparecido. A torre, onde havia o portão, parecia estar intacta, mas não foi possível reconhecer o resto da estrutura. Parece que existe agora uma piscina onde antes estavam as glicínias e o canteiro de flores. Aquela área era identificada como "o deslizamento de terra de Portuguese Bend". Dava para ver a corcova do morro onde o deslizamento havia ocorrido. Dava para ver também, na base do penhasco, no pontal, a gruta dentro da qual a gente costumava nadar quando a maré estava no ponto certo.

As ondas na água clara.

Esse era um caminho para o qual meus dois sistemas poderiam ter convergido.

A gente podia estar nadando nas ondas de água clara para dentro da gruta e o pontal todo poderia ruir e cair dentro do mar em volta de nós. O pontal inteiro mergulhando no mar em volta da gente era o tipo de conclusão que eu esperava. Eu não estava esperando por uma parada cardíaca na mesa de jantar. Você se senta para jantar, e aquela vida que você conhecia acaba de repente.

A questão da autopiedade.

No período de luto, as pessoas pensam muito em autopiedade. Ficamos preocupados, temos medo dela, vasculhamos os pensamentos à cata de seus sinais. Tememos que nossos atos revelem aquele estado muito bem descrito como "chafurdando no sofrimento". Entendemos a aversão que a maioria de nós tem de "chafurdar no sofrimento". O luto, quando é visível, nos faz lembrar a morte, que é considerada algo antinatural, uma falha na administração da situação. "Basta uma pessoa estar faltando no mundo para que o mundo inteiro fique vazio para você", escreveu Philippe Aries, referindo-se a esta aversão em *Western Attitudes Toward Death*. "Não se tem mais o direito de dizer isso em voz alta." Ficamos nos lembrando repetidamente que a nossa própria perda não é nada, se comparada com a perda vivenciada (ou a perda não-vivenciada, o que é ainda pior) por aquele ou aquela que morreu. Esta tentativa de um pensamento corretor só serve para nos mergulhar ainda mais profundamente nas profundezas da auto-referência. (Por que eu não consegui enxergar aquilo? Por que eu sou tão egoísta?) A própria linguagem que a gente usa quando pensa na autopiedade trai o profundo horror que temos dela: autopiedade é ter pena de si mesmo, autopiedade é como ficar chupando o dedo, autopiedade é buááá, coitadinha de mim, autopiedade é a condição na qual aqueles que sentem pena de si mesmos se continua sendo o defeito de personalidade mais comum e o mais universalmente abominado de todos, e a sua destrutividade é plenamente reconhecida. "É o nosso pior inimigo", Helen Keller dizia. "Nunca vi nenhum ser selvagem / sentir

pena de si mesmo", escreveu D.H. Lawrence, numa citação de quatro linhas muito explorada que, após ser examinada, revela um significado tendencioso. "Um passarinho cai morto, gelado, de um galho / sem nunca ter sentido pena de si mesmo."

Isso pode ser o que D.H. Lawrence gostaria (ou o que nós gostaríamos) de acreditar, com relação aos seres selvagens, mas temos que levar em consideração os golfinhos que se recusam a comer após a morte do companheiro. Temos que levar em consideração os gansos, que procuram pelo companheiro perdido até ficarem desorientados e morrerem. Na verdade, os que estão afligidos pela perda têm motivos prementes, às vezes até uma necessidade urgente, de sentir pena de si próprios. Os maridos vão embora, as esposas vão embora, os divórcios acontecem, mas esses maridos e mulheres deixam atrás deles uma teia de associações intactas e amargas. Só os que sobreviveram a uma morte e que são realmente deixados sozinhos. As ligações que compunham a vida deles — tanto as ligações mais profundas quanto as aparentemente (até se romperem) insignificantes — todas desaparecem. John e eu fomos casados durante quarenta anos e, com exceção dos primeiros cinco meses do nosso casamento, quando John ainda estava trabalhando na revista *Time*, nós dois trabalhávamos em casa. Ficávamos juntos vinte e quatro horas por dia, fato que era sempre uma fonte de alegria e de preocupação para minha mãe e minhas tias.

— Na riqueza ou na pobreza, mas nunca para almoçar — elas diziam muitas vezes, nos primeiros anos do nosso casamento.

Eu não saberia enumerar quantas vezes, num dia comum, me vinha alguma coisa que tinha que contar para ele. Este impulso não terminou com a sua morte. O que terminou foi a possibilidade de resposta. Leio alguma coisa no jornal que eu normalmente teria lido para ele. Noto alguma mudança no bairro que pudesse interessar a ele: Ralph Lauren abriu mais uma loja entre a rua 71 e a 72; ou, o imóvel vazio onde antes era a livraria da Madison Avenue finalmente foi alugado. Recordo-me de voltar do Central Park para casa num dia de manhã, em meados de agosto, com notícias urgentes para relatar: o verde

profundo do verão desbotou da noite para o dia nas árvores, a estação já está mudando. "Precisamos fazer planos para o outono", lembro-me de ter pensado. "Precisamos decidir onde a gente vai passar o dia de Ação de Graças, o Natal e o fim do ano."

Antes de me lembrar de tudo, já estou botando as chaves na mesa ao lado da porta. Não há ninguém para ouvir esta notícia, não havia lugar nenhum para ir depois do planejamento que não foi feito, do pensamento não-completado. Não há ninguém para concordar, nem discordar, nem responder. "Acho que estou começando a compreender por que a dor de uma perda parece com um estado de suspensão", escreveu CS. Lewis, após a morte de sua mulher. "Isso vem da frustração de muitos impulsos que já haviam se tornado habituais. Todos os pensamentos, atos e sensações tinham H. como objeto. Agora, o alvo desapareceu. Continuo, pela força do hábito, colocando a flecha no arco, mas depois me lembro e deposito o arco no chão. Muitos caminhos levam a H. Tomei um deles. Mas, agora, há uma barreira intransponível no caminho. Antes havia muitas estradas. Agora há muitos becos sem saída."

Em outras palavras, ficamos sempre sem nenhum outro foco de atenção, a não ser nós mesmos, uma das fontes da qual naturalmente flui a autopiedade. A cada vez que isso acontece (e ainda acontece) fico estupefata com a impassibilidade permanente da grande linha divisória. Algumas pessoas que perderam o marido ou a esposa relatam que sentem a presença da pessoa, e que recebem conselhos daquela pessoa. Algumas relatam verdadeiras visões, o que Freud descreveu em "Luto e melancolia" como "um apego ao objeto através de uma psicose desejante alucinatória". Outras pessoas não relatam nenhuma aparição visível, mas uma "presença intensamente percebida". Eu nunca vivenciei nenhuma das duas coisas. Houve algumas poucas ocasiões (no dia em que eles quiseram fazer a traqueostomia em Quintana, por exemplo) quando eu perguntei diretamente a John o que eu devia fazer. Eu disse que precisava da ajuda dele. Disse que não podia fazer aquilo sozinha. Disse essas coisas em voz alta. Eu efetivamente vocalizei as palavras.



Sou uma escritora. Imaginar o que uma pessoa diria ou faria é algo que me vem tão naturalmente quanto o ato de respirar.

Entretanto, em todas as ocasiões, esses pedidos pela presença dele serviam apenas para reforçar a consciência do silêncio final que nos separou. Qualquer resposta que ele pudesse me dar, estava apenas na minha imaginação, na minha edição. Imaginar o que ele diria na minha versão seria até obsceno, um desrespeito. Eu não podia saber o que ele diria sobre a Universidade da Califórnia e a traqueostomia, assim como eu não sabia qual era a intenção dele ao usar aquela preposição na frase sobre J. J. McClure, Teresa Kean e o tornado. A gente imaginava que sabia tudo o que o outro pensava, mesmo quando não precisávamos necessariamente saber o que era, mas, na realidade, acabei percebendo que nós não sabíamos nem uma mínima fração do que havia para saber.

— Quando alguma coisa me acontecer — dizia ele com frequência.

— Não vai acontecer nada com você.

— Mas, e se acontecer?

— Se acontecer — ele continuava. Se acontecesse, por exemplo, eu não deveria me mudar para um apartamento menor. Se acontecesse, eu estaria cercada de pessoas. Se acontecesse, eu precisaria me organizar para servir alguma coisa para essas pessoas. Se acontecesse, eu me casaria de novo no espaço de um ano.

— Você não está entendendo — eu dizia.

E, na verdade, ele não estava entendendo. Nem eu. Éramos igualmente incapazes de imaginar a realidade da vida sem o outro. Essa história aqui não é uma daquelas em que a morte do marido ou da mulher acaba se tornando um crédito, na seqüência das coisas, para uma nova vida, um catalisador para a descoberta de que (um argumento tipicamente apresentado em relatos semelhantes pelo filho precoce do enlutado) "pode-se amar mais de uma pessoa". É claro que sim, mas casamento é diferente. Casamento é memória, casamento é tempo. "Ela não conhecia as letras das músicas", lembro-me de alguém

me contar que um amigo de um amigo tinha dito isso após uma tentativa de repetir a experiência. Casamento não é apenas tempo. Paradoxalmente, ele é também a negação do tempo. Durante quarenta anos, me vi através dos olhos de John. Eu não envelheci. Neste ano, pela primeira vez desde os meus vinte e nove anos, eu me vi através dos olhos dos outros. Neste ano, pela primeira vez, desde os meus vinte e nove anos, percebi que a imagem que tenho de mim mesma era a de alguém significativamente mais jovem. Este ano, eu percebi pela primeira vez que uma das razões por que eu ficava muitas vezes aturdida pelas recordações de Quintana aos três anos de idade era a seguinte: quando Quintana tinha três anos, eu tinha trinta e quatro. Lembrei-me de Gerald Manley Hopkins: "*Margaret, estás lamentando / A não-partida de Goldengrove? e Foi para a decadência que o homem nasceu, / É por Margaret que você está de luto.*"

Foi para a decadência que o homem nasceu.

Nós não somos criaturas selvagens idealizadas.

Somos seres mortais e imperfeitos conscientes da mortalidade, apesar de ficarmos empurrando-a adiante, o que acaba não funcionando devido às nossas próprias complicações. Quando choramos nossas perdas, ficamos tão transtornados, que a gente chora, para o bem ou para o mal, também por nós mesmos. Pelo que nós éramos. Pelo que não somos mais. Pelo que um dia não seremos de modo algum.

Os sonhos de Elena eram sobre a morte.

Os sonhos de Elena eram sobre envelhecer.

Não há ninguém aqui que não tenha tido (ou que não venha a ter) os sonhos de Elena.

"O tempo é a escola em que aprendemos / O tempo é o fogo no qual ardemos." Delmore Schwartz, mais uma vez.

Lembro-me de não ter gostado do livro que a viúva de Dylan Thomas, Caitlin, escreveu após a morte do marido, *Leftover Life to Kill*. Lembro-me de não ter gostado, e até censurado a "autopiedade", as "lamúrias", o fato de ela "ficar chafurdando no sofrimento". *Leftover Life*

to Kill foi publicado em 1957. Eu tinha vinte e dois anos. O tempo é a escola em que aprendemos.

## 18

Na época em que comecei a escrever estas páginas, em outubro de 2004, ainda não entendia como, quando ou por que John tinha morrido. Eu estava lá. Fiquei olhando enquanto a equipe de emergência estava tentando trazê-lo de volta. Eu ainda não sabia como, quando ou por quê. No início de dezembro de 2004, quase um ano depois da morte dele, finalmente recebi o laudo da autópsia e o relatório médico do setor de emergência que havia solicitado ao New York Hospital no dia 14 de janeiro, duas semanas depois do ocorrido, e um dia antes de contar a Quintana o que havia acontecido. A razão de ter levado onze meses para eu receber esta documentação, percebi quando olhei para os relatórios, foi que eu mesma havia escrito o endereço errado na ficha do hospital. Naquela época, eu já estava morando neste mesmo endereço, na mesma rua do Upper East Side de Manhattan, há dezesseis anos. No entanto, o endereço que eu havia fornecido ao hospital era numa rua completamente diferente, onde John e eu tínhamos morado durante cinco meses, logo após nosso casamento em 1964.

Um médico a quem contei isso deu de ombros como se eu tivesse contado uma história que lhe era familiar.

Ou ele me disse que esse "déficit cognitivo" poderia estar associado ao stress, ou disse que poderia estar associado à dor da perda.

Esta foi mais uma demonstração desses déficits cognitivos, pois, segundos após ele ter me dito aquilo, eu não tinha a menor idéia do que ele tinha dito.

Segundo o relatório da equipe de enfermagem do setor de emergência, o chamado telefônico foi recebido às 21h15 da noite de 30 de dezembro de 2003.

Segundo o livro de ocorrências dos porteiros, a ambulância chegou às 21h20. Durante os quarenta e cinco minutos seguintes, segundo o relatório, foram administrados os seguintes medicamentos por via muscular ou intravenosa: atropina (três vezes), epinefrina (três vezes), vasopressina (quarenta unidades), amiodarona (trezentos miligramas), alta dose de adrenalina (três miligramas) e alta dose de epinefrina novamente (cinco miligramas). Segundo o mesmo relatório, o paciente foi intubado no local. Não me recordo da intubação. Isto pode ter sido um erro da parte de quem redigiu o relatório ou pode ser um outro déficit cognitivo meu.

Segundo o livro de ocorrências dos porteiros do prédio, a ambulância saiu para o hospital às 22h05.

Segundo o relatório, o paciente foi admitido para triagem às 22h10. A descrição é de que o paciente apresentava assistolia e apnéia. Sem pulso palpável. Ausência de pulso à ausculta. Não atendendo a solicitações. Cor da pele pálida. O nível na Escala de Coma de Glasgow era 3, a nota mínima possível, o que indicava que as reações oculares, verbais e motoras estavam todas ausentes. Foram observadas lacerações no lado direito da testa e no nariz. As duas pupilas estavam fixas e dilatadas. "Lividez" foi observada.

Segundo o relatório da equipe médica do setor de emergência, o paciente foi examinado às 22h15. As anotações do médico terminavam com: "Parada cardíaca. Morto ao dar entrada no hospital — Provavelmente infarto do miocárdio. Óbito: 22h18."

Segundo o departamento de Enfermagem, a hidratação venosa foi suprimida e o paciente foi extubado às 22h20. Às 22h30, a anotação era "Esposa à beira do leito — George, assistente social, à beira do leito com esposa".

Segundo o laudo da autópsia, o exame observou estenose de mais de 95% da artéria principal esquerda e das artérias descendentes anteriores. O exame também mostrou "ligeira palidez miocárdica no exame TCC, indicando infarto agudo na área irrigada pela artéria descendente anterior esquerda".

Li essa papelada burocrática várias vezes. O tempo decorrido indicou que o tempo passado no New York Hospital, tinha sido, como eu pensava, gasto em burocracia, procedimentos hospitalares, na regularização da morte. Entretanto, a cada vez que leio os relatórios e laudos oficiais, noto algum novo detalhe. Na primeira leitura do relatório da equipe médica do setor de emergência, eu não havia, por exemplo, registrado a indicação "Morto na chegada". Na primeira leitura do relatório da equipe médica, eu ainda estava presumivelmente assimilando o relatório da equipe de enfermagem.

"Pupilas dilatadas não-reagentes à luz."

Sherwin Nuland: "Os jovens médicos, perseverantes e incansáveis, vêm as pupilas de seus pacientes tornarem-se não-reagentes à luz e depois se expandirem até se transformarem em grandes círculos fixos de escuridão impenetrável. Relutantemente, a equipe interrompe o trabalho... A sala está coalhada de vestígios da batalha perdida..."

Círculos fixos de escuridão impenetrável.

É. Foi isso o que a equipe da ambulância viu nos olhos do John no chão da nossa sala de estar.

"Lividez." Lividez post-mortem.

Eu sabia o que significava "lividez", porque é uma questão importante nos necrotérios. Os detetives salientam isso. É um meio de determinar a hora do óbito. Depois que a circulação pára, o sangue segue a lei da gravidade, empoçando onde o corpo estiver repousado. Passa algum tempo até que esse sangue estagnado se torne visível aos olhos. O que eu não conseguia me lembrar, era quanto tempo isso levava. Fui pesquisar "lividez" no manual de medicina legal que John tinha na prateleira em cima da escrivaninha. "Embora a lividez possa ser variável, normalmente ela começa a se formar imediatamente após a morte, e é em geral claramente perceptível no espaço de uma ou duas horas." Se a lividez era claramente perceptível pelas enfermeiras às 22h10, então ela deve ter começado a se formar uma hora antes.

Uma hora antes, foi a hora em que eu estava telefonando para chamar a ambulância.

O que significa que ele já estava morto naquela hora.

Depois daquele instante na mesa do jantar ele nunca mais esteve "não-morto".

— Agora eu sei como vou morrer — disse ele em 1987, depois que a artéria descendente anterior foi desobstruída por uma angioplastia.

— Você não sabe como vai morrer mais do que eu ou qualquer outra pessoa — eu disse em 1987.

— Meu amigo, essa daí é aquela que a gente chama de "enterra-marido" — disse o cardiologista dele em Nova York, sobre a artéria descendente anterior esquerda.

Durante todo o verão e o outono, ficava cada vez mais fixada em localizar a anomalia que possibilitou que isso acontecesse.

Na minha mente racional, sei como a coisa aconteceu. Eu tinha conversado com vários médicos que me descreveram como isso acontece. A minha mente racional tinha lido David J. Callans no New England Journal of Medicine: "Apesar de a maioria dos casos de morte súbita por causas cardíacas envolver pacientes com doença coronariana preexistente, a parada cardíaca é a primeira manifestação deste problema subjacente em cinquenta por cento dos pacientes... A parada cardíaca súbita é primordialmente um problema que ocorre em pacientes fora do hospital. Na verdade, aproximadamente oitenta por cento dos óbitos devidos a parada cardíaca ocorrem em casa. O percentual de sucesso na ressuscitação de pacientes com paradas cardíacas fora do hospital tem sido baixo, em média de dois a cinco por cento, nos grandes centros urbanos... As práticas de ressuscitamento iniciadas após oito minutos são quase sempre fadadas ao fracasso. "Minha mente racional havia lido Sherwin Nuland em How We Die: "Quando ocorre uma parada cardíaca em outro ambiente que não seja o hospitalar, apenas de vinte trinta por cento sobrevivem, e esses são quase sempre os que respondem prontamente à Ressuscitação

Cardiopulmonar (RCP). Se não houver uma reação imediata na hora da chegada ao setor de emergência, a probabilidade de sobrevivência é virtualmente zero."

Minha mente racional sabia disso.

Entretanto, eu não estava operando com a minha mente racional.

Se eu estivesse funcionando a partir da minha mente racional, não estaria alimentando fantasias dignas de um velório irlandês. Eu não teria experimentado, quando soube que Julia Child tinha morrido, uma sensação de alívio tão distinta, uma sensação tão clara de que a coisa estava finalmente funcionando. John e Julia Child poderiam jantar juntos (esse tinha sido meu pensamento imediato), ela poderia cozinhar, ele poderia perguntar a ela sobre "Sistemas de Suporte a Operações" (SSO), eles iriam se divertir e curtir a companhia um do outro. Uma vez, eles tinham organizado um brunch promocional juntos, numa época em que os dois estavam divulgando seus livros. Ela havia escrito uma dedicatória num exemplar de *The Way to Cook* e oferecido a ele.

Achei a cópia de *The Way to Cook* na cozinha e li a dedicatória.

"Bon appétit para John Gregory Dunne", dizia.

Bon appétit para John Gregory Dunne e para Julia Child e para o SSO.

Se eu estivesse funcionando com a minha mente racional, também não teria dado tanta atenção às histórias sobre "saúde" na Internet e aos anúncios de produtos farmacêuticos na televisão. Fiquei transtornada, por exemplo, por causa de um comercial da Bayer, falando de uma aspirina de baixa dosagem que dizia "reduzir significativamente" o risco de um ataque cardíaco. Eu sabia muito bem como a aspirina reduz o risco de um ataque cardíaco: ela impede o sangue de coagular. Eu também sabia que John estava tomando Coumadin, um anticoagulante bem mais potente. No entanto, fui tomada pela possível loucura de não ter prestado atenção na aspirina de baixa dosagem. Fiquei do mesmo modo aflita por causa de um estudo efetuado pela UC-San Diego e pela Tufts, que demonstra uma

elevação de 4, 65% em óbitos por problemas cardíacos durante as duas semanas do período de Natal e Ano-Novo. Afligi-me com um estudo da Vanderbilt demonstrando que a eritromicina quintuplica o risco de parada cardíaca, se tomada em conjunto com a medicação cardíaca comum. Fiquei ansiosa com um outro estudo sobre as estatinas e o aumento de trinta a quarenta por cento de risco de ataque cardíaco para pacientes que pararam de tomar o medicamento.

Lembrando disso, percebo como estamos expostos à mensagem persistente de que podemos impedir a morte.

E também do seu correlativo punitivo, a mensagem de que, se a morte nos pegar, só poderemos culpar a nós mesmos.

Somente após ter lido o laudo da autópsia, comecei a acreditar no que haviam me dito várias vezes: nada do que ele ou eu pudéssemos ter feito ou deixado de fazer causaria ou teria evitado a morte de John. Ele tinha recebido de herança um coração fraco que ia acabar matando-o. A data na qual o coração o mataria já havia sido, devido a muitas intervenções médicas, adiada. Quando aquele dia finalmente chegou, não havia nada que eu pudesse fazer em casa que desse a ele mais um dia que fosse — eu não tinha um desfibrilador portátil, nem um equipamento de RCP, nada sequer parecido com um kit completo para problemas cardíacos, nem as instalações técnicas necessárias para executar uma cardioversão, nem a medicação intravenosa necessária.

Esse era "aquele" dia de eu te amo mais que um dia.

Como você costumava dizer pra mim.

Só depois de ler o laudo da autópsia, parei de tentar reconstruir a colisão, o colapso da estrela morta. O colapso esteve ali o tempo todo, invisível, insuspeitado.

Estenose da artéria esquerda principal e das artérias descendentes anteriores esquerdas em mais de 95%.

Infarto agudo na área de irrigação da artéria descendente anterior esquerda, a DA.

Esse era o enredo. A DA foi consertada em 1987 e ficou legal até todo mundo esquecer dela, e aí ela parou de funcionar. "Meu amigo,



essa daí a gente chama de 'enterra-marido"', o cardiologista tinha dito em 1987.

"Digo-te que não viverei dois dias", disse Gawain.

— Quando alguma coisa me acontecer — John tinha dito.

## 19

Acho difícil pensar em mim mesma como uma viúva. Lembro-me de ter hesitado, na primeira vez em que tive que preencher aquela lacuna do "estado civil" num formulário. Também tive problemas em pensar em mim mesma como esposa. Já que eu dava grande valor aos rituais da vida doméstica, o conceito de "esposa" não deveria ter sido difícil para mim, mas foi. Durante bastante tempo, desde que nos casamos, tive problemas com a aliança. Ela era um pouco folgada demais e podia cair do meu dedo anular esquerdo e então, durante um ano ou dois, usei-a no anular direito. Depois de queimar o dedo direito numa panela no fogão, pus a aliança num cordão de ouro em volta do pescoço. Quando Quintana nasceu e alguém deu a ela um anelzinho, eu o juntei com a aliança no cordão.

Aquilo parecia estar funcionando.

Ainda uso os anéis desse jeito.

— Você precisa é de um outro tipo de mulher — dizia eu muitas vezes para John, nos nossos primeiros anos de casamento.

Eu geralmente dizia isso na volta para Portuguese Bend, depois de jantarmos na cidade. Era o ataque inicial típico naquelas brigas que começavam quando a gente passava pelas refinarias da San Diego Freeway.

— Você devia ter se casado com alguém como a Lenny.

Lenny era a minha cunhada, casada com Nick. Ela sabia receber as pessoas, almoçava com os amigos, administrava a casa sem nenhum esforço, usava lindos *tailleuse* vestidos franceses, e estava sempre disponível para dar uma olhada numa casa, ou organizar um chá de

bebê, ou levar os visitantes que não eram da cidade para a Disneylândia.

— Se eu quisesse me casar com alguém como a Lenny, eu teria me casado com alguém como a Lenny — dizia ele, a princípio pacientemente, depois nem tanto.

Na realidade, eu não tinha a menor idéia de como ser uma esposa.

Naqueles primeiros anos, eu botava margaridas no cabelo, tentando adotar aquele visual tipo "noivinha".

Depois, eu e Quintana tínhamos saias kilt do mesmo xadrez, tentando fazer o tipo "jovem mãe".

Minha recordação desses anos é de que, tanto eu quanto John, estávamos improvisando, voando às cegas. Limpando uma gaveta recentemente, encontrei um arquivo bastante volumoso intitulado "Planejamento". O próprio fato de criarmos arquivos chamados de "Planejamento" já sugere o quão pouco a gente fazia isso. A gente também tinha "reuniões de planejamento", que consistiam em sentarmos-nos com blocos de papel, enunciando os problemas do dia em voz alta e depois, saindo para almoçar, sem fazer esforço para resolvê-los. Esses almoços eram bem festivos, como se fosse para comemorar um trabalho bem-feito. O Michael's, em Santa Mônica, era um lugar típico para isso. Neste arquivo de "Planejamento" em particular, encontrei várias listas de presentes de Natal dos anos setenta, algumas anotações referentes a telefonemas e, o que era o grosso do arquivo, muitas notas e anotações, datando também dos anos setenta, com estimativas de despesas e de renda. Um ar de desespero permeia as anotações. Tinha uma anotação feita para um encontro com Gil Frank em 19 de abril de 1978, quando estávamos tentando vender a casa de Malibu para pagarmos a casa de Brentwood Park, na qual a gente já tinha investido um sinal de cinquenta mil dólares. Não conseguíamos vender a casa de Malibu porque choveu a primavera inteira. Houve deslizamentos de terra. Interditaram a Pacific Coast Highway. Ninguém podia nem sequer ver a casa, a não ser quem morava no lado de Malibu

do deslizamento. Num período de várias semanas, tivemos apenas um interessado, um psiquiatra que morava em Malibu Colony. Ele deixou o sapato do lado de fora, na chuva, para "sentir o astral da casa". Andou descalço pelo chão de ladrilhos e disse ao filho dele, que depois relatou a Quintana, que a casa era "fria". Essa era a anotação feita em 19 de abril daquele ano: "Temos que admitir que não conseguiremos vender a casa de Malibu até o final do ano. Temos que admitir o pior para que qualquer avanço pareça melhor. "

Uma anotação feita uma semana depois, que eu só posso imaginar que tenha sido para uma "reunião de planejamento": "Discutir: saímos de Brentwood Park? Comemos os cinqüenta mil dólares?"

Duas semanas depois, estávamos voando para Honolulu, tentando escapar da chuva para poder pensar nas escassas opções que tínhamos. No dia seguinte à nossa chegada, quando voltamos de um mergulho, havia um recado: o sol tinha aparecido em Malibu e tivemos uma oferta dentro do valor que a gente tinha pedido.

O que nos animou a achar que um resort em Honolulu era o lugar ideal para resolver problemas de dinheiro?

Que lição tiramos do fato de a coisa ter funcionado?

Vinte e cinco anos depois, confrontados com uma recessão semelhante e, do mesmo modo, deixando para ver as coisas mais claramente em Paris, como a gente pôde considerar a viagem uma economia só porque tínhamos uma das passagens de graça no Concorde?

Na mesma gaveta de arquivos, encontrei alguns parágrafos que John havia escrito em 1990, no nosso vigésimo sexto aniversário de casamento. "Ela ficou de óculos escuros durante toda a cerimônia do nosso casamento na igreja da missão em San Juan Bautista, na Califórnia. Ela também chorou durante a cerimônia inteira. Saindo pelo corredor central da igreja, prometemos um ao outro que poderíamos sair dessa na semana seguinte, se a gente quisesse, sem ter que esperar até que a morte nos separasse."

Aquilo funcionou também. De algum modo, tudo funcionou.

Por que achei que essa improvisação nunca fosse acabar?

Se eu tivesse percebido que podia terminar, o que teria feito de diferente?

E o que ele teria feito?

## 20

Agora, neste momento, estou escrevendo ao se aproximar o final do primeiro ano. O céu em Nova York está escuro quando acordo às sete da manhã e escurece novamente por volta das quatro da tarde. Tem luzinhas coloridas de Natal no galho do pé de marmelo na sala de estar. Também havia luzinhas coloridas de Natal na sala de estar há um ano, na noite em que o fato aconteceu, mas na primavera, não muito depois de eu trazer Quintana para casa de volta da Universidade da Califórnia, os fios queimaram, as luzes se apagaram. Isso me serviu como um símbolo. Comprei outras luzes coloridas. Isso me serviu como uma declaração de fé no futuro. Aproveito as oportunidades para fazer estas declarações, onde e quando eu puder inventá-las, já que, na verdade, eu não sinto essa fé no futuro.

Percebo que perdi o traquejo para encontros sociais corriqueiros, que eu tinha há um ano, por mais subdesenvolvido que esse traquejo possa ter sido. Durante a convenção do Partido Republicano, fui convidada para uma festinha no apartamento de uma amiga. Fiquei contente em vê-la e em ver o pai dela, que era o homenageado da festa, mas achei difícil manter conversa com as outras pessoas. Notei, na minha saída, que havia agentes do Serviço Secreto, mas não tive paciência de ficar mais tempo para saber quem era a pessoa importante que estava para chegar. Numa outra noite, durante a convenção dos republicanos, fui a uma festa oferecida pelo New York Times, no edifício Time-Warner. Havia gardênias e velas flutuando em cubos de vidro. Não consegui me concentrar em ninguém com quem estivesse conversando.

Só conseguia me concentrar nas gardêneas sendo chupadas pelo filtro da piscina na casa de Brentwood Park.

Nessas ocasiões, me vejo tentando fazer um esforço, e falhando.

Notei que me levanto da mesa do jantar abruptamente demais.

Notei também que não tenho a resistência que tinha há um ano. Depois de um determinado número de crises, o mecanismo que inunda o sistema com adrenalina se esgota. A mobilização torna-se pouco confiável, lenta ou ausente. Em agosto e setembro, depois das convenções dos democratas e dos republicanos, porém antes da eleição, escrevi um texto pela primeira vez desde que John morreu. Era sobre a campanha. Era o primeiro texto meu desde 1963 que ele não tinha lido em forma de rascunho para depois me dizer o que estava errado, do que precisava, como dar uma levantada aqui, como baixar um pouco a bola ali. Nunca escrevi nenhum texto fluentemente, mas esse parecia estar levando mais tempo que o normal. Percebi, a uma certa altura, que eu não estava com vontade de terminá-lo, porque não havia ninguém para lê-lo. Fiquei o tempo todo dizendo a mim mesma que eu tinha uma data para entregar o trabalho, e que John e eu nunca tínhamos deixado nenhum furo em relação a isso. O que fiz para terminar esse texto foi o mais próximo que eu pude chegar de imaginar ter recebido uma mensagem dele. A mensagem era simples: Você é uma profissional Termine o texto.

Ocorreu-me que nos permitimos somente imaginar essas mensagens quando precisamos sobreviver.

A traqueostomia, agora reconheço, aconteceria comigo ou sem mim.

Quintana retomou a vida dela, o que, agora reconheço, aconteceria comigo ou sem mim.

Terminar este texto, o que significava retomar a minha própria vida, não era a mesma coisa.

Quando fui verificar o texto para publicação, fiquei estarecida e desestabilizada com a quantidade de erros que cometi, erros simples de transcrição, nomes e datas erradas. Disse a mim mesma que isso era

temporário, que era parte do problema da mobilização, mais um sinal daqueles déficits cognitivos que vêm com o stress ou com o luto, mas fiquei insegura. Será que eu ia ficar bem novamente? Será que eu poderia confiar em mim mesma novamente?

— Você tem sempre que estar com a razão? — ele tinha dito isso.

— Será que você não consegue considerar a possibilidade de que possa estar errada?

Cada vez mais, me pego me concentrando nas semelhanças entre esses dias de dezembro deste ano e os mesmos dias de dezembro de um ano atrás. Sob certos aspectos, aqueles dias de um ano atrás agora estão mais claros para mim. O foco está mais bem ajustado. Faço muitas das mesmas coisas. Faço as mesmas listas de coisas que não consegui fazer. Embrulho os presentes de Natal no mesmo papel fino colorido, escrevo as mesmas mensagens nos mesmos cartões-postais da lojinha do Whitney Museum, e prendo-os no papel fino colorido com os mesmos selos adesivos dourados. Preencho os mesmos cheques para os empregados do prédio, só que agora os cheques vêm apenas com o meu nome impresso neles. Eu não teria alterado os cheques (assim como não regravaria a mensagem da secretária eletrônica), mas me disseram que era essencial que o nome do John aparecesse apenas nas contas do inventário. Encomendo o mesmo tipo de presunto no Citarella. Preocupo-me do mesmo modo com relação ao número de pratos que eu vou precisar na véspera de Natal, contando-os e recontando-os. Mantenho uma consulta anual com meu dentista e percebo, colocando as escovas de dente que ele me dá de brinde na minha bolsa, que não vai ter ninguém me esperando na recepção, lendo os jornais até a gente poder ir tomar café no 3 Guys na Madison Avenue. A manhã fica vazia. Quando passo pelo 3 Guys, olho para o outro lado. Uma amiga me convida para irmos juntas ouvir as canções de Natal na igreja Saint Ignatius Loyola, e voltamos andando para casa no escuro e na chuva. Naquela noite, cai a primeira neve, foi só uma poeirinha, não houve

nenhuma avalanche rolando do telhado da igreja de Saint James, como no dia do meu aniversário, há um ano.

Meu aniversário, há um ano, quando ele me deu o último presente que pôde me dar.

Meu aniversário, há um ano, quando ainda lhe restavam vinte e cinco noites para viver.

Na mesa em frente à lareira, noto alguma coisa fora do lugar na pilha de livros mais próxima da poltrona na qual John se sentava para ler quando acordava no meio da noite. Deixei deliberadamente essa pilha intocada, não por um impulso de construir altares, mas porque eu não acreditava que pudesse me dar ao luxo de examinar o que ele lia de madrugada. Alguém colocou no alto da pilha, num equilíbrio precário, um livro ilustrado bem grande, *The Agnelli Gardens at Villar Perosa*. Tiro-o do lugar. Embaixo dele está um livro bastante sublinhado, escrito por John Lukacs, intitulado *Cinco dias em Londres*, no qual há um marcador de páginas plastificado onde está escrito, numa caligrafia infantil: "John — boa leitura para você — do John, 7 anos." Fico, a princípio, intrigada com o marcador que, por debaixo do plástico, está salpicado de purpurina cor-de-rosa, e depois me lembro: todos os anos, a Creative Artists Agency "adota", como um projeto de Natal, um grupo de alunos de uma escola primária de Los Angeles, e cada aluno cria uma lembrança para um determinado cliente da CAA.

Ele deve ter aberto o pacote da CAA na noite de Natal.

E deve ter enfiado o marcador em qualquer livro que estivesse por cima daquela pilha.

Ele ainda teria cento e vinte horas de vida.

Como ele teria escolhido viver essas cento e vinte horas?

Embaixo do *Cinco dias em Londres*, havia um exemplar da *New Yorker* de 5 de janeiro de 2004, que deve ter sido entregue no nosso endereço no domingo, 28 de dezembro de 2003. Nesse dia, de acordo com a agenda do John, jantamos em casa com Sharon DeLano, que já tinha sido a editora dele na Random House e que atualmente era a editora dele na *New Yorker*. Jantamos na mesa da sala de estar.

Segundo o meu caderninho de anotações da cozinha, comemos linguini à bolonhesa com uma salada. Também tinha queijo e uma baguette. Naquela altura, restavam a ele quarenta e oito horas de vida.

Em primeiro lugar, o porquê de eu não tocar na pilha de livros foi alguma premonição relacionada a este cronograma.

— Eu acho que não estou pronto para encarar isso — ele tinha dito no táxi, de volta do Beth Israel North, naquela noite ou na noite seguinte. Ele estava se referindo ao estado no qual mais uma vez deixamos Quintana no hospital.

— Você não tem escolha — eu disse no táxi.

Fico pensando, desde então, se ele teve escolha.

## 21

Ela ainda continua bonita — disse Gerry ao sairmos (eu, ele e John) do CTI do Beth Israel North, onde Quintana estava.

— Ele disse que ela ainda estava bonita — disse John dentro do táxi. — Você ouviu ele dizer isso? Que ela ainda está bonita? Ela está deitada lá, toda inchada e com aqueles tubos saindo de dentro dela e ele diz...

Ele não conseguiu continuar...

Isso aconteceu numa daquelas noites no final de dezembro, alguns dias antes de ele morrer. Se isso ocorreu no dia 26, 27, 28 ou 29, não tenho a menor idéia. Não foi no dia 30, porque naquele dia Gerry já tinha saído do hospital na hora em que a gente chegou lá. Percebo que, durante os últimos meses, grande parte da minha energia foi gasta no esforço de contar, de trás para frente, os dias e as horas. No momento em que ele disse, no táxi, voltando do hospital, que tudo o que tinha feito não tinha valor, será que ele ainda tinha três horas de vida, ou tinha vinte e sete? Será que ele sabia que lhe restavam poucas horas, será que ele sentiu que já estava indo, será que ele estava dizendo que não queria ir? "Não deixa o Homem Quebrado me pegar", Quintana dizia quando acordava no meio de um pesadelo, um dos



"ditos" que John guardava na caixa e que ele usou para a Cat em Dutch Shea, Jr. Eu tinha prometido a ela que a gente não ia deixar o Homem Quebrado pegá-la.

Você está a salvo.

Eu estou aqui.

Eu acreditava que a gente tinha esse poder.

E agora, o Homem Quebrado estava no CTI do Beth Israel North esperando por ela, e o Homem Quebrado estava nesse táxi esperando pelo pai dela. Mesmo com três ou quatro anos, ela já havia percebido que, quando se tratava do Homem Quebrado, ela só podia confiar na própria força: "Se o Homem Quebrado vier me pegar, vou me agarrar na cerca e não vou deixar ele me levar."

Ela se agarrou na cerca. O pai dela, não.

Digo-te que não viverei dois dias.

O que dá àqueles dias de dezembro um tom mais intenso é o modo como eles terminaram.

## 22

*Sendo neta de um geólogo, aprendi desde cedo a considerar a mutabilidade das montanhas, das cachoeiras e até das ilhas como algo que se espera que aconteça. Quando uma montanha desaba dentro do oceano, vejo a ordem nisso. Quando um terremoto atinge o nível 5. 2 na escala Richter e faz balançar a minha mesa de trabalho no meu próprio escritório, na minha própria casa, na minha própria rua, a Welbeck Street, eu continuo escrevendo. Uma montanha é uma acomodação transicional para o stress, e o ego pode ser uma acomodação semelhante. Uma cachoeira é um desajuste autocorretor da corrente para poder se estruturar e, sendo assim, pelo que eu sei, é uma técnica. A própria ilha para a qual Inez Victor retornou na primavera de 1975 — Oahu, uma massa de terra emergente pós-erosiva ao longo da Dorsal do Havai— é uma estrutura temporária e cada chuva ou*

*tremor ao longo das placas do Pacífico altera a sua forma e encurta sua existência na posição de "Encruzilhada do Pacífico". Vendo as coisas sob este prisma, é difícil manter convicções definidas sobre o que aconteceu lá embaixo na primavera de 1975, ou antes disso.*

Este trecho foi tirado das primeiras linhas de um romance que escrevi no início dos anos oitenta chamado Democracia. John é que deu o título a ele. O livro tinha começado como uma comédia de situações familiares cujo título era "Visitas dos anjos", expressão definida pelo Brewer's Dictionary of Phrase and Fable como um "intercâmbio delicioso, de curta duração e de rara ocorrência", mas, quando ficou claro que o livro estava indo numa outra direção, continuei escrevendo sem pensar em dar um título a ele. Quando terminei, John leu e disse que eu devia dar o título de Democracia. Fui examinar aquele trecho depois que o terremoto de nível 9.0 na escala Richter ao longo de uma faixa de quase mil quilômetros na região de subdução de Sumatra desencadeou o tsunami que varreu do mapa grandes áreas litorâneas banhadas pelo oceano Índico.

Não consigo deixar de pensar nesse acontecimento.

Não há nenhum vídeo daquilo que eu estou tentando imaginar. Não imagino praias nem piscinas inundadas, nem saguões de hotel destruídos, como galhos apodrecidos numa tempestade. O que eu quero ver aconteceu debaixo da superfície. A placa da Índia se partindo ao ser empurrada para baixo da placa da Birmânia. A corrente varrendo tudo sem ser vista através das águas profundas. Não tenho um mapa do assoalho do oceano Índico, mas posso distinguir o contorno geral, mesmo no meu globo terrestre de papelão. Setecentos e oitenta metros de distância de Banda Aceh. Dois mil e trezentos metros entre Sumatra e o Sri Lanka. Dois mil e cem metros entre as ilhas Andaman e a Tailândia e depois vai se tornando um extenso banco de areia na direção de Phuket. O momento em que a velocidade da corrente invisível diminuiu ao se encontrar com a plataforma continental. O acúmulo de água na base da plataforma que fez transbordar.

*Como era no princípio, como é agora e como sempre será, um mundo sem fim.*

Neste momento em que estou escrevendo, a data é 31 de dezembro de 2004, um ano e um dia depois do ocorrido.

No dia 24 de dezembro, véspera de Natal, convidei algumas pessoas para jantar, do mesmo modo que eu e John tínhamos feito no ano anterior. Disse para mim mesma que estava fazendo isso por Quintana, mas também estava fazendo isso por mim, uma promessa de que não ia passar o resto da minha vida como se fosse um caso especial, uma hóspede da vida, alguém que não sabia se virar sozinha. Acendi a lareira e as velas, botei os pratos e os talheres em cima do bufê da sala de jantar. Separei uns discos: Mabel Mercer cantando Cole Porter, Israel Kamakawiwoole cantando Over the Rainbowy e uma pianista israelense chamada Liz Magnes tocando Someone to Watch Over Me. John e eu já nos sentamos ao lado da Liz Magnes uma vez num jantar na legação de Israel e ela já havia enviado a ele o disco, um concerto com canções de Gershwin que dera em Marrakech. Em Jerusalém, no King David Hotel, durante o período do protetorado britânico, este disco era para John especialmente interessante porque recuperava um mundo desaparecido. Para ele, era como uma reverberação da Primeira Guerra Mundial, além de sugerir vários drinks. John se referia a ele como a "Música do Protetorado". Ele o tinha posto para tocar enquanto estava lendo antes do jantar, na noite em que morreu.

Por volta das cinco da tarde do dia 24, cheguei a pensar que não ia segurar a onda da noite, mas, quando chegou a hora, as coisas aconteceram naturalmente.

Susanna Moore mandou colares de flores de Honolulu para a filha dela, Lulu, para Quintana e para mim. Nós botamos os colares. Uma outra amiga trouxe uma casinha de pão de mel. Havia muitas crianças. Botei a música do "Protetorado" para tocar, porém o nível do barulho estava tão alto que ninguém ouviu a música.

No dia 25 de manhã, recolhi os pratos e os talheres e, de tarde, fui à igreja Saint John the Divine, onde havia muitos turistas japoneses. Sempre havia turistas japoneses naquela igreja. Na tarde em que Quintana se casou, havia turistas japoneses tirando fotos dela e de Gerry saindo do altar. Na tarde em que depositamos as cinzas do John na capela perto do altar-mor, um ônibus (vazio) de turistas japoneses tinha pegado fogo lá fora, formando uma coluna de chamas na Amsterdam Avenue. No dia de Natal, a capela estava bloqueada por causa das obras de reconstrução da catedral. Um segurança me levou até lá. A capela estava vazia, havia apenas os andaimes. Abaixei-me para passar por debaixo do andaime e cheguei até a placa de mármore com o nome do John e da minha mãe. Pendurei o colar de flores numa das barras de metal que fixam a placa de mármore na parede e depois saí da capela, voltando à nave e saindo pelo corredor central, em direção ao vitral com a rosácea.

Enquanto andava, mantive meus olhos fixos no vitral, meio cega pelo brilho, mas determinada em manter meu olhar fixo até que eu captasse o momento no qual o vitral ia explodir de tanta luz, enchendo todo o campo de visão com a cor azul. O Natal das canetas Buffalo, do despertadorzinho preto e dos fogos por todo o céu de Honolulu, o Natal de 1990, aquele em que John e eu tivemos que reescrever às pressas os diálogos de um filme que nunca foi produzido, tinha a ver com aquele vitral. Nós tínhamos imaginado o desfecho daquele filme na igreja de Saint John the Divine. Tínhamos colocado uma bomba de plutônio no campanário (apenas o protagonista sabia que o artefato estava na igreja e não nas torres do World Trade Center), estilhaçando, sem que ninguém pudesse prever, a grande rosácea de vidro colorido. Nós tínhamos enchido a tela de azul naquele Natal.

Percebo, no momento em que escrevo isto, que não quero terminar este relato.

Eu também não queria terminar o ano.

A loucura está diminuindo, mas não vejo nenhuma clareza tomando o lugar dela. Procuro soluções e não encontro. Eu não queria

terminar o ano porque sei que, à medida que os dias passam e janeiro se torna fevereiro, e depois se torna verão, certas coisas vão acontecer. A imagem que tenho do John na hora da morte vai se tornar menos imediata, menos crua. Vai se tornar algo que aconteceu em outro ano. A minha sensação do John, do John vivo, vai se tornar mais remota, até ser "embaçada", amaciada, transmutada em qualquer coisa que sirva melhor à minha vida sem ele. Na realidade, isso já está começando a acontecer. O ano todo, fiquei marcando o tempo pelo calendário do ano passado: o que a gente estava fazendo nesse mesmo dia no ano passado; onde é que a gente jantou; foi esse o dia em que, no ano anterior, fomos para Honolulu depois do casamento de Quintana; é o dia em que faz um ano que voltamos de Paris; será esse o dia? Percebi hoje, pela primeira vez, que a minha memória desse mesmo dia, um ano antes, é uma memória que não envolve John. O dia de hoje, há um ano, era 31 de dezembro de 2003. John não viu esse dia, no ano passado. Ele tinha morrido.

Eu estava atravessando a Lexington Avenue quando isso me ocorreu.

Eu sei por que tentamos manter vivos os mortos. Tentamos mantê-los vivos para mantê-los conosco.

Sei também que, se a gente vai continuar vivo, chega uma hora em que a gente tem que abandonar os mortos, deixá-los ir, mantê-los mortos.

Deixar que eles se tornem uma fotografia em cima da mesa.

Deixar que eles se tornem um nome nas contas do inventário.

Soltar-se deles na água.

Saber disso não torna mais fácil soltar-se do John na água.

Na verdade, hoje na Lexington Avenue, a constatação de que a nossa vida em comum vai gradualmente deixando de ser o centro de todos os meus dias, parecia ser tão claramente uma traição, que eu perdi completamente a noção do trânsito que passava na avenida.

Pensei em deixar o colar de flores na igreja Saint John the Divine.

Uma lembrança do Natal em Honolulu quando a gente encheu a tela de azul.

Na época em que as pessoas ainda costumavam viajar nos navios da Matson Lines, o costume em Honolulu era, na hora da partida, lançar os colares de flores na água, numa promessa de que o viajante iria voltar um dia. Os colares eram chupados pela esteira formada pelas hélices do navio, despedaçando-se e ficando marrons, do mesmo modo que as gardênias no filtro da piscina da casa de Brentwood Park tinham ficado despedaçadas e marrons.

Outro dia de manhã, quando acordei, tentei me lembrar da disposição dos quartos em Brentwood Park. Imaginei-me andando por eles, primeiro no térreo e depois no primeiro andar. Mais tarde, durante o dia, percebi que tinha esquecido um deles.

O colar que eu havia deixado em Saint John the Divine já devia estar seco e marrom a esta altura.

As flores secam, as placas tectônicas se acomodam, as correntes profundas se movimentam, as ilhas desaparecem, os quartos ficam esquecidos.

Fui à Indonésia, à Malásia e a Cingapura com o John em 1979 e 1980.

Algumas ilhas que antes existiam ali, hoje estão desaparecidas, transformadas em bancos de areia.

Lembrei-me de quando eu nadava com ele para dentro da gruta em Portuguese Bend. Lembro da onda de água clara e do modo como ela mudava, a rapidez e a potência que ela ganhava quando se estreitava através das pedras na base do pontal. A maré tinha que estar na altura certa. Tínhamos que estar na água no exato momento em que a maré estivesse no ponto certo. Só deu para fazermos isso uma meia dúzia de vezes durante os dois anos em que moramos lá, mas é disso que eu me lembro. Todas as vezes que a gente ia nadar perto da gruta, eu ficava com medo de perder a onda, fazer o cálculo errado e acabar ficando para trás. O John nunca teve esse medo.

— Você tem que sentir a mudança da onda. Você tem que, ir junto com a mudança.

Ele me disse isso.

Ninguém viu, mas ele de fato me disse isso.



